



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

– Cante Alentejano –

A Identidade Social Alentejana Estudada Através do Cante Alentejano

Lígia Tatiana Rosado Ventura
Nº 14786

Orientador de Dissertação:
Professor Doutor Virgílio Amaral

Coordenador de Seminário de Dissertação:
Professor Doutor Virgílio Amaral

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA SOCIAL E ORGANIZACIONAL

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutor Virgílio Amaral, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Gostava de começar por fazer um especial agradecimento ao Professor Doutor Virgílio Amaral, orientador de tese, por todo o apoio, paciência, incentivo, disponibilidade, pelo seu interesse e pela sua amizade, durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os que contribuíram para que fosse possível fazer este trabalho, um muito obrigada. Sem a sua disponibilidade e boa vontade em partilhar comigo as suas histórias pessoais, não seria possível fazer a recolha de tão preciosos conhecimentos.

À minha família, agradeço com especial carinho. Obrigada pelo apoio, pela preocupação e paciência, e obrigada pela compreensão pelo tempo ausente necessário para a realização deste trabalho.

Ao João agradeço, a sua ajuda, disponibilidade, preocupação, e acima de tudo o seu carinho. Por partilhar comigo o mesmo desejo de crescimento pessoal e profissional, e nunca ter deixado de me dar o seu apoio.

A todos presto os meus mais sinceros agradecimentos.

Resumo

Este trabalho teve como objectivo conhecer a história do cante alentejano desde há cinquenta/sessenta anos a esta parte. Pretendeu-se saber como era o cante alentejano e como é ele hoje; qual a avaliação e a atitude dos jovens em relação ao cante alentejano; e saber a avaliação que tanto as pessoas mais velhas como os mais jovens fazem do futuro do cante alentejano. Ao estudar como era vivido o cante alentejano há alguns anos atrás e como é vivido hoje, tornou-se possível conhecer um pouco da história do povo alentejano, a forma como viviam e como vivem, como encaram as dificuldades e os momentos de alegria, as restantes tradições, os seus sentimentos e pensamentos, ou seja, permitiu conhecer os conteúdos identitários do ponto de vista social, quer das pessoas mais velhas, quer das pessoas mais novas. Para realizar este trabalho recorreu-se à colaboração de cinco participantes, que se dividiram em dois grupos, um composto por três participantes mais velhos e o outro por dois participantes mais jovens. Todos os participantes fizeram parte de grupos corais alentejanos. Para recolher de informação procedeu-se ao método da entrevista não estruturada, tentando que se tratasse de uma conversa o mais informal possível, semelhante à entrevista de história de vida. Os resultados das entrevistas revelam que existem diferenças no cante alentejano. Enquanto que antes as pessoas se juntavam para cantar, nos mais diversos contextos, hoje praticamente só se junta para cantar quem faz parte de um grupo coral alentejano. Houve também alteração ao longo do tempo em relação aos motivos que levam as pessoas a cantar. A atitude das pessoas mais velhas em relação ao cante alentejano não difere significativamente da atitude dos mais jovens, sobressaindo apenas alguns aspectos relacionados com a experiência de vida. Em relação ao futuro, a atitude de ambos os grupos revela ser unânime, sendo da opinião de que o futuro do cante alentejano aparenta estar em risco, principalmente devido ao comportamento de indiferença por parte dos mais jovens. Por último, no que se refere à identidade social, as pessoas mais velhas revelaram uma maior percepção de si enquanto membros de um grupo, em comparação com os mais jovens que revelaram uma percepção mais individual.

Palavras-chave: Alentejo; Cante Coral Alentejano; Identidade Social.

Abstract

This work aimed to know the history of traditional music from Alentejo “Cante Alentejano” from fifty / sixty years this part. We wanted to know how was the this music and how it is today; which the evaluation and attitude of young people regarding the “Cante Alentejano”; and know the assessment that both older people and younger people are the future of this singular tradition. By studying how it was practiced this “Cante Alentejano” a few years ago and how it is lived today, it became possible to know a bit about the history of the people from Alentejo, the way they lived and how they live, how they face difficulties and moments of joy, other traditions, their feelings and thoughts, that is allowed to know the identity of the content point of view, either older people or younger people. To accomplish this work recourse to the collaboration of five participants, who were divided into two groups, one composed of three older participants and the other by two younger participants. All participants took part in choirs Alentejo. To collect information carried to the method of unstructured interview, they were trying to get a conversation as informal as possible, similar to the interview of life history. The interview results show that there are differences in this kind of music. Where once people gathered to sing in many different contexts, today almost exclusively joins to sing who is part of a choir Alentejo. There was also change over time in relation to the reasons that lead people to sing. The attitude of older people in relation to the “Cante Alentejano” not significantly different from the attitude of the young, standing only a few aspects of life experience. In the future, the attitude of both groups revealed to be unanimous, and the view that the future of this music appears to be at risk, mainly because of the attitude of indifference on the part of young people. Finally, with regard to social identity, older people showed greater awareness of themselves as members of one group compared to younger people who showed a more positive individual.

Key-words: Alentejo, Alentejo Sing Way “Cante Alentejano”; Social Identity.

Índice

Introdução	1
O Alentejo e o Cante Alentejano...	1
Grupos e Identidade Social...	9
Entrevista Biográfica	12
Método	14
Participantes	14
Instrumentos	14
Tipo de Estudo e Questões de Investigação	16
Procedimentos de Campo	16
Procedimentos Analíticos	17
Resultados	19
Os mais velhos...	20
Os mais jovens...	28
Discussão de Resultados	34
Referências Bibliográficas	39
Anexos	41
Anexo A – Guiões de Entrevistas	42
Anexo B – Entrevistas	45
Anexo C – Listas de Temas Abordados nas Entrevistas	90
Anexo D – Definição das Categorias dos Temas Abordados nas Entrevistas	93
Anexo E – Quadros Temáticos	97
Anexo F – Glossário	125

Índice de Quadros

Quadro 1. Categorias dos Temas Abordados nas Entrevistas	19
---	----

Introdução

Homens e mulheres, gentes desta terra, de rosto queimado e suado, seguem caminhos de pó, rumo ao destino ceifado. Velha terra coberta de ouro, cujas barbas dançam com o vento, traz-nos ecos de murmúrios, de cânticos de outro tempo...

O número de pessoas que participam nos grupos corais alentejanos é cada vez menor. Estes grupos são constituídos por pessoas com uma idade mais avançada e os jovens continuam a não aderir a este tipo de música. Com este cenário o futuro do cante alentejano mostra-se preocupante. É difícil fazer passar este conhecimento para a geração seguinte, se os jovens não se sentem motivados para aprender e as pessoas mais velhas não têm oportunidade de passar esta tradição.

As tradições, quando não são passadas para as novas gerações, ou quando não ficam registadas, correm o risco de cair no esquecimento. Uma das formas de fazer com que as tradições continuem vivas é recolher documentos e relatos sobre estes costumes.

Saber como era a vida no Alentejo, como era o cante alentejano e fazer uma perspectiva do futuro do cante, permitirá construir um panorama sobre o evolução que o cante alentejano sofreu.

O Alentejo e o Cante Alentejano...

O Alentejo confiou aos seus conterrâneos uma enorme herança, que os enriquece tanto histórica, como pessoalmente, confiou-lhes o Cante Alentejano. O cante alentejano faz parte da vida de cada um, mesmo dos mais descrentes, basta perguntar, quem no Alentejo não se recorda de ouvir os seus pais ou os seus avós a contar os seus dias de árduo trabalho no campo, a contar as peripécias da sua juventude ou a murmurar algumas das cantigas alentejanas?

Antes de mais, é importante distinguir entre música folclórica e música popular, para que seja possível distingui-las, ou melhor dizendo, para não as confundir, julgando serem as duas a mesma coisa. A música popular é feita por quem conhece música, pode-se dizer que é a chamada música ligeira portuguesa, como é o caso da canção. A música folclórica tem

origem no povo, é feita por pessoas que não estudaram música, é o caso dos viras, dos corridinhos e é também o caso dos cantes alentejanos (Marvão, 1997).

A origem do folclore musical alentejano, é muito difícil de decretar, basta ver as inúmeras teorias da sua proveniência. A primeira, defende que o cante alentejano não foi ensinado por ninguém, surgindo de forma espontânea, é o povo com a sua criatividade e colocando o coração a falar através da música que criou esta forma de cantar. A segunda, em oposição à primeira, diz que o povo não cria, o povo apenas transforma e adapta outras músicas já existentes. Muitos crêem que o cante alentejano teve origem no Fátima-Bordão (século XIV), pois tal como este estilo, o cante alentejano é cantado a duas vozes, uma que canta e faz a melodia (que corresponde ao Ponto) e outra que canta em intervalos, num tom alto e de forma floreada (que corresponde ao Alto). Uma outra teoria é a de que o cante alentejano tem origem nos antigos modos gregorianos, pois o cante alentejano é constituído por sucessivas escalas descendentes e independentes. A influência da música eclesiástica também se encontra no cante alentejano, no ritmo e pausa para respirar, o chamado soluço. É difícil saber quando surgiu e onde surgiu o cante alentejano, por exemplo, no século XV, em Évora existia uma escola de polifonia clássica (no ano de 1430), e em Serpa foi fundado um convento de frades paulistas (em 1440), que foram responsáveis pela abertura de escolas de canto popular naquela região (Marvão, 1966). Teria sido a sua origem no povo, no conhecimento que este adquiriu com o passar de vários costumes, ou teria sido ensinado por uma elite, de estudantes e conhecedores de música? Segundo o antropólogo Luís Filipe Maçarico (2000), existem outros autores que partilham de ideias, fontes e estudos com resultados um pouco diferentes dos apresentados anteriormente. Segundo Maçarico (2000), Graça (1973) refere que “Em nenhuma outra música folclórica portuguesa são estas sobrevivências gregorianas tão sensíveis como na música do Alentejo”, ideia esta contrariada por Pinheiro (1996), “Mais do que o povo alentejano, foi o povo do norte o mais influenciado pela igreja e dele não saiu qualquer canção que possa comparar-se com a harmonia do canto alentejano”, e por Padre Cartageno (1998), “não acredito muito na tese dos que defendem que o canto alentejano vem do canto gregoriano”. Ainda citando Maçarico (2000), o Padre Cartageno (1998) em relação à possível influência árabe na música alentejana defende que “É muito provável que sim, uma vez que a sua permanência foi muito longa no sul do país”, ideia oposta à do Padre Marvão (1997), “não recebemos qualquer influência musical dos árabes”. Logo, como é possível ver, são muito divergentes as opiniões e as direcções dos estudos sobre a origem do folclore alentejano, sobre a sua origem cronológica e geográfica.

Uma das formas de tentar chegar à sua origem, ou mesmo que tal não seja possível, pelo menos para garantir que esta arte não se esquecerá, e que fique registada, é recolher o maior número possível de canções alentejanas. Esse trabalho tem sido levado a cabo há já algum tempo. O Conselho Musical do Conservatório Real de Lisboa, passou uma circular através da Revista do Conservatório Real de Lisboa, em Maio de 1902, informando que iria “(...) proceder á colheita das canções populares portuguesas com o fim de organizar em bases seguras o repositório do nosso riquíssimo Folk-lore musical (...)”, pedindo que esta recolha fosse “(...) a mais fiel e completa possível, dando o maior numero de variantes da mesma canção e a sua distribuição geographica(...)”. De forma a ter um material o mais fiel possível da realidade, o Conservatório pede que a recolha seja feita de forma a que “(...) as suas versões dêem, mera e exactamente, a melodia tal qual o povo a canta, ou toca. (...) registando-se simplesmente as melodias taes como ellas são apresentadas pelo povo(...)”. Para enquadrar as canções, a recolha tem de ser “(...) acompanhada da designação da localidade em que foi colhida e da época ou festa em que o povo habitualmente a canta ou toca, assim como dos instrumentos com que a acompanha (...)” (Nazaré, 1986). Medidas como estas são uma das formas de não se perder as tradições das diferentes regiões portuguesas. Através da recolha de músicas e de histórias de vida, consegue-se ter na primeira pessoa um testemunho real dessas tradições.

O cante alentejano é cantado a várias vozes, cada conjunto de vozes, ao seu tempo e com os seus tons, ou timbres de voz, diferentes. O cante alentejano é composto pelo Ponto, que apresenta o tema da canção através de uma cantiga, o Alto, que introduz a moda, com um tom de voz mais acentuado que o restante grupo, e por fim o Coro, mais conhecido por Baixo, que envolve o grupo na sua totalidade (ponto, alto e restante grupo). Em relação à estrutura do texto poético da canção, trata-se de um poema, composto por estrofes (quadras ou quintilhas), onde o primeiro verso é cantado pelo ponto, os dois seguintes pelo alto e os restantes versos pelo baixo (Maçarico, 2000).

Hoje o cante alentejano é cantado por grupos corais, as canções continuam mais ou menos as mesmas, as pessoas que cantam continuam mais ou menos com o mesmo sentimento em relação ao cante, mas os sítios, esses já são outros. Hoje cantasse em festas, em encontros culturais, fazem uma demonstração em cortejo pelas ruas, cantam num palco e raramente alguém se junta numa taberna, ou vão passeando pelas ruas em grandes grupos de homens, já ninguém canta no trabalho... Não há muito tempo, no tempo dos nossos bisavós e avós, apenas há cinquenta/ sessenta anos, a realidade era bastante diferente dos dias de hoje. O trabalho no Alentejo era na sua quase totalidade no campo, nas mondas, na ceifa e debulha,

e eram nesses momentos em que os alentejanos cantavam. Nas horas em que o trabalho dava lugar ao descanso, era nas “vendas”, ou tavernas, que os homens se juntavam e cantavam, nos largos, nas praças, nas casas do povo. Esses encontros de homens passava o limite das paredes e iam para as ruas, juntavam-se alguns homens, decidiam quem era o ponto e o alto, e caminhavam vagarosamente pelas ruas das aldeias e vilas, cantando impressionantes cantigas, algumas delas cantigas de amor, quando passavam à rua da amada. Maçarico (2000) conta, “pelas noites quentes de Verão os homens juntam-se em grupos e cantam horas e horas a fio belos corais dolentes, carregados de profunda melancolia, do mais belo que existe em Portugal”. Uma revista, de nome “A Tradição - Serpa”, datada de Janeiro de 1902, publica um artigo sobre os cantares alentejanos, sobre as horas em que os trabalhadores do campo descansam, “Essa pobre e sofredora gente, que leva a vida inteira a moirejar (...) à chuva, ao sol, ao frio, encontra no canto coral como que um doce lenitivo à rudeza do labor que a subjuga desde o berço até à sepultura. E assim, quando os ócios lh’o permitem, eil-os agrupados, os rijos operários do campo, e a percorrerem mansamente as ruas da povoação em estridulo cantar.”. Neste artigo falam sobre os encontros em alturas de festa, “Os grupos de cantadores atingem às vezes enormes proporções. Assim ocorre, geralmente, por ocasião das festas religiosas (...)”, e ainda sobre o tempo em que trabalham no campo, “(...) pelo apanho da azeitona, quando se realiza alguma diafa. N’estas festas semi-pagãs – as diafas – que bem que podemos qualificar de verdadeiras festas de trabalho, não é raro que os grupos reúnam tresentas ou quatrocentas pessoas, d’ambos os sexos.” (Nazaré, 1986). Hoje já nada disto é possível, cantar à alentejana, passou a ser um encontro organizado, um encontro de ensaios e de actuações públicas, onde já não faz parte todo o povo alentejano, mas apenas os membros do grupo coral.

Os temas das cantigas são muito variados. Os alentejanos cantam a todo o tipo de sentimentos e acontecimentos que fazem parte do seu dia-a-dia, cantam à dor e à tristeza, à alegria, ao orgulho, à saudade, ciúme, inveja e melancolia. Cantam à flora e fauna, aos trabalhos do campo e às estações do ano. Muitas das cantigas têm como objectivo o humor, a ironia, o sarcasmo, a disputa ou o desafio (Pereira, 1997). As cantigas alentejanas têm também um lado mais triste, cantam à terra e ao amor, revelam as suas queixas amorosas “(...) d’uma ternura sem esperança, e uma espécie de geographia de alma, expressa na lembrança da terra (...), dos logares em que nasceram.” (Nazaré, 1986). Em relação à religião, eles têm a sua forma própria de encarar o assunto, “Os alentejanos crêem nas leis naturais (...)”, por isso não se seguem por instituições religiosas, pelas suas crenças e cultos (Maçarico, 2000). Dos temas que mais se encontram nas cantigas alentejanas, a laranja é a

fruta mais cantada; Maria é o nome mais pronunciado; e a rosa é a flor mais falada. Tudo serve para transmitir um sentimento de amor e de saudade. O povo alentejano, apesar de todas as dificuldades pelas quais passou, nunca cantou a sua revolta. O cante alentejano servia para retratar “(...) o trabalho, o descanso, a alegria e a tristeza, a vida e a morte (...)” (Marvão, 1997).

O cante alentejano “(...) é um canto viril, próprio de personalidades fortes (...)”, por isso era um cante quase exclusivo dos homens. Com a evolução da sociedade, e com os direitos que as mulheres passaram a adquirir, elas passaram a poder cantar com os homens, em alturas de festa, “(...) nos “balhos”, nos “mastros”, na Igreja ou nas romarias.” (Marvão, 1997). Incluir as vozes femininas no cante alentejano, quer nos grupos com os homens, quer em grupos apenas constituídos por mulheres, veio valorizar o cante alentejano. Segundo Marvão (1966), a presença das vozes femininas no cante alentejano contribui de uma “(...) forma admirável para dar ao cante um timbre de que ele não podia dispor sem elas, e que o completa”. Hoje as mulheres cantam livremente, em festas, em casa, ou quando se juntam em acontecimentos sociais, em pequenos grupos femininos, ou mesmo na presença dos homens e juntamente com estes.

Apesar das gentes do Alentejo serem pessoas sofridas, reservadas, de carácter forte, nunca deixavam de agarrar os momentos alegres e tentavam tornar, sempre que possível, os seus dias, em dias de alegria e de festa. Um dos pontos que nos revela esta presença de alegria nas suas vidas era, por exemplo, na forma como se vestiam, nos trajos que usavam no trabalho e nas festas. Quer homens, quer mulheres, todos se vestiam com “(...) os seus garridos trajos campesinos (...)” (Nazaré, 1986). Os homens vestiam a calça de cotim, ceroulas bancas de pano-cru, e meias de cores garridas. Vestiam uma camisa de riscado e sobre esta, uma camisola geralmente azul, de quadradinhos miudinhos, e sobre as camisas vestiam um colete. Usavam uma cinta preta, grosseira durante a semana e de seda nos dias de festa, e que servia para apertar as calças, ao invés de usarem uma correia de cabedal ou uns suspensórios. Por último, vestiam uma jaqueta enfeitada com cordões, usavam um lenço de algibeira grande, de corres garridas, na sua maioria vermelho, e um relógio de bolso com corrente, em prata ou em ouro. Calçavam umas botas de cabedal branco, sempre bem untadas com “cêbo de Holândia”. Quem quisesse usava uma samarra sobre os ombros, e os safões, uma protecção que é atada à cintura e que cobre todas as pernas. Para o trabalho usavam um chapéu grande, de abas largas, de pontas viradas para cima, e um gorro preto, com grandes borlas na ponta. As mulheres usavam saias compridas, até mesmo aos pés, com muita roda, feitas de cambraia, flanela ou de riscado. Vestiam casacos ou blusas de riscado, por fora ou por dentro da saia, e um avental

sobre a saia, quase com o mesmo tamanho desta, são de cores bizarras e enfeitados com rendas. As meias dão sempre muito nas vistas, pois combinam várias cores. As botas são altas, de cabedal, até ao joelho. Usavam ainda, um chapéu de abas largas, semelhante ao dos homens e um xaile preto. Em dias de festa, usavam colares, braceletes, brincos, travessões nos cabelos, e um pregador ao peito com a fotografia do amado (Pereira, 1997).

Desde 1926, com o Estado Novo, até à Revolução de 25 de Abril, Portugal enfrentou uma dura fase de ditadura, o povo era pobre, tinha fome e estava sujeito a uma forte repressão física e ideológica-cultural. Qualquer que fosse o comentário ou a revolta ao sistema estava sujeito a um controle social apertado e a repressão. A polícia política, com a sua vasta rede de informadores, espalhados por todos os locais, tinha total liberdade para prender, sem justificação plausível, quem ousasse revoltar-se. As pessoas eram pobres e a comida escasseava, quem nunca ouviu falar “no tempo em que era nova, na minha casa era uma sardinha dividida para duas pessoas, e era o nosso almoço, com um bocadinho de pão...”? Talvez por causa dessa repressão, evocar no cante alentejano a pobreza, a fome e as dificuldades, raramente tivesse acontecido, pois isso significaria denunciar o que o povo sentia, o que o povo sofria. Talvez também pela sua personalidade, pela honra do homem alentejano, pelo seu orgulho e força, isso o impedisse de evocar situações que considerasse para si humilhantes (a pobreza, a fome e a falta de liberdade). Todas as palavras eram estudadas ao mais ínfimo pormenor, qualquer que fosse a palavra ou a frase que pudesse querer mostrar vontade de liberdade ou desgosto, fazia com que essa cantiga fosse proibida. O Estado Novo na tentativa de moldar a sociedade com os valores de Deus, Pátria, Família, Trabalho, tenta educá-la segundo a moral nacionalista, corporativa e cristã, pois sabe que mais forte do que a força física é ter o consentimento dos dominados. Para o efeito, é criado o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) em 1933. O SPN promove concursos de ranchos folclóricos e exposições de arte popular. Em 1935 é criada a Comissão de Etnografia Nacional, que tinha como função realizar uma exposição nacional de folclore e etnografia, onde seriam representadas as características de cada província. “Depois da criação do SPN e da Comissão Nacional de Etnografia começa a haver um controle cerrado sobre os grupos de danças e cantares. (...) São os que merecem mais confiança e melhor cooperam com a política e a estética uniformizante do SPN que beneficiam (...)” de apoio. O controle incide sobre o rigor dos trajés e das poesias cantadas, o seu objectivo era “educar o gosto dos portugueses”. Desta forma não era a arte popular que dava a conhecer os seus talentos, era o estado que projectava um novo “bom gosto” à arte popular, seleccionando, recriando e encenando os seus produtos (Orta, 1999). Existia também uma Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, a

função do gabinete de etnografia era, entre outras, “recolher e catalogar os elementos de carácter social e etnográfico, com vista à formação social e à educação artística e estética dos trabalhadores”; “fomentar nos trabalhadores o gosto pelas tradições portuguesas”; “orientar a formação de grupos folclóricos e fiscalizar aqueles que se encontravam inscritos na FNAT”; controlar “todas as exposições realizadas na área de concelho”; e em “tratando-se de exposição fora do concelho, os grupos deverão pedir autorização para se deslocar”. À secção de actividade cultural e recreativa competia promover espectáculos com grupos teatrais e folclóricos integrados na FNAT e organizar concursos de ranchos folclóricos (Nazaré, 1986). Após o 25 de Abril de 1974, os alentejanos começaram a incluir nos temas das suas canções a denúncia, a reivindicação e a crítica social. Finalmente passaram a poder exprimir o que lhes ia na alma, sem medos, sem receios de represálias.

Cantar seria uma das formas de esquecer essas dificuldades, seria também uma forma de ludibriar o isolamento e a solidão sentida nas vastas planícies, pois cantar à alentejana só o é possível se for em grupo. Como refere Armando Leça, citado por Orta (1999), “no Baixo Alentejo, os corais são a natural exteriorização dos que sentem a necessidade de não estar sozinhos e, cantando, agrupados, se livram daquele silêncio amarfanhador das planícies despovoadas”. No caminho da povoação para o campo, para o trabalho, no regresso para casa, nos trabalhos da ceifa, das mondas, na apanha da uva e da azeitona, homens e mulheres unidos... Foi nesta ligação de trabalho que o cante alentejano ganhou as suas profundas raízes.

Os tempos mudam, há coisas que se alteram, que são reformadas, e que se transformam, consoante as vontades e os gostos de cada época. Será que o folclore alentejano é o mesmo de há uns anos atrás? O Padre Marvão (1997) a esta pergunta responde que, “se é que evolui, tem de o ser muito lenta e cautelosamente de modo a não destruir um património cultural e histórico de valor incontestável. A evolução das modas alentejanas (...) consiste em torná-las menos espontâneas; substituindo os prolongamentos das frases por pausas rígidas e precipitadas, cortando-as secamente.”. O Padre Marvão refere ainda que, “Aquilo a que se poderia chamar evolução do cante alentejano não é mais do que modas mal cantadas e mal interpretadas, por quem não as sabe cantar e interpretar.”. O que se tem vindo a verificar actualmente, são modas alentejanas cantadas por novos grupos, que as cantam com um ritmo e com floreios diferentes das do cante alentejano, transformando as modas do cante alentejano em música popular, em canção. Até que ponto, este reaproveitamento das modas alentejanas, não estará a contribuir para que a juventude de hoje vá deixando de conhecer o

verdadeiro cante alentejano, e a originalidade e a genuidade do cante alentejano se vá esbatendo até ser definitivamente esquecido?

Uma das grandes preocupações que se pode levantar, com todas as mudanças que ocorrem tão rapidamente nos dias de hoje é, como é que será o futuro do cante alentejano? Muitos dos alentejanos emigraram para o estrangeiro, outros partiram para a zona de Lisboa, à procura de melhores condições de vida, e com eles foram grandes vozes e grandes conhecedores da nossa tradição. Por isso mesmo, por vezes se poderá tornar mais fácil encontrar um grupo de cantares alentejanos na zona de Lisboa, do que no próprio Alentejo. Por um lado preocupa-nos o facto do cante alentejano poder perder a sua identidade, por outro lado, há as pessoas que tal como Francisco Caipirra (1998), citado por Maçarico (2000), são da opinião de que “O cante tem de ser dinâmico. Tem que acompanhar os novos tempos. Tem que ter poesia actual. (...) o “cante” também terá que evoluir.”. Manuel Fialho (1999), também citado por Maçarico (2000), vem alertar para o facto de que “os cantares alentejanos, já só se praticam nos meios rurais, onde a ocupação para os tempos livres é limitada e obriga as pessoas a fazer alguma coisa.”. Sabe-se que hoje, devido às inúmeras distrações possíveis, tais como a televisão, rádio, cinema e internet, as pessoas tendem a esquecer as tradições. É sempre mais fácil estar em frente a uma televisão, assistindo a um filme, do que despender de uma hora para ensaiar. Este tipo de atitude, que já se vem observando, de uma forma muito discreta, desde a guerra de 1914 (Nazaré, 1986), não é um acto isolado, quando um pai prefere ficar no sofá de sua casa, o seu filho e o seu neto também preferirão.

Será que a indiferença e o preconceito dos jovens em relação ao cante alentejano, não será apenas dos jovens, será que isso já lhes foi de alguma forma transmitido, ou será que todas estas ofertas tão alucinantes que estão à sua disposição nos dias de hoje são os principais causadores do seu distanciamento da nossa tradição? No texto de Maçarico (2000), é referido que os jovens, mais ou menos de quinze, dezoito anos, não apreciam o cante, e que quando ouvem algum grupo, fazem comentários do género, “Lá estão os mesmos, com as goelas abertas”, mas que são estes mesmos jovens que quando se aproximam da casa dos trinta anos, começam a aderir aos grupos alentejanos. Será que isto nos poderá deixar de certa forma mais descansados em relação ao futuro do cante alentejano?

Algumas medidas terão que começar a ser tomadas. “Agarrar” a nossa tradição trata-se de um assunto bastante urgente. As pessoas mais velhas, portadoras deste riquíssimo conhecimento, estão a falecer, os mais jovens não estão a aderir à preservação da tradição, e mais tarde quando se quiser recordar estes costumes, não haverá memória...

Não há nada que possa resumir melhor o que tem sido dito, as preocupações que têm sido levantadas e que transmita melhor o que qualquer alentejano possa sentir acerca das suas origens... “Devemos ter cuidado em conservar o que nos foi legado pelos nossos antepassados porque, se hoje o cante alentejano não se coaduna muito bem com a música barulhenta e rítmica do nosso tempo, tem incontestavelmente valores tradicionais que devemos aceitar e respeitar, e que tocam profundamente o coração e a alma do nosso povo, de modo a identificarem-se com eles. Uma moda bonita e bem cantada é qualquer coisa que desperta em nós, alentejanos, uma nostálgica impressão emotiva de amor e saudade que nos embala, e nos faz sonhar e reviver o passado.” (Marvão, 1997).

Grupos e Identidade Social...

Quando nos apresentamos, essa caracterização vai muito além do nosso nome, ou das nossas características físicas. Existe um país do qual fazemos parte, uma cidade onde nascemos, uma família com a qual convivemos. Fazemos parte de vários grupos desde o momento que começamos a existir: o grupo familiar, o grupo da escola, do desporto, do emprego, das actividades de lazer...

Um grupo existe e é-se parte integrante dele desde que, seja um conjunto de duas ou mais pessoas que se mantenham em contacto e com um propósito definido; que se consiga chegar a uma eficiente organização intragrupal (normas formadas e partilhadas, estilos de liderança e qualidade e quantidade das interacções no grupo); que exista uma relação de interdependência entre os membros; que os seus membros se autocategorizem como pertencentes a esse grupo; e desde que se sintam motivados e satisfeitos por fazer parte desse grupo. Esta descrição é defendida por Zavalloni (1972, cit. por Amâncio, 1997), que define grupo segundo um conjunto de factores que participam na identificação dos elementos do grupo, e por Tajfel (1972, cit. por Amâncio, 1997), que atribui ao grupo relações de interdependência, e considera que as características, que possibilitam a identificação dos elementos do grupo, adquirem o seu significado através da comparação social.

Fredrik Barth (1969, cit. por Oliveira, 1976) fala de grupos étnicos, e classifica-os como uma “unidade portadora de cultura”. Segundo uma definição mais antropológica, um grupo étnico é uma população que partilha de valores culturais fundamentais; compõe um campo de comunicação e interacção; e é constituído por membros que se identificam e são identificados por outros como constituintes de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem. Esta identificação étnica, refere-se não só ao uso que uma pessoa faz de

termos raciais, mas também, de termos nacionais, ou religiosos, para se identificar (D. Glaser, 1958, cit. por Amâncio, 1997).

Um grupo é definido como um identidade observável, composta por pessoas que partilham valores e crenças comuns, que contactam entre si, mantêm laços de interdependência, e que criam as suas próprias regras (Alain Aymard, 2005).

Estar inserido num grupo faz com que estejamos em constante interacção com os outros. A sociedade e os restantes membros dos grupos dos quais fazemos parte são uma espécie de espelhos, e é na interpretação das relações e dos processos de troca, que ocorrem nestas interacções, que criamos uma imagem de nós próprios. Estas interacções funcionam como um conjunto de construções sociais, a partir da importância dos símbolos operantes (Fischer, 2002).

Uma das teorias que ajuda a melhor perceber as relações entre os grupos é a Teoria da Identidade Social. A identificação social envolve a ocorrência de vários processos, tais como, a categorização, identidade e comparação social.

A identidade não é composta só por aquilo que faz parte do nosso lado mais individual, a identidade é uma construção psicossociológica, composta pelo Eu individual e pelo Eu social. Segundo Devereux (1967, cit. por Gaulejac, 2005), a identidade não é um dado primordial, mas o resultado de uma reunião entre a personalidade idiossincrática que engloba a ideia do “eu próprio”, e a personalidade étnica que revela o ambiente social e cultural em que o indivíduo se inscreve. A identidade pessoal e a identidade colectiva não se opõem, muito pelo contrário, elas se co-produzem, a identidade define-se a partir da pertença de cada indivíduo a uma família, uma comunidade, a um povo, uma classe social. O colectivo está sempre presente, e vai atribuir ao indivíduo um lugar na estrutura social. A identidade pessoal conduz-nos para o sentimento de unidade, como um ser singular, específico e particular, mas a identidade, tal como ela é, tem a sua origem “de fora, isto é, da sociedade” (Héritier, 1979, cit. por Gaulejac, 2005).

A noção de identidade engloba a dimensão pessoal e a dimensão social ou colectiva, é a consciência social que o indivíduo tem de si mesmo, sendo que a relação com os outros modela a sua própria existência. A identidade pessoal surge do processo psicológico de representação de si, que se manifesta num sentimento de singularidade, individualidade, e de se ser reconhecido pelos restantes como tal. A identidade colectiva, por sua vez, surge das variáveis sociológicas, ligadas às noções de papel social e de pertença a um grupo (Fischer, 2002).

Segundo Turner e Reynolds (2004, cit. por Marcelino, 2007), a autopercepção dos indivíduos determina se estes agem a um nível interpessoal ou a um nível intergrupar. A forma como as pessoas se percebem varia enquanto indivíduo (remetendo para uma identidade pessoal) e enquanto membro de um grupo (identidade colectiva). As pessoas variam entre o interpessoal e o intergrupar, entre o pessoal e o colectivo, e essa variação vai depender do contexto.

A identidade é organizada por algumas características que permitem apreender os seus principais componentes. As características essenciais são o Eu, a Pertença Social e a Implicação Social. O Eu é utilizado para apresentar a imagem que temos de nós próprios, a forma como nos definimos, para caracterizar a nossa identidade pessoal. É a representação do conjunto de características que um indivíduo considera como suas e às quais atribui um valor socioafectivo. A Pertença Social mostra a forma como o indivíduo se refere aos grupos que contribuem para o modo como se avalia a si próprio. O indivíduo define quem é em função da sua pertença social. A identidade passa pela pertença a uma colectividade social (país, religião, ideais) que gera a personalidade de base de cada um, a forma de pensar e de agir. Outro elemento de pertença é a inserção dos indivíduos em categorias sociais, a sua identidade social pode ser determinada em função dos grupos sociais dos quais faz parte. Um exemplo de categoria social é o extracto social a que se pertence. Esta categorização do “grupo a que eu pertença”, e o “grupo a que não pertença”, vai fazer com que surjam favoritismos em relação a aspectos da sua identidade social, e desvalorização da identidade dos membros de outros grupos. Outra característica da identidade social é a Implicação Social, que mostra o quão interiorizados estão o papeis e o impacto que a mudança do estatuto social a que se pertence possa ter na alteração da identidade. A identidade social não é estanque, pode evoluir no decurso da vida, modificando-se através das escolhas que vão sendo feitas (mudar de emprego, de partido político, de religião), (Fischer, 2002).

Segundo Tajfel (1982, cit. por Marcelino, 2007), as categorias sociais são divisões descontínuas do mundo social, em classes ou categorias distintas. Torna-se mais fácil para os indivíduos definirem a posição que ocupam em relação aos vários grupos sociais que compõem a sociedade. As categorias sociais surgem, desta forma, como sistemas de auto referência, que permitem definir o lugar do indivíduo na sociedade (Tajfel & Turner, 1979, cit. por Marcelino, 2007).

Le Vine & Campbell (1972, cit. por Amâncio, 1997), introduzem na identidade uma componente mais etnocêntrica, em que existe uma maior preferência na forma como se percebe e avalia o grupo de pertença (ingroup), em detrimento da classificação e

avaliação que se faz dos outros grupos (outgroup). Sherif (1967, cit. por Amâncio, 1997), refere que as avaliações que favorecem o grupo de pertença, bem como os possíveis comportamentos de hostilidade e competição, são resultado da situação de conflito. Para Tajfel & Turner (1979, cit. por Marcelino, 2007), é o desejo de se comparar favoravelmente com os outros que leva ao favorecimento do grupo de pertença. Este favorecimento do grupo de pertença refere-se mais à aceitação dos membros do grupo, do que propriamente à exclusão dos membros dos outros grupos (Brewer, 1979, cit. por Marcelino, 2007).

Entrevista Biográfica

Demazière & Dubar (1999, cit. por Silva, 2007) definem a entrevista biográfica de investigação como uma “narrativa ou conto”. Na entrevista biográfica o entrevistado faz uma reflexão retrospectiva e prospectiva do que é importante na sua própria vida. Este tipo de entrevista consiste na recordação de episódios de vida, que são depois interpretados e organizados numa linha cronológica. As histórias de vida surgiram com a necessidade de guardar um registo das coisas mais antigas, das coisas que iam deixando de existir. A principal preocupação, ao recorrer-se a este tipo de registo é conservar documentos que estejam ameaçados de desaparecimento e/ou registar os conhecimentos que as últimas testemunhas vivas têm para contar (Poirier, et al., 1999). Para Grand (2005), a recolha de histórias de vida é um projecto colectivo, na tentativa de se conseguir produzir uma memória colectiva, por exemplo, de uma aldeia, de um bairro, associação, empresa, ou mesmo de um acontecimento em concreto. Esta recolha é orientada para uma dimensão de educação popular, que conduz a um fim comum, com forte dimensão cultural e simbólica para uma comunidade.

Tendo conhecimento da realidade que o cante alentejano vive actualmente, com a escassez de participantes nos grupos corais, principalmente participantes mais jovens, pensa-se ser de grande importância e urgência recolher os conhecimentos, costumes e tradições, que fazem parte da identidade de um povo. Esta é uma tentativa de contribuir para a preservação da história do cante alentejano e do povo alentejano.

O objectivo deste trabalho passa por tentar conhecer como era o cante alentejano há uns cinquenta/sessenta anos atrás, e como é a realidade do cante alentejano na actualidade, de

forma a conseguir criar uma ideia da evolução e das modificações que ocorreram com o passar do tempo. Pretende-se abranger o mais possível da história do cante alentejano.

Para tal, pretende-se ir junto das pessoas mais velhas e tentar saber como viviam, em que circunstâncias o cante alentejano participava nas suas vidas, e com quem compartilhavam esses momentos, bem como a forma como vivem o cante alentejano nos dias de hoje.

O mesmo se pretende fazer junto de jovens que participam, ou participaram, em grupos corais alentejanos. Pretende-se saber os motivos que os levaram a cantar, as dificuldades que enfrentaram, e a avaliação que fazem do cante alentejano.

Para além de se pretender conhecer estas histórias, relacionadas com o passado e com o presente do cante alentejano, pretende-se também, conhecer quais são as perspectivas que tanto as pessoas mais velhas como os mais jovens têm em relação ao futuro do cante alentejano, principalmente, a avaliação que fazem do comportamento e atitude dos mais jovens em relação ao cante alentejano.

Uma das vantagens ao tentar conhecer a história do cante alentejano, é que ao fazê-lo estamos também a conhecer a história do povo alentejano, a forma como viviam e como vivem, a forma como encaram as dificuldades e os momentos de alegria, as suas outras tradições, os seus sentimentos e pensamentos. Vai permitir conhecer um pouco mais a identidade social alentejana, isto é, vai permitir conhecer os conteúdos identitários do ponto de vista social, quer das pessoas mais velhas, quer das pessoas mais novas.

Para recolher estes testemunhos, pretende-se recorrer a um método tipo entrevista de história de vida. Pretende-se conversar com os informantes chave de forma informal, como se de uma conversa se tratasse, e tal como nas entrevistas de história de vida, deixar livre caminho para serem eles a recordar e a desenvolver os seus episódios de vida.

Método

Participantes

Para ajudar a realizar este trabalho contou-se com a cooperação de cinco informantes chave que conviveram de perto, ou convivem ainda, com a realidade dos grupos corais alentejanos. A escolha dos participantes foi uma escolha totalmente por conveniência. O objectivo era contactar com pessoas mais velhas e com pessoas mais jovens que estivessem ligadas ao cante alentejano, e como não é fácil encontrar pessoas que estejam disponíveis para nos contar as suas histórias de vida, e principalmente, encontrar jovens que façam parte de grupos corais, a escolha dos participantes foi feita através de conhecimentos pessoais, ou por indicação de alguns dos participantes. A todos os participantes foi garantido que a sua identidade seria mantida no anonimato.

Os cinco informantes chave encontram-se divididos em dois grupos, o grupo das pessoas mais velhas e o grupo das pessoas mais jovens. O grupo das pessoas mais velhas é constituído por três participantes, dos quais, dois são do sexo feminino e um é do sexo masculino. O grupo das pessoas mais jovens é constituído por um elemento do sexo feminino e um elemento do sexo masculino. As idades dos participantes do grupo de pessoas mais velhas é de 70 e 73 anos, e as idades dos participantes do grupo de pessoas mais jovens são de 15 e 42 anos. Todos eles residem na Aldeia da Salvada, que pertence ao Concelho da Cidade de Beja, no Baixo Alentejo. Três dos participantes nasceram no Concelho de Beja, um nasceu em Reguengos de Monsaraz (Distrito de Évora), e um nasceu em Lisboa.

Dos cinco participantes apenas um canta actualmente num grupo coral alentejano. Os três participantes do sexo feminino pertenceram ao Grupo Coral Feminino da Salvada, “Vozes do Alentejo”, e os dois participantes do sexo masculino, um pertenceu e o outro continua a pertencer, ao Grupo Coral Masculino da Salvada, “Grupo Coral Casa do Povo da Salvada”.

Instrumentos

Para a recolha do material foi utilizada a técnica da entrevista não estruturada. Antes de mais, a entrevista deve ser encarada como uma conversa, uma troca de ideias, de forma a ser um momento agradável, quer para o entrevistado, como para o entrevistador. Deve-se criar uma empatia com o outro, e criar as condições necessárias para que o entrevistado se sinta

confortável, em pé de igualdade com o entrevistador, com a confiança necessária para conseguir falar abertamente sobre si, os episódios da sua vida, os seus sentimentos e pensamentos. Esta ligação que se cria entre entrevistado e entrevistador consegue-se porque não existe a “pressão” sentida quando alguém está a responder a um questionário, com perguntas muito bem delineadas. A vantagem da entrevista não estruturada é não ter um guião de perguntas ordenadas e elaboradas, o entrevistado não se sente pressionado nem pouco à vontade, como se estivesse a ser avaliado (Burgess, 1997). Na entrevista não estruturada é utilizado um guião de tópicos, que são escolhidos e introduzidos na conversa de forma natural e à medida que a conversa se vai desenvolvendo. Antes de realizar as entrevistas foi feita a preparação do guião. Foram escolhidos alguns tópicos que se consideravam pertinentes para o estudo e elaborados os dois guiões, para o grupo de participantes mais velhos e para o grupo de participantes mais jovens (ver Guião de Entrevista em Anexo). No decorrer das entrevistas os tópicos foram sendo aprofundados e foram surgindo tópicos novos. Mas fazer uma entrevista tem as suas dificuldades, antes de se realizar uma entrevista é preciso estudar e estar ciente das dificuldades que poderão surgir. A maior dificuldade numa entrevista é a escolha das palavras e frases certas, principalmente para dar início à conversa. Geralmente, nas entrevistas aos participantes mais velhos a conversa começava pedindo para que falassem de quando eram mais novos e cantavam à alentejana; aos participantes mais jovens era pedido para que falassem da sua experiência nos grupos corais alentejanos dos quais fizeram parte. Desta forma era dada liberdade ao entrevistado para escolher a sua linha de raciocínio, conduzindo-se depois a entrevista a partir daí. Tentou-se sempre que possível escolher fazer perguntas abertas, para que fosse dada a oportunidade aos entrevistados de alargarem a extensão das suas respostas. Mas há muitos outros pontos a ter em atenção no decorrer das entrevistas. Neste estudo foram colocadas em prática algumas técnicas de entrevista, por exemplo, fazer, sempre que possível, uma breve revisão do que o entrevistado disse acerca de um tema, principalmente se pretendermos voltar a falar nele, permite reavivar o que foi dito anteriormente e mostra ao entrevistado que o entrevistador está atento; quando o entrevistado não responde ou não aprofunda um tema deve-se reformular a questão, no caso das entrevistas feitas neste estudo, muitas vezes optou-se por continuar com a entrevista e voltar mais tarde à mesma questão, reformulando-a; deve-se ter em atenção a escolha das palavras utilizadas, deve-se ajustar o vocabulário à pessoa que está a ser entrevistada, para que não surjam dúvidas, no caso deste estudo teve-se um cuidado especial pois as idades dos participantes variam entre os 73 e os 15 anos; e evitar as perguntas tendenciosas, pois os entrevistados acabarão por responder ao que pensam ser o desejo do entrevistador (Seymour, 1993).

Tipo de Estudo e Questões de Investigação

Este estudo pretende ser um estudo do tipo exploratório e comparativo, onde se vai procurar conhecer como era cantar à alentejana há uns anos atrás, e como é cantar à alentejana nos dias de hoje, quais as diferentes motivações que levam as pessoas a cantar nas diferentes épocas, onde se vai pretender também conhecer a visão dos mais jovens acerca do cante alentejano, e abordar as perspectivas do futuro do cante alentejano.

Procedimentos de Campo

Os primeiros participantes foram escolhidos por conhecimento particular. Foram escolhidas as pessoas com experiência em cantar em grupos corais, sexos e idades, que mais se adequavam ao objectivo do estudo. As restantes pessoas, foram indicadas pelos próprios participantes, após ser explicado o objectivo do estudo e as características dos participantes que se pretendiam entrevistar.

Concluída a escolha foi feita a primeira aproximação. Entrou-se em contacto com os informantes chave, explicou-se de uma forma ligeira o que se pretendia estudar e mostrou-se a intenção em marcar um encontro para a realização das entrevistas.

Antes de cada entrevista era explicado de forma mais detalhada o que se pretendia estudar, a que instituição se destinava o estudo, e como iria decorrer a entrevista. Foi explicado que não se trataria bem de uma entrevista, em que seriam feitas perguntas e dadas respostas, mas sim de uma conversa, onde se teria total liberdade para falar, para colocar dúvidas, onde as conversas e as perguntas iriam fluir de forma natural, que todas as respostas eram respostas certas, e o único objectivo era que numa conversa informal contassem como era, e como é, o cante alentejano nas suas vidas. Foi pedido para gravar a entrevista, através de um gravador auditivo, de forma a se conseguir gravar toda a conversa, para que não se corresse o risco de perda de informação. Todos os participantes aceitaram a gravação, e no decorrer das entrevistas não mostraram qualquer constrangimento pela presença do gravador. A todos os participantes foi explicado que ninguém teria acesso às gravações, sendo o seu fim único a transcrição das entrevistas. Antes de se iniciar as entrevistas foi esclarecido ainda que os nomes não iriam ser divulgados, de forma a se conseguir manter o anonimato, e que para tal seriam utilizados nomes fictícios.

Para todos os informantes chave foi necessário apenas um encontro para recolher toda a informação necessária. Excepto na primeira entrevista, onde foram marcados dois encontros. Esta primeira entrevista serviu como uma pré-entrevista, onde depois de feita e

transcrita, seriam vistos quais os pontos que deveriam ser mais abordados. Após a análise da pré-entrevista, foi marcada a segunda entrevista. As entrevistas, em média, tiveram uma duração de uma hora e meia, duas horas.

Procedimentos Analíticos

Depois das entrevistas concluídas, estas foram ouvidas e transcritas na sua totalidade. Na transcrição optou-se por não se cortar nenhuma informação. Foram transcritos todos os pensamentos, todos os momentos de hesitação, todos os raciocínios incompletos, todos os dialectos, para que a sua leitura fosse a mais próxima possível do texto original. O que aqui foi registado não está muito longe daquilo a que se chama uma história de vida, no entanto mais direccionado para as recordações do cante alentejano. Quando se faz um levantamento deste material o objectivo é respeitar o real, por isso se pretende registar o que foi dito, e não fazer uma interpretação do que foi dito. Todos os erros, as hesitações e as repetições fazem parte do discurso e é parte integrante da pessoa que nos deu a conhecer a sua história e a si mesma (Poirier, et al., 1999).

Depois das entrevistas transcritas, foi feita uma leitura breve sobre os textos, designada leitura “flutuante”, a fim de se ficar com uma ideia geral do seu conteúdo. Os textos foram novamente lidos, desta vez de forma mais minuciosa, com o objectivo de se fazer separadores temáticos (ver Lista de Temas Abordados nas Entrevistas em Anexo). Os temas foram depois agrupados em categorias (ver Categorias dos Temas Abordados nas Entrevistas em Anexo), e por fim foram feitos quadros sobre esses temas, onde de forma separada, foram colocadas as falas de todos os participantes nos quadros temáticos a que estas correspondiam. Estes quadros temáticos foram feitos para o grupo de participantes mais velhos e para o grupo de participantes mais jovens (ver Quadros Temáticos em Anexo). A finalidade dos quadros temáticos é decompor as entrevistas de todos os participantes por temas, para desta forma ser mais fácil encontrar a informação de cada participante acerca de uma dada temática, e assim ser também mais fácil organizar os dados para se fazer uma análise geral do conteúdo das entrevistas. O objectivo é identificar sobre que factores incidem mais os conteúdos relatados pelos participantes, por isso se optou por uma técnica que privilegiasse mais os pormenores dos conteúdos (Bardin, 2008).

Com os quadros temáticos feitos, procedeu-se á análise dos seus conteúdos, para os dois grupos de participantes. Foi feita a análise para o grupo de participantes mais velhos, e

posteriormente, o mesmo tipo de análise para o grupo de participantes mais jovens. Em seguida fez-se a análise e discussão final, tendo em conta os resultados dos dois grupos.

Resultados

No decorrer das entrevistas foram surgindo conversas sobre variados temas, que de certa forma poderão ajudar a compreender melhor a evolução que o cante alentejano tem sofrido nestes últimos anos, a compreender a visão dos mais jovens face ao cante alentejano e a perceber também como era a vida no Alentejo. Esses temas vão ser apresentados de forma individual. Primeiro, irá proceder-se à análise detalhada das entrevistas feitas aos participantes mais velhos, e posteriormente às entrevistas feitas aos participantes mais novos. Os temas são apresentados no quadro abaixo, agrupados em categorias, cuja definição pode ser consultada em maior detalhe no Anexo D. A análise de conteúdo pode ser acompanhada com a consulta do Anexo E, onde estarão apresentadas as falas dos informantes chave sobre cada um dos temas.

Gosto pelo Cante Alentejano	• Gosto Pessoal pelo Cante Alentejano
	• Gosto Colectivo pelo Cante Alentejano
Cantar...	• Onde, Quando e Com Quem Cantavam Quando Novos
	• Deixar de Cantar
	• Cantar nos Dias de Hoje
Cantigas Alentejanas	• Outros Estilos de Música
	• Cantigas Desconhecidas
	• Fazer e Modificar Cantigas
	• Diferentes Regiões, Diferentes Estilos
	• Temas de Cantigas Alentejanas
Grupos Corais	• Motivo Porque Faz Parte de um Grupo Coral
	• Como Gosta ou Gostou de Estar no Grupo Coral
	• Criação dos Grupos Corais
	• Locais Onde os Grupos Actuam
	• Por Onde Andam os Grupos Corais? De Onde São e Onde Actuam
Objectivo de Cantar...	• Cantar para Esquecer as Dificuldades e para Trazer Alegria
	• Brincadeiras, Formas de Passar o Tempo e Tradições
	• Cantar para Namorar
	• Cantar, uma Forma de Recordar o Passado...

Sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> • O que Pensam dos Cantares Alentejanos e os Sentimentos que estes Transmitem
Vestuário	<ul style="list-style-type: none"> • Formas de Vestir
Uma Tradição que se Passa...	<ul style="list-style-type: none"> • Referências Familiares
	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir a Tradição do Cante Alentejano
O Futuro do Cante	<ul style="list-style-type: none"> • O que Pensa do Futuro do Cante Alentejano
	<ul style="list-style-type: none"> • O Futuro do Cante Alentejano, uma Visão Mais Optimista
	<ul style="list-style-type: none"> • Uma Mensagem, uma Esperança...
A Atitude dos Outros e dos Jovens	<ul style="list-style-type: none"> • O que Pensa da Atitude dos Mais Jovens
	<ul style="list-style-type: none"> • A Atitude das Outras Pessoas
	<ul style="list-style-type: none"> • Como se Reage à Atitude das Outras Pessoas
	<ul style="list-style-type: none"> • Os Jovens nos Grupos Corais Alentejanos

Quadro 1. Categorias dos Temas Abordados nas Entrevistas

Os mais velhos...

Uma dos aspectos sempre presente no decorrer das conversas foi o expressar do **Gosto Pessoal Pelo Cante Alentejano**. Afirmações como, “Porque sempre gostei de cantar.”, “E é uma das coisas que gostava e gosto (...)”, revelam o gosto que as pessoas do Alentejo sentem pelo cante alentejano. É o revelar da sua identidade pessoal. As pessoas do Alentejo gostam do seu cante tradicional e usam esse gosto pelo cante como uma forma de categorizarem o que é ser-se alentejano, “Sou alentejana, gosto do cante alentejano”.

Mas o gosto pelo cante alentejano não se fica só pelo lado pessoal, existe um lado mais colectivo, onde as pessoas relatam não só o quanto gostam do cante alentejano, mas também o quanto as pessoas que os rodearam, ou rodeiam, também gostam. O **Gosto Colectivo Pelo Cante Alentejano**, mostra que para além de uma identidade pessoal, o povo alentejano partilha de uma identidade colectiva, gostos, tradições, sentimentos partilhados pelo todo. Este gosto colectivo é visível quando dizem que, “Em chegando ao trabalho era logo, começava uma a cantar e as outras ajudavam logo (...)”, ou quando os grupos corais se apoiam uns aos outros nos momentos mais difíceis, revelando que apesar de fazerem parte de grupos corais diferentes, quando toca a ajudar e a manter a tradição eles se tornam coesos, mostrando desta forma mais uma vez a preocupação e o gosto pelo grupo colectivo, pelo

ingroup, pelo ser-se alentejano. Uma das expressões que melhor poderá ajudar a compreender esta identidade alentejana, quando falam dos seus cantares é, “Porque gostamos. Faz parte da gente.”, os cantares alentejanos fazem parte da identidade alentejana, de ser-se alentejano.

Há cerca de sessenta/ cinquenta anos atrás, no Alentejo, todos os locais e todas as ocasiões eram propícias para cantar. Saber **Onde, Quando e Com Quem Cantavam Quando Novos**, ajuda a conhecer um pouco melhor como era a vida naquele tempo, como era a sociedade e quais eram os hábitos e costumes no Alentejo. No caminho para o trabalho e na volta para casa faziam-se grandes ranchos de homens e mulheres, esses caminhos eram percorridos a cantar, “ia-se para as aceifas de carros de parrelha, de bestas, ia-se para lá cantando, vinha-se para cá cantando.”. Enquanto trabalhavam no campo cantavam todos em grupo, geralmente começava uma mulher a cantar, depois cantava outra do outro lado do campo, até que cantavam todos. Cantava-se também em altura de festas, cantava-se em bailes; cantava-se nas casas do povo quando as pessoas se juntavam no fim do dia, nos dias de descanso ou em bailes; ou quando se chamavam vizinhos, familiares ou amigos para abater o chão das casas. Era muito frequente os homens se juntarem na praça da aldeia, sentados nos bancos a cantar; ou nas tabernas ou sociedades, pela noite fora. Nas horas de pausa do trabalho, para o almoço, sobrava sempre tempo para brincar, para se dançar e para cantar. À noite, em casa, junto do lume, a família toda reunida, passavam o tempo a cantar, como forma de distração, “À noite, não havia um rádio, não havia uma televisão, a gente não tinha nada, passávamos os serões como? Cantando!”. Nos momentos de trabalho, no campo, no caminho para o trabalho, ou nos momentos de descanso, era comum ver homens e mulheres a cantar em conjunto. As únicas pessoas que não cantavam, devido à sua dor, eram as viúvas. Todos estes momentos de alegria, a cantar, eram ocasiões de convívio. Raramente se cantava sozinho. As modas alentejanas são cantigas feitas para serem cantadas em grupo, para pôr fim à solidão, tão propensa dos povos alentejanos. Todos estes momentos de união, para cantar, revelam uma identidade colectiva, todos juntos, o gosto do povo alentejano pelo cante, pela união e partilha de momentos como o trabalho, o descanso, ou a festa.

Saber o porquê de cantar poderá ajudar a desvendar um pouco mais deste “mundo” alentejano. Poderá ajudar a perceber como viviam os momentos agradáveis e como encaravam e ultrapassavam os momentos menos bons. Eram vários os motivos porque as gentes alentejanas se juntavam e faziam ecoar as suas vozes num afinado coro. Antes da Revolução de Abril, de 1974, o povo vivia privado de várias coisas. O “cenário” que se vivia

era de repressão, de necessidades, pobreza, de fome... Antes de tudo, cantar era uma forma de escape efémera e ilusória à realidade, cantar ajudava a **Esquecer as Dificuldades e a Trazer Alegria**. No decorrer das entrevistas Maria relata que viviam “dias um pouco amargos (...)”, trabalhando debaixo de chuva e sem um resguardo. Cantar servia para esquecer essas dificuldades, para não se sentir tanto “as dores que nós tínhamos no corpo”. Apesar de todas estas dificuldades e de viverem com bastantes faltas, Rosário lembra que “(...) memo com aquela miséria íamos para o campo cantando no caminho”, “(...) mas sempre alegres (...)”. Eram “tempos difíceis”, tempos de “miséria”, mas que as cantigas, como que por magia, conseguiam transformar em alegria. Cantar, era uma **Forma de Passar o Tempo**, estava presente nas **Tradições** e nas **Brincadeiras**. À noite, a família reunia-se em redor do lume, e eram nesses momentos que se faziam bordados, que se contavam histórias e que se cantavam cantigas alentejanas. Eram pouco mais do que estas as distrações das famílias alentejanas. No trabalho do campo, durante a hora da pausa para almoço, também se arranjava tempo para brincar e para cantar. Nas horas de pausa, depois de trabalhar, à noite, ou nos dias de descanso, era comum, formarem grupos de homens e mulheres, a dançarem e cantarem em bailes. Também nas alturas de festa era tradição cantar-se, no Carnaval vestiam os seus vestidos de ciganas e cantavam acompanhadas de pandeiretas, pelo Natal, cantavam-se os cânticos alusivos ao menino Jesus. Em muitas festas, no trabalho, ou nas pausas para descanso deste, cantar era mais do que tentar buscar alegria, ou uma forma de passar o tempo, cantar servia também para **Namorar**. As regras para o namoro eram bastante rígidas, e todas as ocasiões para trocar um olhar ou uma palavra com a pessoa amada era um momento para aproveitar. Os namorados começavam a cantar cantilenas cujos versos continham uma mensagem dirigida ao amado, e a pessoa amada cantava em seguida respondendo com um outro verso. Nestas conversas, encobertas em cantigas, faziam-se pedidos de namoro, faziam-se juras de amor eterno, e muitas vezes punha-se fim à relação. Quando se é jovem, as coisas têm uma outra cor, são vividas com outra intensidade... Hoje, com setenta anos, as coisas já ganham um outra forma, e cantar passou a ser uma **Forma de Recordar o Passado**. Ao cantar as cantigas de quando novos, recordam-se das coisas que viveram, dos sítios que conheceram, das pessoas que deixaram saudade. Recordam-se o “Tempo que já passou e não volta (...)”, mas que quando cantado, a cada compasso, possibilita aliviar um pouco a saudade desses tempos. “Ainda ontem cantámos, e eu aí revivi o cante. Senti aquela saudade (...)”.

Não há nada que mostre melhor a identidade colectiva de um povo do que a **Referência** ao seu **Passado**. A memória dos que serviram de pilar aos mais novos, dos que

passaram ensinamento e o testemunho de uma forma de vida. Cantar para além de um gosto, é também um ensinamento. Quando se viveu num ambiente onde cantar fazia parte de um dia-a-dia, dos momentos bons e dos momentos maus, é muito difícil não se aprender a amar a música. As pessoas que cantam música alentejana, tiveram como referência os seus pais que cantavam junto à lareira durante os serões, as suas mães que cantavam no caminho para o trabalho, e os seus irmãos que cantavam a seu lado no campo. Aprenderam com eles o valor do cante, e a importância que este tem na sua vida. As cantigas que ouviam os seus pais cantar, já eram do tempo dos seus pais e dos seus avós, e ainda hoje são recordadas graças a este testemunho que se foi passando de geração em geração. A identidade não é composta somente por aquilo que nos é mais individual, e mais particular, a nossa identidade provém também do ambiente social e cultural em que estamos inseridos, e esta passagem de conhecimentos de pais para filhos é um exemplo disso. É da reunião entre o Eu individual e o Eu social que se dá a construção da nossa identidade.

Para além do cante, a identidade de um povo é feita de muitos outros aspectos, tais como os seus **Artefactos**. Hoje quando se vê um grupo coral actuar, é de notar a forma como se vestem. Todos os grupos tentam mostrar como eram os trajes da sua juventude. Uns optam por usar roupas que vestiam quando iam trabalhar para o campo, outros preferem mostrar as roupas domingueiras. O traje era todo ele muito colorido, quer o do homem, quer o da mulher, o traje do trabalho ou o de festa.

Quando se conversa sobre música, os alentejanos não falam só dos cantares alentejanos característicos do seu povo (do ingroup), falam também de **Outros Estilos de Música** (dos outgroup). Para além de gostarem e de cantarem as modas alentejanas, no Alentejo é igualmente apreciado o cante a despique, ainda que cantado por menos pessoas, devido à sua dificuldade. Cantar a despique é cantar através de quadras que são feitas no momento em que vão ser ditas, e não se conhece o verso que a outra pessoa irá dizer, como resposta. Ou seja, cantar a despique é uma espécie de conversa, onde uma pessoa lança um verso, e o outro tenta responder a esse verso, “(...) eu cantava e ela respondia e depois respondia-lhe eu outra vez.”. Eram “conversas” que podiam durar horas. Outro estilo de música, bem conhecido, e bem português, igualmente apreciado pelos alentejanos, é o fado. Para além de se ser alentejano, é-se português, e como se costuma dizer “Há uma Amália em cada um de nós”, e a tristeza, melancolia e saudade, que o fado tanta vez transmite, não difere muito do espírito do homem alentejano.

O fado toca as pessoas de uma forma diferente do cante alentejano. Os **Sentimentos Despertados ao Cantar** são diferentes para o fado e para o cante alentejano, enquanto que o fado desperta um lado mais romântico, mais sentimentalista, o cante alentejano é sentido como um cante que transmite alegria. O sentimento é de que o cante alentejano “Faz parte da gente”, que “(...) nasce com a gente (...) está na alma.”. Talvez por esse motivo, por sentirem que o cante alentejano faz parte do seu povo, e da sua identidade pessoal e grupal, não se estranhe quando dizem que o prazer em cantar é tal que são alguns os momentos em que a emoção toma conta de si e os fazem mostrar os seus sentimentos.

Muitas daquelas cantigas que se ouviam os avós e os pais cantarem foram ficando esquecidas com o tempo. Muitas pessoas não as passaram para os mais jovens, muitos jovens não estavam interessados em ouvi-las, e não foram feitos registos dessas cantigas. Muito do património musical alentejano caiu no esquecimento e são hoje já poucos aqueles que se recordam ainda dessas modas. Maria, no decorrer da conversa, falou-nos dessas **Cantigas Desconhecidas**, que ouvia o seu pai cantar, que já eram dos seus avós, e faz questão de as recordar e de as deixar registadas enquanto fez parte do grupo coral feminino. Maria, conta que no grupo cantavam modas muito bonitas que mais ninguém canta, e que o motivo de não haverem mais grupos que as cantassem era porque não as sabiam, porque não foram passadas para as gerações mais novas e por isso não foram aprendidas.

As modas alentejanas que os grupos cantam não são apenas modas mais antigas, alguns grupos corais fazem as suas próprias cantigas e algumas delas são cantigas já conhecidas mas com algumas modificações. A Dona Maria, para além de deixar um registo das modas alentejanas mais antigas que conhece, **Faz e Modifica Cantigas**, algumas delas cantadas em público pelo grupo coral feminino de que fez parte. Desde que era jovem, com as suas amigas, fazia cantigas alentejanas sobre as coisas que faziam e que viam. As ideias para os versos que hoje faz vêm das coisas e sítios que conhece; da sua vida; ou das histórias que ouviu contar. Para além de fazer novas cantigas, também alterou outras. Todas as cantigas que a Dona Maria faz ficam registadas por si, e desta forma poderá contribuir para deixar um registo escrito de uma parte do património musical alentejano, para que este não se perca.

Os grupos corais actuam em diferentes regiões de Portugal e além fronteiras, e cada grupo coral tem as suas próprias características e estilos diferentes, pois cada região do Alentejo tem a sua própria forma de cantar. Há, portanto, grupos corais de **Diferentes**

Regiões do Alentejo e com **Diferentes Estilos** (outgroup – grupos com estilos e características diferentes dos da região dos informantes chave). Estas deslocações dos grupos corais a outras regiões mostram e dão a conhecer a diversidade de modas e estilos que existem. Essas deslocações vão enriquecer não só o conhecimento do público, mas principalmente, servem para enriquecer o conhecimento dos próprios grupos corais. Os grupos entre eles, com estes convívios, têm a possibilidade de trocarem modas, ideias sobre como se vestirem e actuarem, e sobre alguns estilos e formas de cantar.

São variadíssimos os **Temas das Cantigas Alentejanas**. Independentemente da origem da cantiga alentejana, todas as cantigas “(...) falam sobre o Alentejo.”. Falam sobre a azeitona, as oliveiras, falam nos raminhos das árvores, os chaparros, os sobreiros, “Falavam nas raparigas, falava-se no trabalho (...) e a tudo o que existia nesse tempo.”. Cantam-se temas mais alegres, e outros mais tristes, mas “Para trabalhar eram [sempre temas] mais alegres (...)” que os trabalhadores cantarolavam. Cantavam-se ainda aquelas cantigas ditas proibidas, as que se cantavam em círculos privados ou num sussurro solitário, pois falavam sobre o regime actual, podendo ser quem as cantasse alvo de represálias ou até mesmo de punições.

A **Criação dos Grupos Corais** da Salvada, tanto o masculino como o feminino, surgiram como que por influência de outros grupos já existentes. O grupo masculino, que já tem aproximadamente dezasseis anos, surgiu depois de um grupo de homens da localidade assistirem a uma noite de actuações de grupos corais de outras regiões. Por sua vez, o grupo coral feminino surgiu alguns anos mais tarde, quando perante a existência de um grupo coral masculino pensaram em formar, também, um grupo composto por elementos do sexo feminino. A formação e conservação de um grupo coral depende apenas da vontade e do esforço colectivo dos seus membros. É o colmatar de um gosto, de um esforço, de uma dedicação e de uma identidade comum, que permite fazer com que os grupos corais se mantenham, ainda que a muito custo, de pé.

O principal **Motivo** que leva as pessoas a **Fazerem Parte de um Grupo Coral** é pelo gosto pessoal pelo cante alentejano. As pessoas identificam-se com o que faz parte das suas origens, com o que sempre aprenderam, com o que sempre viram os seus pais fazer (identidade pessoal). As pessoas alentejanas gostam do seu cante e sentem prazer em cantá-lo, esse é o principal motivo porque procuram grupos onde haja outras pessoas que partilhem do

mesmo gosto (identidade colectiva). Outro motivo que leva as pessoas a fazerem parte dos grupos corais é a falta de actividades que estão à sua disposição para a ocupação dos seus tempos livres, principalmente quando falamos de meios rurais, mais pequenos, e com menos espaços e meios disponíveis para a realização desse tipo de actividades.

Por falta de saúde, por falta de tempo ou de disposição, ou porque os grupos vão terminando, há muitas pessoas que deixam de cantar nos grupos corais. Mas cantar é um gosto que está sempre presente, mesmo que seja sem ser num grupo, mesmo que seja sozinho, a vontade e a esperança de cantar continuam sempre. A vontade de nunca **Deixar de Cantar**, não é só uma vontade pessoal é mais do que isso, sendo o cante alentejano um cante feito a várias vozes, um cante que é cantado em grupo, a vontade de cantar é uma vontade grupal (identidade colectiva). As pessoas mostram o seu desagrado quando um grupo coral se desfaz, e como gostam do cante alentejano continuam com a esperança de outro grupo se formar e de um dia voltarem novamente a cantar.

Mesmo sem se fazer parte de um grupo coral alentejano, é sempre possível cantar-se à alentejana. Quando eram mais novos, era muito usual cantar nos bailes, no caminho para o trabalho, nos serões, com um grupo formado por quem se quisesse juntar. **Cantar nos Dias de Hoje** é completamente diferente. As pessoas que não fazem parte de grupos corais ainda cantam, mas cantam em casa, cantam quando se juntam num café, mas já não se canta com tanta frequência como se cantava há uns anos atrás, nem com tanta naturalidade, cantar hoje num sítio público só acontece quando um grupo de pessoas se junta num espaço onde hajam poucas pessoas ou quando quase todas concordam em cantar.

Os grupos corais alentejanos fazem actuações por todo o país, actuando também por vezes nas comunidades portuguesas. A actuação dos grupos corais ocorre em palco, ou num desfile de rua, em que o grupo se apresenta em três ou quatro filas, uns ao lado dos outros, por vezes de braços dados, e com um compasso de pés acertado, para puderem caminhar de forma ordeira e ao mesmo ritmo. Os grupos corais actuam nos mais diversos **Locais**, actuam na sua terra, em outras localidades, actuam em praças, pelas ruas, ou em espaços fechados, e tentam, sempre que possível, divulgar o seu trabalho em actuações nos diferentes meios de comunicação, tais como a televisão e a rádio. Esta variedade de espaços de actuação mostra o quão o cante alentejano é importante e apreciado por todos, o facto de se encontrar quem goste de ouvir os cantares alentejanos nos mais diversos locais (por todo o Portugal e além

fronteiras) faz-nos ver como o povo alentejano e português se identifica e valoriza com o que deles faz parte (identidade colectiva).

Quando se pergunta **O que Pensam do Futuro do Cante Alentejano**, as repostas seguem todas a mesma linha de orientação, o cante alentejano tem um problema, que é a dificuldade em manter a sua continuidade, e por isso mesmo se pensa que mais dia menos dia irá terminar a tradição de se cantar à alentejana. Fazer parte de um grupo coral requer, tal como é necessário em qualquer actividade, despender de algum tempo, para ensaios e actuações, e por vezes torna-se complicado encontrar quem tenha essa dedicação e disponibilidade. O que se prevê que ocorra é que com a falta de jovens a entrar nos grupos corais e com a saída dos membros dos grupos, devido às suas idades avançadas, os grupos não tenham uma continuidade e que possam acabar. Mas se este é o problema dos grupos corais, então como se poderá alterar este desfecho? Uma das ideias para solucionar este problema é intervir junto dos mais jovens, e esse papel tem que ser desempenhado pelos mais velhos, é dando incentivo, força e desmistificando o cante alentejano junto dos jovens que se poderá conseguir fazer com que esta tradição não caia no esquecimento.

A avaliação que fazem da **Atitude dos Jovens** (do outgroup), é a de que estes não mostram interesse pelo cante alentejano. Os jovens têm outros gostos musicais, têm outras actividades onde passam o seu tempo livre, e têm outros interesses. Segundo os mais velhos, os jovens ao não se interessarem e ao não fazerem parte das tradições estão a criar a possibilidade de se puderem interessar por outras actividades menos saudáveis e apropriadas para a sua idade. A vontade destas pessoas é a de poder dar uma continuidade às suas tradições, é poder transmitir os seus conhecimentos aos mais novos, para que estes possam continuar o trabalho que se tem vindo a desenvolver até hoje, contudo, deparam-se com uma juventude pouco interessada e “sem vontade” de aprender e de preservar as suas tradições.

A **Atitude das Outras Pessoas** (do outgroup) não mostra ser, em muitos casos, diferente da atitude dos mais jovens. Para além dos mais jovens, há outras pessoas que também “ (...) riem e fazem pouco (...)” de quem canta num grupo coral. O que ocorre quando alguém menospreza um grupo coral é que essa atitude estará a afastar os mais jovens desta tradição. Enquanto se é jovem a opinião de terceiros revela ser de bastante importância, logo, se há um certo gozo por parte de terceiros em relação aos que participam nestes grupos,

eles tendem a afastar-se, e desta forma torna-se bastante difícil conseguir arranjar quem contribua para a continuidade do cante alentejano.

A Participação dos Jovens nos Grupos Corais Alentejanos, é bastante limitada. São muito poucos aqueles que integram nos grupos corais, e os que integram são na sua maior parte jovens cujas idades rondam os trinta anos, é muito difícil fazer com que jovens mais novos entrem nestes grupos.

Apesar de se observar um afastamento das pessoas em relação ao cante coral alentejano, e á participação nos grupos corais, a esperança das pessoas que ainda o mantêm vivo, essa nunca morre. Estas pessoas têm o desejo de ver grupos corais compostos por pessoas de várias idades e de ambos os sexos. A sua fé são os mais pequeninos, os que mostram interesse pela música, influenciados, por exemplo, pelos programas musicais que ocorrem nos meios de comunicação. Enquanto houver pessoas com uma atitude e uma **Visão mais Optimista acerca do Futuro do Cante Alentejano**, há sempre a esperança de que este continue vivo, “Em se formando [um grupo coral] numa aldeia logo a seguir faz logo outro, e era assim. E era assim que o cante alentejano não morria.”.

Os mais jovens...

Os mais jovens também se identificam com as cantigas alentejanas, alguns também mostram interesse e gosto em cantar as suas modas, mesmo sem serem da região do Alentejo, temos por exemplo a Filipa, nascida em Lisboa, e que quando veio viver para o Alentejo se identificou com as tradições alentejanas e decidiu entrar para o grupo coral alentejano. Alguns jovens têm o **Gosto pelo Cante Alentejano**, e isso revela a sua identidade alentejana. No caso da Filipa, o seu gosto pelo cante alentejano, e a sua vontade em fazer parte dele revelou a criação e a adopção de uma nova identidade pessoal, da sua identidade como alentejana. O facto da Filipa ser de uma região com uma cultura diferente da do Alentejo, e de quando passou a estar integrada na cultura alentejana, ter adoptado a mesma identidade qua a do povo alentejano, veio demonstrar que a construção da identidade é construída também pelo contexto que nos rodeia e pela sociedade em que estamos inseridos (a identidade como uma construção psicossociológica).

As **Cantigas Alentejanas Transmitem** muitos **Sentimentos**, e isso deve-se à vertente verídica das histórias das cantigas. As cantigas alentejanas contam histórias de tudo o que se vivia, é este misticismo, do contar o que se vivia antigamente que faz com que esta música seja apreciada pelos mais jovens. O cante alentejano é descrito por cada um de forma diferente, cada um sente e atribui ao cante alentejano o seu próprio significado, para uns o cante é uma “(...) música assim diferente, era muito calma”, para outros, o cante alentejano “(...) é um cante alegre, solto, diverte-te, cantas coisas bonitas”, é por este motivo que o cante alentejano não passa despercebido a quem o ouve, porque “Mostra muitas emoções (...)”.

Como já tinha sido referido anteriormente, **Diferentes Regiões** do Alentejo têm **Diferentes Estilos de Cantar**. Temos por exemplo, a comparação entre o estilo de cantar da região de Beja e o estilo de cantar da região de Serpa, onde em Serpa “(...) eles têm aquele timbre ainda mais seco, mais tradicional (...)”, a diferença está no facto de que “O próprio tom de voz é diferente, essa é que é a característica do cantar, de região para região” (outgroup). Esta diferença quanto ao estilo de cantar, nota-se principalmente quando grupos diferentes cantam a mesma moda, quando se faz essa comparação nota-se que “(...) a mesma cantiga cantada, por exemplo, por dez grupos é toda diferente, porque as formas de cantar são diferentes.”.

Os **Temas das Cantigas Alentejanas** são todos em torno do Alentejo. Falam dos pássaros, do trabalho, da freguesia, do Alentejo... Mais uma vez, é evidenciado o facto de as cantigas alentejanas conterem uma vertente real e de serem consideradas ricas em conhecimento porque “(...) são letras que têm muitas histórias.”.

Para estes jovens o facto de gostarem de cantar à alentejana deve-se a uma herança, transmitida pelos seus pais, pelos seus avós, pelo seu povo. O Vasco recorda-se muito bem da sua mãe cantando enquanto bordava, e do seu pai, que já fazia parte do grupo coral onde Vasco agora canta. Este gosto do Vasco pelo cante alentejano vem de uma herança transmitida pelos seus familiares (pertença numa colectividade social, que gerou a sua personalidade base, a sua identidade social). Mas o que ocorre com a Filipa é diferente, Filipa, por não ser do Alentejo, e por não ter família alentejana, não teve as **Referências Familiares** que lhe possibilitassem a transmissão destes hábitos, Filipa aprendeu a gostar do cante alentejano directamente com o povo alentejano, quando veio para o Alentejo.

Os **Motivos** que os levaram a **Entrar para os Grupos Corais** divergem, entre motivos mais pessoais (que remete para uma identidade pessoal) e motivos mais virados para a comunidade (uma identidade mais colectiva). Os motivos pessoais que os levaram a entrar para os grupos corais foram o gosto pelo cante alentejano, por este ser uma novidade, ou porque os seus pais já cantavam à alentejana. Os motivos sociais são, neste caso, o facto dos jovens não se interessarem pelo cante alentejano e a possibilidade de que este possa vir a terminar, e pela importância que o cante possa ter para o desenvolvimento local.

Mais importante do que gostar do cante alentejano, é gostar e fazer parte dele. É ao cantar e ao fazer parte dos grupos corais que se entra realmente em contacto com o cante, em que se criam e reforçam relações e laços com os restantes membros do grupo (identidade colectiva). A experiência dos jovens nos grupos revela ser muito agradável e enriquecedora para eles. O facto de **Gostarem de Fazer Parte do Grupo Coral** é visível quando comentam que estar no grupo foi “(...) super engraçado (...)”; quando falam sobre os seus medos de principiantes; como recordam a forma atenciosa como lhes ensinaram a cantar; ou do encorajamento que lhes deram. Fazer parte de um grupo coral, e fazer com que os jovens façam parte deste grupos corais, é mais do que cantar à alentejana, ou fazer com que a tradição continue, este encontro, promove principalmente laços interpessoais, aprende-se a conviver com o próximo e há sempre experiências gratificantes, quer para os mais novos, quer para os mais velhos. Por exemplo, o Vasco refere que uma das coisas que mais preza ao fazer parte de um grupo coral é a forma carinhosa com que as pessoas mais velhas o tratam. Aproximar pessoas de diferentes idades pode contribuir para a criação de valores, de um respeito mútuo, e para uma troca engraçada de conhecimentos e de experiências de vida.

Quem gosta, ou gostou, de estar num grupo coral dificilmente pensa em **Deixar de Cantar**. Filipa, que já não faz parte de nenhum grupo coral, porque o grupo do qual fazia parte se desfez, afirma que “(...) se formassem um grupo, hoje ou amanhã, eu ia entrar outra vez porque eu gosto.”, e o Vasco, que faz parte de um grupo masculino, afirma que depois de entrar para o grupo já nada o faz sair. Estas posições em relação ao cante, mostram bem a importância que o cante alentejano também pode ter para a construção da identidade pessoal dos mais jovens, isto é, a importância que o ambiente social e cultural pode ter na construção da identidade social..

Cantar não é um acto isolado, cantar significa, conviver, aprender, ensinar, dar a conhecer e partilhar (identidade colectiva). Os grupos corais não se encontram **Sediados** apenas nas regiões alentejanas, como por exemplo, em Beja, Serpa ou Aljustrel, há grupos de cantares alentejanos sediados “(...) na orla de Lisboa, como no Seixal e na Baixa da Banheira, Barreiro, há muitos grupos corais (...)”. O cante alentejano não se restringe apenas ao Alentejo, para além de haverem grupos fora do Alentejo, as **Actuações** dos grupos corais também ocorrem, em grande número, fora das fronteiras alentejanas.

Manter a tradição de se cantar à alentejana em grupos corais, na opinião dos mais novos, também parece ser uma tarefa muito difícil de se concretizar. São da opinião de que a tradição irá cair no esquecimento, pois os mais jovens não mostram interesse em entrar nos grupos, e os mais velhos, que deles fazem parte, vão saindo devido à sua idade. Chamam ainda a atenção para o facto de ser mais difícil fazer passar a tradição para as pessoas que estão no Alentejo, do que para os familiares dos alentejanos que se encontram fora do Alentejo, no entanto, mesmo fora do Alentejo já se está a notar um decréscimo de adesão aos espectáculos. O **Futuro do Cante Alentejano** corre um grande risco de não ser risonho, pois “Há uma série de coisas, de tradições antigas (...) que se perderam completamente com o tempo (...) vai-se perdendo uma série de coisas, que os mais novos nunca vão saber como é que é, quando se podia fazer uma preservação, portanto isto da identidade social...”, e o grande problema reside no facto de que “(...) não vamos conseguindo passar a vontade que existia nos alentejanos em manter as tradições.”. Os mais novos não se preocupam em manter as suas tradições, as pessoas mais velhas vão desaparecendo, vão-se perdendo conhecimentos, tradições, histórias de um povo, e “(...) perde-se a memória colectiva do povo.” (perda da identidade colectiva).

Nas suas opiniões os **Jovens** “(...) não estão a aderir muito a isto (...)”, eles escasseiam em todo o tipo de actividades, e mostram não se importar em entender que o futuro da sua tradição depende apenas deles. Esta é a opinião de jovens sobre jovens (ingroup), mas que como defensores das suas tradições e costumes conseguem distanciar-se e conseguem ver a realidade dos que com as suas idades não dão valor à sua cultura (outgroup).

Apesar do papel dos mais jovens ser crucial nos grupos corais alentejanos, para que os grupos tenham a oportunidade de ter uma continuidade, a **Atitude das Outras Pessoas em Relação aos Jovens que Cantam** nem sempre é a mais justa. Há tendência a perceber e a

avaliar o grupo de pertença (ingroup) de forma mais positiva do que os outros grupos (outgroup). Isto é o que ocorre no caso do cante alentejano, os jovens tendem a avaliar de forma negativa os outros jovens que fazem parte dos grupos corais alentejanos. Eles são alvo de algum gozo, e esse é principalmente um dos motivos que poderá levar os jovens a se afastarem desta actividade tão conotada como sendo uma actividade de pessoas mais velhas. Por vezes entrar para um novo grupo pode trazer implicações sociais para o indivíduo. O impacto na identidade, que a mudança ou a entrada para um novo grupo pode causar, por vezes pode intimidar os jovens e fazer com que estes recuem por não saberem como reagir. Nem sempre os jovens **Reagem** a estas **Atitudes** da mesma forma como a Filipa reagiu, ignorando, e infelizmente, perante estas pressões optam por desistir de cantar, ou mesmo, nunca chegam a tentar cantar.

São muito poucos os **Grupos Corais que Têm Jovens** na sua formação. A maior parte dos grupos é constituído por pessoas dos quarenta aos setenta anos, e dos trinta anos para baixo, inclusive, são em número muito reduzido. No entanto ainda se vai encontrando grupos com alguns jovens, aproximadamente, da casa dos vinte anos, “Dentro do grupo havia quatro jovens, de dezoito anos, de óculos escuros, a cantar à alentejana.”. Este é um excelente exemplo de como se pode continuar a ser jovem e participar num grupo coral alentejano. Este grupo adaptou-se, aceitando a entrada de um novo estilo no grupo, para que desta forma os jovens se sentissem mais integrados (ingroup). Esta adaptação veio mostrar que os mais velhos não só têm algo a ensinar aos mais novos, mas que também estão abertos aos seus ensinamentos, houve neste grupo uma troca de ideias, de estilos, de formas de vida e de conhecimentos, de ambas as partes, para que o grupo conseguisse trabalhar de forma harmoniosa.

O papel dos pais, no que respeita ao ensinamento dos seus filhos em relação à música é importante. Se a uma criança lhe for ensinado e dado a conhecer os cantares alentejanos, eles terão mais hipóteses de a apreciarem, tal como sucedeu nos testemunhos das pessoas mais velhas, que se lembram dos seus pais a cantarem e que sempre cresceram a ouvir os cantares alentejanos e continuam a preservar o mesmo gosto pelo cante que os seus antecessores. Ora, **Transmitir a Tradição do Cante Alentejano** aos mais novos faz todo o sentido, principalmente se estivermos e falar de jovens pais que lutam pelo futuro do cante alentejano. Porém, nos dias de hoje nem sempre é fácil fazer com que os jovens se interessem, principalmente quando a quantidade de informação que recebem, das mais variadíssimas

fontes, é bastante diversa e atractiva, e quando a pressão para se ser tão igual à maioria é tão forte, principalmente quando se é jovem.

Uma Visão Mais Optimista dá sempre um novo sentimento de esperança, principalmente quando vinda de alguém jovem, é uma “lufada” de ar fresco para quem tanto luta em manter vivos os costumes do seu povo. Primeiro, tem que se mudar a mentalidade das outras pessoas, tem que se fazer ver que cantar à alentejana não é sinónimo de inferioridade, muito pelo contrário, é mostrar que se é bastante instruído, pois ter o cuidado em conservar um costume tradicional é mostrar que existe a preocupação e o conhecimento da importância deste mesmo costume para a sua região. É importante dar a conhecer aos mais jovens o cante alentejano, o cante do seu povo, mas para isso há que chegar aos seus pais, aos seus educadores, “Agora as pessoas têm é que entender que aquilo que os outros nos vão transmitindo, nós também temos que transmitir de alguma forma.”, não se poderá esperar que um jovem entenda o cante alentejano, se tal nunca lhe foi dado a conhecer. Já há projectos em curso para dar a conhecer aos mais jovens o cante alentejano, indo até às escolas e aproximando as crianças do cante é uma forma de os educar para que aprendam a conhecer o cante alentejano e para que se interessem por manter viva esta tradição alentejana, “A gente não diz que vamos salvá-los todos, ou que vão todos cantar à alentejana, mas daqueles dez ou doze, que iniciam agora, se ficarem quatro ou cinco já é uma mais valia.”.

“O canto alentejano, sempre! É a minha palavra. É que se incentive a cantar à alentejana, e que se procurem oportunidades para os mais jovens aprenderem, porque muitas vezes eles também não aprendem porque ninguém os ensina.”. Esta é a **Mensagem** que melhor ilustra o quanto é importante fazer ver que o futuro do cante alentejano não depende apenas dos mais jovens, mas também, dos que os educam. O ponto de partida para sensibilizar os alentejanos para a preservação dos seus costumes poderá passar não só pelos mais jovens, mas também pelos mais velhos.

Discussão de Resultados

O cante alentejano tem sofrido alterações com o decorrer dos anos. Através das entrevistas foi possível perceber que há uns cinquenta/sessenta anos atrás a realidade do cante alentejano era bem diferente do cante dos dias de hoje. Esta mudança deve-se também em grande parte às mudanças que também ocorreram na sociedade. Antes cantava-se no caminho para o trabalho, no campo enquanto se trabalhava, quando os homens se juntavam nas tabernas ou nas sociedades, ou então ao serão, em família, junto à lareira, como uma das poucas formas de distração. Hoje a realidade é bastante diferente. O trabalho é diferente, já não se vê grandes grupos de homens e mulheres a trabalhar no campo e as pessoas já não se deslocam a pé para o trabalho, o que fez com que a tradição de se cantar em grupo em contexto de trabalho terminasse. Hoje já são raras as vezes em que no convívio com os amigos, se vê homens a cantarem nos cafés. Só quando se juntam, nas aldeias, pela noite fora, já alegres, aos fins-de-semana, é que se vê num café ou noutra, um grupo de homens a cantar. Com as mulheres acontece o mesmo, antes juntavam-se no trabalho, nos bailes, ou enquanto faziam renda, e cantavam em grupo, hoje, nos cafés ou nas casas de chá, das aldeias, só de vez em quando é que se juntam para cantar, como forma de passar o tempo, para se divertirem e para recordar os outros tempos. A cumplicidade que se vivia entre o povo alentejano onde, com a maior naturalidade, uma pessoa começava a cantar e espontaneamente os outros logo o seguiam, no campo, nos bailes, tabernas, nas ruas, em grupos junto às lareiras, hoje já não se vive, isso foi substituído por grupos de cantares alentejanos, os grupos corais alentejanos, onde os homens e as mulheres se juntam em ensaios semanais, e actuam em palcos ou em desfiles organizados pelas ruas, em dias de festa. Os motivos que os levavam a cantar são diferentes dos motivos que hoje os move. Antes cantar servia para esquecer as dificuldades, era uma forma de passar o tempo, de trazer alguma alegria, ou como a única forma de se conseguir falar com o namorado. Cantar era também uma forma de se brincar e era uma tradição, cantava-se pelo Carnaval, pela Páscoa ou pelo Natal. Hoje os motivos que levam as pessoas mais velhas a cantar são diferentes, cantam para recordar o passado, para preencher alguma solidão que sintam, e porque gostam do cante alentejano e têm consciência de que se não forem eles a canta-lo, o cante alentejano acaba por ser esquecido.

Não se verificam diferenças significativas nas opiniões dadas pelas pessoas mais velhas e pelos mais jovens. Ambos os grupos mostram o gosto pelo cante alentejano, e a

vontade de nunca deixar de cantar. Acerca das cantigas alentejanas, ambos falam da diferença que existe entre as diferentes regiões e os seus estilos próprios de cantar, e sobre os grupos corais, ambos apontam os motivos que os levam a entrar para estes grupos, e que são em ambos os casos, o gosto pessoal pelo cante alentejano e a preocupação em manter a tradição do cante. Os sentimentos que o cante alentejano transmite, são igualmente sentidos pelos mais velhos e pelos mais jovens, é um cante que transmite um sentimento de alegria, de saudade e de mística, pelos seus temas maioritariamente alegres e pelas histórias que as cantigas relatam. A preocupação em transmitir esta tradição musical também é vivida pelos dois grupos, preocupam-se em passar e em deixar um registo da tradição aos mais jovens para que a tradição não seja esquecida. A opinião sobre o futuro do cante e o papel dos mais jovens nesse futuro é a mesma, têm receio de que o cante alentejano de futuro deixe de ser cantado e alertam para a falta de interesse dos jovens e a contribuição que isso terá para este futuro. A única diferença que se verificou entre os mais velhos e os mais jovens foi nas suas experiências de vida. Os mais velhos falam a mais do que os jovens, temas relacionados, por exemplo, com o gosto colectivo pelo cante alentejano. Outros temas que são abordados pelos mais velhos, e não pelos jovens, são precisamente os que estão relacionados com as suas experiências de vida, tais como, os locais onde cantavam e com quem cantavam; as razões que os levavam a cantar (esquecer as dificuldades da época, trazer alguma alegria, pelas festas, como forma de namorar); o vestuário que usavam; as cantigas mais antigas; as cantigas que são feitas ou alteradas; e como formaram os grupos corais. Um tema, também abordado pelos mais velhos, e que não foi abordado pelos mais jovens, é o gosto por outros estilos de música, os mais velhos referem apreciar, para além do cante alentejano, o cante a despique e o fado, enquanto que os mais jovens não fazem referência, em concreto, por outros estilos de música. Por seu lado, os jovens também fazem referência a temas, aos quais os mais velhos não fazem. Fazem referência, por exemplo, ao gosto que têm por fazer parte de um grupo coral, onde falam sobre os seus receios iniciais e no carinho que recebem dos restantes membros do grupo; fazem referência à forma como reagem aos comentários menos positivos feitos pelas outras pessoas; e falam acerca da tentativa de transmitir a tradição do cante alentejano.

Um ponto importante abordado neste trabalho foi a preocupação com o futuro do cante alentejano. Tanto os participantes mais velhos como os participantes mais jovens prevêm que o cante alentejano não tem grandes probabilidades de ter uma continuação. O problema do cante alentejano é o facto das pessoas mais velhas irem deixando de cantar e os mais jovens não se mostrarem interessados em manter viva esta tradição. O que sucede é que estes

conhecimentos não são ensinados às gerações seguintes e as tradições vão-se esquecendo. Segundo os participantes entrevistados neste trabalho, o caminho a tomar é fazer com que os mais jovens se comecem a interessar pelas tradições do seu povo, e esse é um trabalho que deve ser levado a cabo pelos mais velhos. É indo junto dos mais novos, e das restantes pessoas, e mostrando e desmistificando o que é o cante alentejano, que se poderá fazer com que comecem a respeitar este tipo de música e a fazer ver a importância que existe em manter vivo o cante alentejano, tanto para o povo alentejano, como para o enriquecimento cultural da região do Alentejo.

No que se refere à identidade social, as pessoas mais velhas revelaram uma maior percepção de si enquanto membros de um grupo, em comparação com os mais jovens que revelaram uma percepção mais individual. Os mais velhos, referiram com maior frequência o gosto colectivo pelo cante alentejano e os acontecimentos em grupo relacionados com o cante. O facto de os jovens não mencionarem com tanta frequência um lado mais social e colectivo pode-se justificar pelo pouco contacto com o cante alentejano fora do contexto do grupo coral. O que ocorre com a maior parte dos jovens que fazem parte de um grupo coral alentejano, é que no seu dia-a-dia revelam-se raras as ocasiões em que podem partilhar com as restantes pessoas este seu gosto pelo cante. O contexto pode ser originador da variação entre o pessoal e o colectivo, e o contexto em que muitos destes jovens que gostam de cante alentejano vivem faz com que a sua identidade não consiga alargar-se para além de uma identidade mais pessoal.

As histórias sobre o cante alentejano e sobre o Alentejo, contadas pelos informantes chave neste trabalho, vêm reforçar muitos dos pontos que são abordados na literatura. Os temas que vão ao encontro do que se encontra na literatura são, por exemplo, o facto de já não se cantar em grupo nas tabernas, no campo, ou pelas ruas das povoações, mas de haverem apenas grupos corais, que fazem ensaios e actuações em palco; os temas das cantigas alentejanas que falam sobre o Alentejo, e são sobre tudo o que dele faz parte; a forma de vestir, com cores vivas e sempre alegres; e fazem também referência às dificuldades e repressões a que estavam sujeitos. Contam, igualmente, que cantar servia para abafar a dor e o sofrimento que se sentia com tal repressão.

Com este estudo procurou-se conhecer um pouco mais de como era o cante alentejano e como este se conserva nos dias de hoje. Pretendeu-se enriquecer um pouco mais a informação já existente, dando voz aos que são memórias vivas de como era o Alentejo e a realidade do Alentejo e do cante alentejano há uns anos atrás. Pretendeu-se saber na primeira pessoa como era o cante quando eram novos, e como vêm o cante alentejano hoje. Fez-se

também um trabalho de recolha junto dos mais jovens, tentou-se saber junto destes o que pensam do cante, da forma como vêm o futuro do cante alentejano, e a avaliação que fazem da atitude perante o cante, daqueles que tal como eles também são jovens.

Neste trabalho foi-se junto dos intervenientes principais do cante alentejano, os que mantêm o cante vivo, os mais velhos, e os que são o futuro do cante alentejano, os mais jovens. Este trabalho vem indicar que os mais jovens não têm mostrado muito interesse no cante alentejano, colocando em risco a sua continuidade. Perante tal condição surgiram algumas ideias para promover o cante alentejano junto dos jovens. Quando era nova e andava na escola primária, recorde-me de que um grupo de jovens estudantes foi à minha escola e escolheram um grupo de alunos para formar um grupo coral alentejano de crianças. Talvez por ter feito parte desse grupo e por ter sempre ouvido a minha avó cantar à alentejana em casa, e mais tarde num grupo coral, se tenha desenvolvido o gosto pelo cante alentejano. É devido a este sentimento que me preocupa tanto o futuro do cante alentejano. Sugiro que é dando a conhecer aos jovens o cante alentejano, desde que estes são pequenos, que se conseguirá fazer com que comecem a respeitar e a gostar do cante alentejano, e a tomar atitudes para que esta tradição não termine. No decorrer da entrevista com o Vasco surgiram boas ideias sobre medidas a tomar para promover o cante alentejano (ver entrevista de Vasco em Anexo), que já serviram para planear novos projectos numa associação de jovens de uma aldeia. Uma dessas ideias, que surgiu no decorrer da entrevista, é ir junto das crianças, às escolas primárias, e tal como aconteceu no meu caso quando criança, fazer-lhes chegar o cante alentejano, ensinando-lhes a história do cante alentejano e dando-lhes a conhecer as modas alentejanas. Outra ideia seria trabalhar com as associações de jovens e incorporar nas suas actividades ateliers de cante coral alentejano, onde seriam feitos ensaios e actividades em torno do cante coral, tal como se faz com outras actividades como a representação, capoeira ou poesia. Seria também um trabalho interessante, juntar os principais intervenientes do cante coral dos dias de hoje, os jovens e as pessoas mais velhas. Esta seria, para além de uma oportunidade de aproximar estes dois grupos que tanto têm a beneficiar com a sua interacção, uma oportunidade de passar muito do conhecimento desta área para os mais jovens. Seria dada a possibilidade de os mais velhos ensinarem aos mais novos modas alentejanas, quer as mais conhecidas, quer as que já vão ficando esquecidas no tempo. Esta aproximação poderia ser feita através de convívios entre, por exemplo, escolas e casas de repouso. Este, para além de um projecto de promoção do cante coral junto dos jovens, seria simultaneamente um projecto de recolha de material, porque tal como foi sendo referido neste trabalho, há modas que estão a desaparecer por não haver a possibilidade de serem ensinadas e passadas aos mais

jovens. Estas são algumas medidas que podem ser tomadas para fazer com que as tradições, quer do Alentejo quer de outras regiões do nosso país, sejam preservadas. Não se pode esperar que todos os jovens com quem se trabalhe gostem e comecem a cantar à alentejana, mas alguns deles hão-de aderir, e é de jovem em jovem, que se poderá ter a esperança de que as tradições do povo alentejano continuem firmes, e que aquilo que os caracteriza como sendo alentejanos continue vivo.

Referências Bibliográficas

- Amâncio, L. (1997). Identidade social e relações intergrupais. In, *Psicologia social*, Jorge Vala & Maria B. Monteiro (coordenação). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Aymard, A. (2005). Grupos. In, *Dicionário de psicossociologia*. Jacqueline Barus-Michel, et al. (coordenação). Lisboa: Climepsi – Editores.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno – uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- Fischer, G. N. (2002). *Os conceitos fundamentais da psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gaulejac, V. (2005). Identidade. In, *Dicionário de psicossociologia*. Jacqueline Barus-Michel, et al. (coordenação). Lisboa: Climepsi – Editores.
- Grand, J. L. (2005). Histórias de vida. In, *Dicionário de psicossociologia*. Jacqueline Barus-Michel, et al. (coordenação). Lisboa: Climepsi – Editores.
- Maçarico, L. F. (2000). O Alentejo, o cante e os seus poetas. In, *Arquivo de Beja*, vol. XIII, série 3, Abril 2000, Edição: Câmara Municipal de Beja.
- Marcelino, P. (2007). *Representações sociais e relações intergrupais*. Dissertação de mestrado. Lisboa: I.S.P.A.
- Marvão, Pdr. A. (1966). *Origens e características do folclore musical alentejano*. Edição do autor.

- Marvão, Pdr. A. (1997). Estudos sobre o cante alentejano. Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores.
- Nazaré, J. R. (1986). Momentos vocais do Baixo Alentejo – cancionero da tradição oral. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Oliveira, R. C. (1976). Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais.
- Orta, J. A. (1999). O cante e a pobreza – uma abordagem etno-histórica. In, Arquivo de Beja, vol. XI, série 3, Agosto 1999, Edição: Câmara Municipal de Beja.
- Pereira, J. F. (1997). Corais alentejanos. Lisboa: Edições Margem.
- Poirier, J., et al. (1999). Histórias de vida – teoria e prática. Oeiras: Celta Editora.
- Seymour, D. T. (1993). Estudos de mercado – marketing research – métodos qualitativos para os profissionais de marketing. Mem Martins: Edições Cetop.
- Silva, S. P. (2007). Sem-abrigo: métodos de produção de narrativas biográficas. In, Sísifo, Revista de ciências da educação, 2, pp.69-82. Consulta em 01/2009.
<http://sisifo.fpce.ul.pt>

Guião de Entrevista para Participantes Mais Velhos

- Falar de quando era mais novo e cantava à alentejana.
- Onde, quando e com quem cantava.
- Porque cantava.
- Que temas cantava.
- Como é cantar hoje.
- Porque canta hoje.
- O que pensa do futuro do cante alentejano e dos jovens.

Guião de Entrevista para Participantes Mais Jovens

- Falar da sua experiência de cantar à alentejana.
- Com que idade começou a cantar.
- O que o levou a começar a cantar.
- Influência e referências familiares.
- Passar a tradição do cante alentejano às próximas gerações.
- O que pensa do futuro do cante alentejano e dos jovens.

Maria, 70 anos de idade, nasceu em Reguengos de Monsaraz, vive na Salvada há 40 anos e pertenceu ao Grupo Coral Feminino da Salvada, “Vozes do Alentejo”.

L.V. – D^a Ilda, quero-lhe perguntar como era a sua vida relativamente ao cante alentejano, quando era mais nova. Por exemplo, quando cantava, onde cantava, com quem cantava...

Maria – Quando era mais nova gostei sempre muito de cantar e cantava em casa e com as minhas irmãs, tinha irmãs e cantávamos à noite, ao serão. Não tínhamos mais nada e cantávamos ao serão aquelas modas que a gente sabia. E depois comecei a trabalhar, e com onze anos no campo, e aí comecei com as minhas amigas e cantávamos na monda, na aceifa, na azeitona, na apanha da uva, e cantávamos. Quando vínhamos de volta no caminho, que largávamos o trabalho ao sol-posto, vínhamos sempre fazendo aqueles ranchos de moças cantando aquelas bonitas modas, cantávamos cantigas, fazíamos cantigas, versos. E era assim... Depois casei-me, mas continuei sempre a cantar, na minha casa, nos dias que ia trabalhar no campo, cantava à mesma. Depois vim morar para a Salvada e aqui na Salvada havia um grupo coral de homens e eu pensei em formar um grupo de senhoras, de mulheres, e assim foi... formámos um grupo. Começámos a cantar, nos anos de uma senhora, por brincadeira, começámos a cantar e eu pensei, “vou formar um grupo”, e formámos o grupo e começámos então a cantar em vários sítios, por exemplo, na aldeia das Neves, em Beringel, aqui nas Festas da Nossa Senhora da Conceição, e cantávamos em vários sítios... Na Voz da Planície, em Beja, fomos lá várias vezes cantar.

L.V. – Voz da Planície é uma rádio?

Maria – É a Rádio Voz da Planície em Beja. Cantámos lá várias vezes e pronto... Continuei sempre a cantar, porque gostei sempre muito de cantar. E gosto, gosto muito de fazer cantigas e gosto muito de cantar.

L.V. – Então quer dizer que canta cantigas que conhece e faz as suas próprias cantigas.

Maria – Faço as minhas próprias cantigas, e algumas modas que nós cantámos foram feitas por mim. Ainda hoje tenho escrito... estou ainda escrevendo com a idade que tenho... E gosto muito de cantar, mesmo... de luto que estou, mas ainda canto.

L.V. – Sozinha?

Maria – Na minha casa. E gosto muito de fazer modas. Vêm-me ao sentido aquelas coisas e eu gosto. Algumas escrevo, tenho escritas e outras ficam-me no sentido gravadas.

L.V. – Há pouco a D^o Ilda falou de quando era mais nova. Cantava com as suas irmãs... Quando trabalhava no campo também cantava, cantavam todas juntas e quando voltavam para casa. Porque é que cantavam enquanto trabalhavam, era uma forma de...

Maria – Era uma forma de passarmos o dia do nascer do sol ao pôr, melhor. Não se sentia tanto... as dores que nós tínhamos no corpo. E os dias passavam-se, as horas passavam-se mais depressa. E depois vinha o meio-dia à uma hora de tarde, davam o almoço, tínhamos uma hora para almoçar e a gente almoçava. Mas mesmo dentro dessa hora éramos umas pessoas muito divertidas, brincávamos... fazíamos brincas, fazíamos teatros, e sempre cantando! Havia sempre uma fadista, por exemplo, havia sempre duas ou três para cantarem a moda e as outras todas batiam as palmas e era assim o nosso... a nossa vida.

L.V. – Ajudava-vos a passar o tempo, as dificuldades.

Maria – Pulávamos à Inteira, jogávamos ao Rucha Milhano, e fazíamos essas brincadeiras, assim.

L.V. – Quer dizer que cantar, não só por motivos de felicidade, mas também...

Maria – Pois. Para passarmos os dias melhores! E porque gostávamos muito. E para passar os dias melhores. Era o nosso divertimento. Era o trabalho e era o cante. E assim passávamos. À noite, não havia um rádio, não havia uma televisão, a gente não tinha nada, passávamos os serões como? Cantando! Eu, éramos quatro irmãs na minha casa e a gente cantávamos, o meu pai ajudava a gente a cantar, cantava muito bem, e a gente cantava. E fazíamos versos umas às outras. Uma cantava e a outra respondia. E foi assim que passei a minha mocidade. E continuo a cantar.

L.V. – E que tipo de temas é que cantavam?

Maria – Modas alentejanas. Apesar de eu ser uma amiga do Fado.

L.V. – Mas essas modas alentejanas eram alusivas a que temas? Ao trabalho...

Maria – Ao Alentejo, ao Alentejo, ao Alentejo... sempre ao Alentejo. Ao trabalho, à azeitona, à azeitona miudinha, e era assim, à sombra da oliveira. Eram as nossas cantigas. Fazíamos cantigas ali na hora. Àquilo que nós andávamos a fazer.

L.V. – Eram temas sobre coisas do vosso dia-a-dia, coisas que vocês viviam, e passavam isso para o cante?

Maria – Era assim, sempre. Em chegando ao trabalho era logo,

começava uma a cantar e as outras ajudavam logo. E esta cantava uma cantiga, e depois a outra lá da outra ponta do trabalho... Chegámos a andar em ranchos de trinta mulheres, e quarenta... E respondia a outra e depois cantava a outra e depois respondia a outra, e o dia passava assim. E chovendo água em cima do nosso corpo, muitas das vezes, e sem uma embrulha, e assim passávamos o nosso tempo.

L.V. – E eram temas que traziam felicidade, ou eram também temas alusivos à pobreza e ao estado político que havia, à repressão...

Maria – Pois havia... e ganhávamos pouco e não chegava e víamos a dificuldade de... Eu via a dificuldade da minha mãe, a verdade era assim. Muitas das vezes tinha que se amassar o pão à noite, e ser cozido no forno à noite, para de manhã quando a gente ia trabalhar já o levarmos, ou senão, não tínhamos pão cozido, porque nesse tempo não havia padarias, a gente é que tinha que fazer esses trabalhos todos. A gente fazia os trabalhos todos. Graças a Deus, eu aprendi a fazer tudo, tanto eu como as minhas irmãs, a verdade é assim. E hoje tenho pena de não poder ainda fazer. Fazíamos meia à noite, ao serão, fazíamos as meias que nós usávamos nas nossas pernas no trabalho, com cinco agulhas, fazíamos as meias para a gente usar. Usávamos o nosso traje. O nosso traje era assim: era a saia; era a blusinha, uma blusa abotoada à frente, toda justinha; era o avental redondinho com o folhinho ao redor, com duas algibeiras; um lenço bonito, estampado, na cabeça; e um chapéu e um ramo de flores no chapéu. Era o nosso contentamento, a nossa mocidade, e era assim o nosso tempo.

L.V. – Era tudo colorido.

Maria – Tudo colorido. E as blusas todas floridas. Todas. Formei um grupo. Também... os lenços ao pescoço floridos, com as flores do campo, amarelas, encarnadas, cor-de-rosa, folhas verdes, o lenço azul escuro, saia azul escura, blusas brancas. Era assim. E nas

nossas mãos a espiga e a papoila. Era assim o nosso cante.

L.V. – Eu tenho uma dúvida. Essa pobreza e essas dificuldades e algumas tristezas por que se passavam também eram cantadas, ou isso era substituído por cantigas alegres, que faziam com que essas dificuldades fossem esquecidas?

Maria – A gente para esquecer, muitas das vezes, muitas das vezes... para a gente esquecer o que se sentia em casa, o que a gente via sentir em casa, os nossos pais e... pronto, e quando não havia trabalho comia-se em divida, para se pagar quando se trabalhasse, e a gente faz de conta que era um desporto. Os desportos que há agora, agora há desportos de bola, disto, daquilo e do outro, a gente, o nosso desporto era esse, olha, cantava, esquecia-se, do que... do que... do que ia encontrar em casa, a verdade era assim. Muitas das vezes chegávamos a casa e ainda não havia jantar feito, naquela altura à noite é que era o jantar. O almoço era lá no campo e o jantar, jantar, quando se diz o jantar, é um jantar de sopa migada, de pão migado, que assim é que era no outro tempo, o nosso comer era assim. E ao almoço levava-se uma taleguinha de fazenda, que a gente fazia, muito bonita, as moças, e ali levava um bocadinho de pão, com umas azeitonitas, e um bocadinho de toucinho, e um bocadinho de linguça, quem o tinha, e para comer um bocadinho de pão, e era assim, que a gente comia aquele bocadinho de pão ao meio dia e acabava-se de comer e davam-se ali meia dúzia de pulos e jogava-se e brincava-se. Jogávamos às junguetas, que não sei se hoje sabem o que é isso. São uns cascalinhos, eram seis cascalinhos e andava sempre um no ar, e a gente tinha aqueles jogos, como hoje se joga às cartas, por exemplo, a gente tinha esses jogos

assim. Jogávamos à calha, também, e era assim.

L.V. – E nessas ceifas, eram grupos de mulheres ou eram grupos mistos?

Maria – Grupos de mulheres e homens. Aceifávamos, os homens atavam a palha, pois... eu sabia atar também a palha, mas não atava, só atava na ceara que era do meu pai ou do meu avô, um dia mais tarde, quando o meu avô depois semeava. Comprou um bocado de terra e semeava e eu aprendi a atar. Mas eram os homens é que atavam e aceifavam, juntamente com as mulheres. As mulheres levavam duas margens, os homens levavam três, a gente vinha juntando e fazíamos os molhos e eles vinham atrás e vinham atando, e era assim a nossa vida.

L.V. – E eles também entravam nessas cantigas?

Maria – E andava uma com um cântaro, uma bilha de água e com um púcaro, dando água ao pessoal que andava trabalhando.

L.V. – E em relação às cantigas. Os homens também entravam nas cantigas?

Maria – Os homens também cantavam, os homens também cantavam. Quando fazíamos as ceifas, longe, nos montes, que não vínhamos a casa, senão aos fins-de-semana, para fazermos o avio, os homens à noite, sentava-se tudo, fazia-se um circulo e cantavam as mulheres juntamente com os homens e era uma alegria. Não posso dizer que não era porque para mim era uma alegria, e pronto... e hoje... É assim, as nossas cantigas, eram as cantigas... a gente fazia ali a cantiga, o verso, vá, muita gente não sabe o que é a cantiga, vá, um verso, e cantava o verso, por exemplo, ao namorado. O namorado até respondia, se lá estava na presença. E era assim que levávamos... e às vezes havia namoros feitos por cantigas e outros que se desmanchavam nas ditas cantigas, que se cantavam.

L.V. – Isso eram modas, cantares, o coral alentejano, ou dava-se outro nome a essas antigas?

Maria – Quer dizer, os corais eram quando haviam mesmo grupos corais, por exemplo, nas Perolivas havia... Perolivas, que é uma aldeia ao pé de Reguengos de Monsaraz, havia um grupo coral. Em Reguengos de Monsaraz havia outro, que ainda há, que ainda lá estão, já gente mais nova, de agora, não é? Mas continuaram sempre para a frente. E a gente não estávamos nos grupos corais mas cantávamos assim. Íamos aos bailes, pelo Natal, pela Pascoa, por... íamos a um baile... em não tendomos toque, não tendomos um toque, uma pessoa que tocasse concertina, quaje sempre tínhamos, mas quando não havia não deixava-mos de fazer os bailes. Íamos aos bailes e fazíamos uma roda, enfiávamos os braços uns nos outros e fazíamos uma roda. E tudo ali cantava um serão inteiro bailhavamos assim, dançávamos assim, e era assim que a gente falava com os nossos namorados porque não podíamos falar de outra maneira, que os nossos pais não deixavam.

L.V. – Esse tipo de música alentejana, em que uma pessoa fala e o outro responde, tudo em verso, tem um nome próprio, não tem?

Maria – Tem um nome próprio, que é o despique.

L.V. – O despique. O cantar ao despique.

Maria – Cantar a despique. Eu cheguei a cantar muitas vezes a despique com uma amiga minha. Foi a maior amiga que eu tive e cantávamos a despique, sempre uma com a outra, sempre... cantávamos... eu cantava e ela respondia e depois respondia-lhe eu outra vez. Pronto, cantávamos a despique. O meu pai, eu sai ao meu pai,

porque o meu pai cantava a despique noites inteiras, noites inteiras, com outro senhor.

L.V. – A base desse cantar ao despique é mais ou menos a base do coral alentejano?

Maria – Pois, do coral alentejano. O nosso cante, cá, para se falar a verdade é um cante alentejano.

L.V. – Pois, mas nas festas e nas brincadeiras adaptavam esse cante alentejano a essas “conversas”.

Maria – Pois. Pelo carnaval, por exemplo, nós cantávamos. Procurávamos aqueles estilos para cantar... vestíamos-se à cigana. À cigana é fato comprido até ao chão, preparávamos-se assim como as ciganas, mas bem pruparadas. E a gente procurava, cantávamos versos, fazíamos versos, assim à cigana, e procurávamos aqueles estilos sempre dos ciganos e cantávamos assim mais ou menos como eles cantam, fazíamos aqueles “aaaa....” e com a pandereta e assim fazíamos aquelas brincadeiras que naquele tempo se usavam. Era assim naquele tempo a mocidade, com a idade que eu tenho hoje, 70 anos, era assim, mas... Sou uma pessoa muito alegre, tenho as minhas tristezas, mas sou uma pessoa com um espírito muito alegre, e... com os meus desgostos, mas gosto muito de cantar e ainda não perdi as esperanças de ainda cantar... de ainda cantar, de ainda cantar. Se vivesse ainda uns anos, ainda formava novamente o grupo, formava, ainda formava, ainda gostava de formar o grupo.

L.V. – Quer dizer que desde nova até que formou o grupo nunca deixou de cantar, mesmo em casa. E depois formou o grupo.

Maria – Nunca deixei de cantar, nunca deixei de cantar e hoje estou de luto, estou de luto, mas na minha casa ainda canto, porque me vêem os versos ao sentido e eu tenho de canta-los, tenho que os cantar. Tenho muitos escritos, muitos, muitos, muitos, e modas, muitas modas escritas.

L.V. – E quando formou o grupo de cantares alentejanos feminino na Salvada, qual foi o seu grande objectivo, porque se lembrou de formar o grupo? O que pretendia ao formar o grupo?

Maria – Porque foi assim, havia grupos nas outras aldeias e na Salvada só havia o grupo masculino, feminino não havia nenhum e eu... Fomos a uma festa, a uma aldeia que se chama Quintos, e nessa festa cantámos, os homens e as mulheres, cantou tudo junto nessa dita festa, que era os anos de uma senhora, que ela fez uma festa porque fez anos nesse dia. E convidou pessoas aqui da salvada e nós fomos. E depois, lá eu, veio-me isto ao sentido, pensei, ouvi as senhoras cantarem, ouvi as senhoras cantarem e gostei das vozes delas e então pensei, eu vou ver se consigo formar um grupo na Salvada, feminino. Assim fiz. Comecei a falar com elas e começamos-se a ajuntar numa casa de chá, que cá havia. Íamos ao chá, punhamos-se lá às mesas, cantávamos e eu ouvia cantar esta, ouvia cantar aquela, e então demos-se em juntar aquelas que eu via que... pois. E então foi assim que o grupo começou, e vamos fazer um grupo, e foi. Fomos falar com o presidente da Junta da Salvada e depois fomos à Câmara de Beja, falar com o senhor da Câmara Beja, ele passou-nos os papéis, porque não podíamos formar um grupo sem termos esses papeis e essas coisas. E tivemos o nosso baptizo, fomos baptizados, o grupo foi baptizado, também, foi muito bonito, e foi assim. Tive muita pena, tive muita pena do grupo acabar mas... teve que acabar por motivos de... por motivos! Coisas que acontecem.

L.V. – E porquê um grupo apenas feminino, porque não juntar homens e mulheres.

Maria – Um grupo feminino, porque como havia um grupo masculino aqui, a gente teve que fazer só o grupo feminino. Porque podíamos fazer o grupo...

L.V. – Misto.

Maria – Misto. Senhoras e senhores. Porque o nosso grupo, chegámos a ir cantar só sete senhoras, só sete mulheres. Só cantámos sete senhoras. Mas... há quem cante uma pessoa só, e há quem cante só duas, e há quem cante três, e a gente chegámos a ser assim, o mais que fomos, fomos dez, o mais que fomos, fomos dez. E cantávamos modas muito bonitas, que ninguém as canta em Portugal, porque... há modas que ninguém as canta porque não as sabem, nós aprendemos, eu aprendi essas modas porque as ouvia ao meu pai, essas modas, que já o meu pai as ouvia ao pai dele, por exemplo, “Quando a neve apriceu...”, que já há bastantes anos que lá vão. Eu sei a moda toda da “Neve”. Nós cantávamos, onde quer que a gente foi cantar cantávamos a moda da “Neve”, toda a gente ficava... pois, tínhamos muitas palmas e toda a gente ficava ... pois, porque a neve apareceu... não é verdade? De manhã. E o meu pai sabia a moda e eu aprendi a moda e cantávamos essa moda. E cantávamos muitas modas, cantávamos tudo do Alentejo, as espigas, os passarinhos, as nossas modas eram muito lindas.

L.V. – Eram modas muito semelhantes às que cantavam quando era mais nova.

Maria – Sim. As modas do grupo coral que eu formei, era tudo modas antigas, que chama a gente hoje, modas mais antigas, “Maria da rocha”, por exemplo. Hoje estes grupos não cantam, nós cantávamos, “Maria da rocha, Do alto rochedo, ...”. Essas modas antigas, essas modas todas.

L.V. – E as modas que a D^a Ilda fez, também chegaram a cantar algumas dessas modas?

Maria – Também cantávamos, também chagámos a cantar. Por exemplo, “Eu adoro o

Alentejo”, também é minha essa moda, também é minha, “Eu adoro o Alentejo”... Agora há pouco tempo, eu já não estou no grupo, nem nada, mas há um monte aqui ao pé da Salvada que se chama o Monte do Outeiro, e fiz uma moda ao Monte do Outeiro, tenho-a escrita. Pode ser que algum grupo a cante, se não houver grupo nenhum que a cante, pode ser que ainda forme um grupozinho de mulheres, quando tiver mais vontade e mais gosto, e seja cantada, mas tenho-a escrita.

L.V. – Isso é a nível regional. Como não havia um grupo feminino na Salvada, a D^a Ilda pensou em formar o grupo. E a nível pessoal, o que levou a D^a Ilda, juntamente com as suas outras colegas, a formar esse grupo?

Maria – As outras minhas colegas, ninguém canta, em grupo nenhum. Porque, eu por motivos meus, deixei o grupo, tive que sair. Eu era quem fazia o alto no grupo. As outras faziam, todas, uma voz igual e eu fazia a voz diferente. Que se chama a isso o alto. Eu sai e elas ainda continuaram, mas não foram cantar a lado nenhum. Ainda fizeram três ou quatro ensaios, mas... pararam o grupo. E nenhuma hoje está cantando em grupo nenhum, porque o grupo feminino aqui acabou. Pode ser que ainda, um dia, eu, mesmo com a idade...mas canto até ser mesmo velhinha. Canto, eu, até mesmo velhinha.

L.V. – Quando era mais nova e trabalhava no campo, você, as suas irmãs e todas as suas colegas, cantavam. Cantavam para passar o tempo, para ajudar a passar esse tempo, para alegrar o dia. Essa era a sua motivação na altura para cantar, a sua e a dos restantes companheiros. Hoje em dia, tirando a ideia de criar um grupo feminino na Salvada, porque não havia nenhum grupo feminino na Salvada, o que é que

a levou também, e era isso que estava a perguntar à pouco, o que é que a levou também a querer continuar a cantar, a querer formar esse grupo para cantar. Porque quando era mais nova era para ajudar a passar o dia. Hoje em dia, há tantas coisas para passar o dia, que muitas pessoas se esquecem do que viveram e do que faziam quando eram novas. O que é que hoje em dia a levou a procurar voltar a cantar em grupo?

Maria – O gosto pelo cante. O gosto por cante. Porque hoje há muitas coisas para as senhoras irem aqui, para irem ali. Apesar de aqui na Salvada de não haver. Havia uma casa, que se chamava A Casa do Chá, e agente ia buber lá um chazinho e comer um bolinho. As que iam, não iam todas, mas pronto, as que íamos, as do cante depois passámos a ir todas, aos fins-de-semana, íamos. Hoje é diferente, nas aldeias, nas cidades é diferente. Nas aldeias é muito diferente das cidades. Não há... ainda quando aparece uma coisa qualquer, pronto. E a vida hoje é diferente, em tudo. Mas, quem tem gosto pelo cante, porque eu sempre tive o gosto pelo cante, sempre, e gosto muito de ser alentejana, de ter nascido alentejana, gosto muito do cante alentejano. Mas tenho mágoa de não ter nascido fadista. Não sei cantar fado, não é? Mas canto, gosto muito de fado. Falo a verdade, não gostava de fechar os meus olhos sem ir ainda a uma casa de fados. Gosto muito porque, adoro, adoro o fado. Sou alentejana, gosto do cante alentejano, tive no grupo, formei o grupo e ainda gostava de voltar novamente com o grupo. Mas gosto do fado. Sou romântica, gosto, sinto, sinto o que ouço cantar aos outros e sinto aquilo que eu canto. E canto porque sinto o que canto. E quando estou cantando, estou catando, mas estou sempre pensando nalguma coisa, quando estou cantando. Eu estou cantando, com uma entenção qualquer, é deregido a qualquer coisa, o meu cante.

L.V. – Sente aquilo que está a cantar e dá-lhe um significado.

Maria – Sinto o que canto. Tanto que sinto o que canto que chego a cantar, a estar a cantar e a chorar ao mesmo tempo. Porque estou sentindo o que estou cantando.

L.V. – Quer com o fado, quer com os cantares alentejanos, ou só relativamente ao fado?

Maria – Gosto muito dos cantares alentejanos. Sou alentejana, nasci no Alentejo e sou alentejana e com muito gosto. E gosto muito de ouvir um grupo, tanto faz de senhoras como dos homens, cantarem, gosto muito. Mas como já disse, o fado, para mim... porque, chega-me mais cá... choca-me mais, dentro, o fado. Eu hoje falando na Amália, os olhos agregalam-se-me de água, em ouvindo, por exemplo, outra que eu gosto muito de ouvir, a Mariza, por exemplo, adoro também ouvir a Mariza, há fadistas para mim que... eu gosto muito. De ouvir, porque gosto muito do fado, isto é, fados que me chegam cá ao coração. Eu, como já disse, sou uma pessoa... sou romântica. Por exemplo, a Alexandra. Há poucos dias ouvi a Alexandra cantar na televisão “por uma lágrima tua me deixaria matar”, eu chorei, eu chorei... adoro. Mas... o meu Alentejo está sempre à frente de tudo. Porque, lá eu gostar muito de fado, porque gostava de ter sido fadista, de ter uma voz linda para cantar fado, porque o fado chega-me mesmo ao coração, ao passo que o cante alentejano para mim tem muito valor, tanto tem que canto, mas já é uma coisa que me dá mais alegria. O cante alentejano para mim é uma coisa de mais alegria, mais alegre. O fado, não, o fado é uma coisa, para mim, uma coisa mais decente, mais... E sei-o compreender, porque os fados são também deregidos a qualquer coisa, por exemplo, este “por uma lágrima tua me deixaria matar”, porque? Tem que ser cantado com o sentido... Eu, por exemplo, se cantar este fado é pensando

nalgúem. Por uma lágrima daquela pessoa eu deixava-me matar. É assim que eu sinto! Agora as outras pessoas não sei, mas eu sinto assim.

L.V. – Não tenho mais nenhuma questão a colocar. Não sei se gostava de dizer mais alguma coisa sobre os cantares alentejanos. Alguma coisa que não tenha dito e que se recorde.

Maria – Os cantares alentejanos são muito bonitos, e há muitos grupos corais bonitos, que vão às outras aldeias cantar, e pronto, é muito bonito. Por exemplo, em Agosto fazem a Semana Cultural aqui na Salvada, vêm muitos grupos corais, de muitos lados. Uns cantam de uma maneira, outros cantam de outra, outros cantam... Mas são todos bonitos. São todos bonitos. Eu gosto, gosto do Alentejo, gosto de viver no Alentejo, porque... “Eu adoro o Alentejo, E gosto de cá viver, Porque ainda mal amanhece, Já está o sol a nascer.”. Acho que é tudo.

Filipa, 15 anos de idade, nasceu em Lisboa, vive na Salvada há 7 anos e pertenceu ao Grupo Coral Feminino da Salvada, “Vozes do Alentejo”.

L.V. – Filipa, fizeste parte do grupo coral “Vozes do Alentejo”. Diz-me como é que foi a tua ida para o grupo coral.

Filipa – Eu morava ao pé do Cinema e via as senhoras sempre a ir para lá (para o cinema da Salvada, local onde o grupo se juntava para ensaiar) e ouvia elas a cantarem. Achava que cantavam bem e um dia perguntei à senhora Ilda se eu podia entrar e a senhora disse-me que podia. Falou com o director delas, o senhor que dava-nos o ensaio, e eu entrei. Gostei de estar lá, foi pouco tempo, mas gostei. Foram todas muito amorosas comigo, acolheram-me bem e pronto...

L.V. – Com que idade foste para o grupo coral?

Filipa – Tinha doze anos.

L.V. – E ficaste no grupo quanto tempo? Porque o grupo depois terminou...

Filipa – Fiquei só os últimos dois meses.

L.V. – Há pouco na nossa conversa disseste-me que eras de Lisboa. Tens família do Alentejo, aqui da zona de Beja?

Filipa – Não.

L.V. – Sendo de Lisboa, não viveste sempre os grupos corais alentejanos, não é? O canto alentejano. Quando foste para o grupo sabias para o que ias?

Filipa – Sabia, sim, eu gostava. Como gosto de cantar, pronto.

L.V. – Já conhecias por ouvires outros grupos a cantarem? O tipo de música que era?

Filipa – Sim ouvia, ouvia o grupo coral da Cabeça Gorda, de vez em quando, aqui, em festas. E como sabia que havia o grupo coral feminino, decidi entrar.

L.V. – Não há muitos jovens a entrar nestes grupos.

Filipa – Não. Mesmo por causa disso eu entrei mais. Porque... a gente dagora é diferente. Já não ligam muito a este tipo de coisas e também se não forem jovens a entrar nisto... como é uma tradição e é bonito, depois acaba. E pronto, cai no esquecimento.

L.V. – Como não és do Alentejo, se calhar não tens referências de pessoas de família a cantarem o canto alentejano. Como era uma novidade para ti resolveste-te interessar e aprofundar um pouco mais, entrando para o grupo. Conta-me como é que correram estes dois meses.

Filipa – Ai... era super engraçado porque as senhoras iam-me lá chamar (a casa), porque não sabia muito bem as horas dos ensaios, e depois íamos lá para dentro. Conversávamos um bocadinho, todas, e depois o senhor chegava e a gente punhamos-se todas em ordem e cantava. E depois umas enganavam-se e ficavam lá a rir-se e a falar, mas era, mas foi muito giro, os dois meses. Eu não sabia muito bem as letras, mas apanhava uma coisa dali e daqui e pronto, já conseguia cantar.

L.V. – O grupo era formado por pessoas mais velhas, não havia jovens...

Filipa – Não, era a única.

L.V. – O que é que os teus amigos achavam disso?

Filipa – Diziam que era velha... e gozavam comigo, mas eu também não me importava. Eu também na altura não tinha muitos amigos, como era nova aqui, pronto... só conhecia assim as senhoras. Eles sabiam que eu cantava, e depois não diziam mais nada, foi só aquele tempo, depois era o hábito.

L.V. – Foi só na fase inicial, em que entraste. Acabaram depois por aceitar.

Filipa – Sim, não... depois não gozaram mais.

L.V. – E interessaste hoje por entrar num novo grupo?

Filipa – Sim, se formassem um grupo, hoje ou amanhã, eu ia entrar outra vez, porque eu gosto.

L.V. – Em relação aos jovens. Tu não és de cá, mas ouviste, gostaste e resolveste entrar no grupo, porque é uma tradição que é bonita de se manter. Isso não acontece muito com os jovens de cá...

Filipa – Eles estão diferentes, pronto, acham que são bonitas, mas pronto, desinteressam-se.

L.V. – O que tens a dizer sobre os temas das modas e o ritmo.

Filipa – É giro. Pronto, eu não sei muitas músicas, não é? Mas as letras que eu ouvia e que apanhava, são letras que têm muitas histórias. Contam coisas e eu acho interessante, é bonito.

L.V. – Ainda hoje cantas sozinha, algumas dessas músicas, partes dessas músicas que te lembram?

Filipa – Não me lembro muito bem. Porque é... pronto, já faz muito tempo, e depois como entrei apenas aqueles dois meses, não, não decorei assim as

letras. Como a gente cantava imensas músicas numa noite, tornava-se difícil decorar tudo.

L.V. – Já me disseste que pretendias continuar. Os teus colegas, não sei se calha em conversa, ou não, eles não mostram também essa vontade? Por exemplo, quando tu entraste, ouve só esse sentimento de “ah... tu estas a entrar num grupo que é de pessoas mais velhas”, não ouve ninguém que mostrasse também essa vontade de entrar?

Filipa – Houve um amigo meu, que disse que gostava de entrar, mas depois... era o único. Ele canta lá com a mãe, num grupo de outra aldeia.

L.V. – Entraste para o grupo porque estavas interessada em conhecer mais, por teres curiosidade e porque gostaste do pouco de cantares alentejanos que tinhas ouvido. Lá em Lisboa, quando estavas em Lisboa, não chegaste a ouvir essa música?

Filipa – Não.

L.V. – Não conhecendo muito bem os cantares alentejanos, não tendo esse contacto com os cantares alentejanos, visto seres de Lisboa, e não teres ouvido os cantares a não ser quando vieste para a Salvada, o que te levou a gostar e a ter esse interesse pelos cantares?

Filipa – Gostei quando ouvi, porque era uma música assim diferente, era muito calma. Mas depois a gente aprendemos... a gente ouve e aprendemos a gostar. A música fala sobre muitas coisas de há já muito tempo. Faz pensar as coisas que se viveram aqui no Alentejo. Falam sobre o trabalho, os pássaros... As letras que cantávamos falavam sobre isso. Tenho lá o CD com todas as músicas que a gente cantava, mas cantadas por outras pessoas...

L.V. – O que é que sentiste logo, logo quando entraste no grupo? Porque uma pessoa tem aquela fase de iniciação, não é? “Eu venho para aqui, é o meu primeiro dia que estou a

cantar, ou o segundo ou o terceiro e ainda não sei muito bem... ainda não estou no ritmo, não sei as letras”. O que é que... o que é que sentiste?

Filipa – Tive muito medo de gritar e de desafinar (risos). Mas depois as senhoras diziam para eu baixar um tom, para cantar mais ou menos com elas. Não apanhava as letras, mas tentava, mas cantava, nem que fosse a parte final, mas pronto, lá se ouvia eu (risos). Mas tinha imenso medo de desafinar. E de... ouvia não é? Quando estavam pessoas a cantar eu ouvia, não podia aumentar muito o tom.

L.V. – O que é que pensas sobre o futuro do cante alentejano?

Filipa – Como os jovens não estão... não estão assim a aderir muito a isto e as pessoas se vão tornando mais idosas e já não podem andar aquele caminho todo para ir e já não lhes apetece cantar porque têm outras coisas para fazer... Isto mais tarde ou mais cedo vai acabar, porque os jovens agora já não ligam nada. E as pessoas também não estão aqui para sempre.

L.V. – Marisa, tens mais alguma coisa a acrescentar sobre os cantares alentejanos?

Filipa – Como eu não... Se tivesse mais tempo, mais experiência lá, eu falava mais. Foram dois meses. Foram-me bater à porta a dizer que tinha que acabar, e... estavam muito tristes. Deram-me uma fitinha com a assinatura delas e um CD. E as pessoas mais jovens... que tenham vozes... mesmo que não tenham as melhores vozes do mundo! Eu também não tenho! Mas se forem aprender a trabalhar a voz, mais à frente... mais para a frente têm... conseguem! Não é uma música que uma pessoa vá adorar, adorar...! Mas ouvir, é bonita, é bonita de se ouvir. Mostra

muitas emoções principalmente. É basicamente a história das pessoas antes, quase todas as músicas.

José, 73 anos de idade, nasceu e vive na Salvada. Esteve doze anos emigrado em França (foi para lá com 33 anos). Fez parte do Grupo Coral Masculino da Salvada, “Grupo Coral Casa do Povo da Salvada”.

L.V. – Sr. Batista, gostava que me falasse dos cantares alentejanos de quando era mais novo. Onde cantavam, com quem cantavam...

José – Cantava... vá, éramos novos, juntávamos-se aí, no tempo que namorávamos, juntávamos-se a beber um copinho e depois cantávamos. Onde puxavam, como, vá, sabia fazer alto, não sei se sabe o que é que é, fazer alto, e foram puxando por mim, foram puxando por mim. Ainda foi ontem que eu ofereci um borrego para comermos e donde surgiu cantarmos todos.

L.V. – E quando era jovem e se juntavam para beber o tal copinho, onde é que se juntavam?

José – Oh... juntávamos-se nas tabernas, ou nas sociedades e depois, uns copinhos dá para a gente se divertir um pouco (risos).

L.V. – E no campo? Não sei se trabalhou no campo quando era mais novo.

José – Trabalhei no campo, e depois na mocidade é que a gente a cantar, dançávamos. Ao almoço, era no jantar. Pronto, foi lá com... dezasseis anos conheci a minha senhora e assim foi. E o grupo foi anunciado, uma noite lá na praça, que vieram uns cantarem alentejano, em que a gente juntávamos-se além, catorze ou quinze, e começámos a brincar, a cantar... vá, as nossas modas, aquilo que a gente sabia, um bocadinho melhor, um bocadinho mais mal, mas pronto davam todos um jeito no cante, e como davam todos um jeito no cante, surgiu armarmos,

fazermos um grupo. Masculino e feminino.

L.V. – Masculino e feminino? Portanto era misto.

José – Não, não, não! Era só masculino.

L.V. – E quanto tempo é que já tem o grupo masculino da Salvada?

Batista – Deve ter dezasseis anos.

L.V. – Portanto, esteve no grupo desde que foi formado?

José – Tive no grupo até há dois anos, mais ou menos. Porque pronto, a senhora adoeceu, praticamente precisa de estar sempre acompanhada e eu não me dá aquela alegria, aquela sensação de cantar e saber que ela está em casa a sofrer, e de momentos, às vezes temos ocasiões em que a mulher precisa de ir para o hospital e é por isso que não me dá aquela alegria, aquele gosto de cantar, de continuar a cantar.

L.V. – Mas quando decidiu entrar para o grupo, quando decidiram formar o grupo, qual foi o seu objectivo pessoal?

José – Sentia aquele prazer em cantar. Que sempre gostei muito, muito, muito de cantar. E hoje, não estou no grupo, não é porque todos os dias praticamente o presidente da Junta me vêm, e os companheiros e vêm e dizem, “Tens que vir para o grupo, tens que vir para o grupo, e fazes falta cá no grupo”. Eu sei que faço falta, eu sei que realmente eu faço lá falta, não sou mais que todos os outros que lá estão, porque todos juntos é que formamos o grupo, mas é aquela coisa... pronto! Não tenho aquela alegria e quando a gente não tem uma certa alegria não sente muito bem aquilo que está a fazer. Porque a gente para tar a cantar tem que tar bem fixado

naquilo que vai cantar e não pode pensar noutras coisas qualquer. E nesse momento em que está a cantar, no momento penso naquilo que se me surge, as coisas saem mal. E a gente não pode fazer isso.

L.V. – Pois, até porque o cante alentejano é um cante alegre e se uma pessoa está em baixo acaba por passar essa tristeza.

José – Pois, a voz não sai com aquela alegria que a gente precisamos de ter para cantar. Pronto é diferente, é totalmente diferente. Porque eu saia, quando a gente tinha as saídas elas acompanhavam a gente, elas acompanhavam a gente. A gente tava no palco, em que na frente, elas estavam a ver a gente, todas contentes, que a verdade era assim, todas cheias de alegria, como nós estávamos, e a gente tavamos à vontade. É diferente de estar sozinho. E pensar que ela está mal, conforme está.

L.V. – Falou à pouco que formaram um grupo masculino, mas que formaram também um grupo feminino.

José – Foi o grupo feminino “Vozes de Alentejo”.

L.V. – Mas esse grupo foi formado mais tarde.

José – Mas houve também um grupo feminino de miúdas que cantavam ainda aí, uns dois anos ou três, mas depois pronto, muito jovens, não tinham quem nas ensaiasse e as dominasse, que a verdade é assim, acabou tudo.

L.V. – Quer dizer que o grupo masculino sempre apoiou os grupos femininos que se formaram.

José – Sempre, sempre. Acompanhávamos-se uns aos outros,

ajudávamos-se uns aos outros naquilo que fosse preciso.

L.V. – Fale-me um pouco de quando era mais novo. Disse-me que trabalhou no campo. Como é que era, eram grupos masculinos ou cantavam também com as mulheres?

José – Era das duas coisas. Raparigas a cantarem com a gente, a gente a cantar com elas. Dançávamos no campo. Nos pequenos intervalos que tínhamos, pronto, acabávamos de comer e cantávamos e divertíamos-se! Que é o que não existe hoje. Hoje está totalmente diferente.

L.V. – E eram alturas difíceis, eram tempos difíceis...

José – Eram tempos difíceis sim senhor. Verdadeiramente eram difíceis. Mas com muito mais alegria com que não existe hoje. Hoje, no meu ver, não será o caso de toda a gente, mas em parte, toda a gente vive melhor, mas não há aquele amor e aquele carinho que existia, como existia antigamente. No tempo da miséria, esta é a realidade.

L.V. – Cantava nessas alturas em que se juntava com os seus amigos e...

José – Íamos para os bailes, em que dançávamos toda a noite, a cante, ou ao toque da flauta, pois.

L.V. – Mas também cantavam? Poderia haver alguém a cantar no baile, mas depois vocês também cantavam?

José – Pois, juntávamos-se e divertíamos-se assim, nesse tempo. Era isso e era a concertina, que existia muito tempo a... uma época em que a concertina é que existia, na existia agora o que existe agora. Agora já é tudo diferente.

L.V. – E juntavam-se nessa altura das festas, na casa do povo ou nos cafés com os amigos...

José – Em várias casas. Em várias casas nesse tempo. Até na época do Verão, os solos eram de terra e a gente preparava a terra, quer dizer, preparava-se o chão e molhava-se, em que depois para abater a terra, para fazer o chão, dançávamos lá em cima.

L.V. – Fazia-se um baile não era? Para alisar o terreno. E então juntavam-se nessas alturas. Portanto, esses encontros nos cafés, casa do povo, eram encontros masculinos, as mulheres não faziam parte desses encontros? E como é que era, era um encontro diário, ao fim da noite...

José – Oh! Era praticamente diário. A gente em se juntando, como éramos muito amigos de cantarmos, daí a nada estávamos a cantar.

L.V. – E o cantar, ficava por aí, ou a caminho de casa também iam cantando?

José – Olhe eu fui uma das pessoas até que em casa, levava o tempo cantando. Até tudo isso me abalou, praticamente era tudo aquilo que eu mais gostava, até tudo isso praticamente perdi.

L.V. – E os temas que cantava quando era mais novo. Eram temas alegres. Eram temas mais tristes?

José – Eram modas que se usavam nesse tempo. Alegres, pois, que a verdade é assim.

L.V. – E falavam sobre o Alentejo, falavam sobre o amor, falavam sobre o quê?

José – Falavam nas raparigas, falava-se no trabalho, que a gente não tinha outra vida que não era o trabalho, e a tudo o que existia nesse momento.

L.V. – E recorda-se de alguma dessas cantigas que cantava quando era mais novo?

José – Às vezes.

L.V. – Não sei se me pode cantar uma (risos).

José – (risos)

“Minha mãe bem me dizia,
E meu pai dizia bem,
E ó filho nunca te metas,
Com quem juízo não tem.”

Às vezes falha-me...

“Tua mãe diz que não quer,
E o teu pai o mesmo diz,
Não quero por minha causa,
Que deixes de ser feliz.”

L.V. – Esses dois versos estão relacionados com o amor, com a companheira, ou futura companheira. E cantigas alusivas ao trabalho e ao Alentejo?

José – Realmente assim de momento... Quer dizer, a idade, esquece-se um pouco, não é? Pois.

“Doente fui para o trabalho,
Fui para trabalhar não pude,
Chorando pedi a Deus,
Que me mandasse saúde.

Ó minha mãe, minha mãe,
Minha mãe amada,
Quem tem uma mãe tem tudo,
Quem não tem mãe não tem nada.”

L.V. – Essa já fala sobre as dificuldades que na altura se viviam no trabalho. Mas em geral são...

José –
“Castelo de Beja,
Subindo lá vais,
Tu metes enveja, Castelo de Beja,
Às aguens reais.

Às aguens reais,
Tu metes enveja,
Subindo lá vais, subindo lá vais,
Castelo de Beja.”

L.V. – Essas são as alusivas à região de Beja. À cidade de Beja. E hoje em dia as cantigas são as mesmas que cantavam na altura, ou são cantigas que fazem, novas, ou que modificam? Há alguma diferença entre as cantigas?

José – São cantigas que o ponto arranja. O ponto arranja aquelas cantigas e depois a gente canta-as. Antes da moda, eu canto uma cantiga, e depois pega-se na moda que vai seguir.

L.V. – Mas, por exemplo, a nível de temas há alguma modificação, alguma alteração. Se na altura cantavam mais temas alusivos ao Alentejo, do que hoje...

José – Não, a gente cantávamos vários temas, agora neste momento cantamos “Toda a vida fui pastor, toda a vida guardei gado”, é tudo alentejano.

“Igreja da nossa terra,
Como estás bonita agora,
Com sua imagem lá dentro,
Linda, branquinha por fora.

Eu cantando peço a Deus,
Haja paz, não haja guerra,
Como estás bonita agora,
Igreja da nossa terra.”

L.V. – As cantigas falavam sobre tudo o que havia na altura, as aceifas, tratar do gado, e muitas delas eram alusivas à religião, como acabou agora de cantar.

José –
“Quando teu não conhecia,
Nem ao sentido me vinha,
E agora já me não esqueces,
Nem de noite, nem de dia.”

Eu sei muitas, e agora de momento não me lembra.

L.V. – (risos) E conte-me lá aquela parte dos namoros, em que eu sei que as cantigas também ajudavam. Porque na altura não se podia namorar como hoje. Porque no início da conversa falou-me nos namoros, como é que eram quando era mais novo? Não era como hoje em dia... não se podia namorar!

José – (risos) O namoro antigamente era assim. A gente começava a namorar. Começamos a namorar... começamos a conhecer-se e a namorar. Ia-se à quinta e ao domingo para o namoro, se era na aldeia, elas punham-se à porta e a gente arrimava-se à porta e falávamos à porta.

L.V. – Mas as cantigas... Às vezes também não era assim muito fácil estar junto com a namorada...

José – Tinha que ser assim um bocado às escondidas dos pais e das mães.

L.V. – E mesmo no trabalho, quando estavam no campo e elas estavam a ceifar.

José – No campo, no campo, a gente ia à frente ceifando e elas vinham atrás e vínhamos conversando e era assim.

L.V. – Mas haviam muitas cantigas que se mandavam para o ar! E os namoros faziam-se um pouco por aí. Conte-me como era.

José – Sim, era assim. Também havia quem fazia assim. Por acaso esta cantiga...

“ Maria, meu ai Maria,
Maria, meu ai Jesus,
Por causa tua Maria,
Estou pregado numa cruz.”

L. V. – E assim se faziam e desfaziam namoros. E hoje em dia o que é que acha dos jovens em relação ao cante do Alentejo?

José – Dos jovens, é muito diferente do que era antigamente. Os jovens hoje praticamente não vão a um baile, elas o mesmo, toda a gente tem carro, a verdade é assim, vão passar o tempo às discotecas e... pronto, em querendo ir é à vontade. Hoje é muito mais livre do que era antigamente.

L.V. – E no grupo masculino da Salvada, há jovens que vão entrando para o grupo?

José – Aí é que está muito difícil, muito difícil, que esta juventude não... pronto, não querem, ou não sabem, ou não têm um certo interesse pelo cante. É por isso que há vários grupos aqui na nossa região que têm acabado. Onde havia um aqui na Câmara de Beja, havia um aqui nos Bombeiros, e em vários lados, haviam grupos e têm ido acabando por falta de pessoal novo para ajudar, pois.

L.V. – Porque é que os jovens não ligam tanto à tradição?

José – Não ligam tanto que... pronto, é uma questão deles não... não... Eles ouvem mas não se interessam. O que interessa são essas modas que, pronto, aquelas coisas que a gente desconhece, aquelas músicas novas que a gente desconhece.

L.V. – Então acha que o futuro do cante alentejano mais dia, menos dia vai terminar.

José – Pois, pois, eu... eu... é o que toda a gente diz, que isto um dia o cante alentejano desiste. Acabará por se acabar a tradição. É uma tradição, vamos lá a ver, destas pessoas mais antigas, vá. Porque como eu com a idade que tenho, e mais quinze ou vinte, ou coisa assim, ou cinquenta/quarenta anos e daí para trás. Há quem desista de entrar, não há quem queira entrar. Isto é preciso uma força de vontade muito

grande, se a gente não tiver força de vontade não vale a pena. Eu quando lá estava chateava-me muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes, porque a gente ia aos ensaios, eu em catorze anos que lá tive não faltei a dois ensaios, e sem faltei foi por causa de algum funeral ou foi porque aí numa fazenda estava puxando fogo e quando se está puxando fogo não se pode virar costas até apagar. Mais que eu me recorde, em catorze anos só faltei essas duas vezes ao ensaio.

L.V. – Tenho mais uma questão para lhe fazer, quando foi para a França, como é que foi? Continuou sempre a cantar lá? Havia lá grupos? Conte-me como é que eram os cantares alentejanos lá.

José – Quando fui para a França tive muitas dificuldades, porque nessa altura não davam passaportes à gente e eu fui a salto. E a salto, uma coisa que se faz em vinte e quatro horas hoje, eu levei doze dias, a sofrer pelo caminho. Quando lá estava, haviam muitas pessoas cá do Alentejo e ajuntávamos-se lá e cantávamos. Na minha casa em França é que a malta do Alentejo se juntava, lá na nossa casa, e lá se passavam os Natais, as Páscoas, lá passávamos esse tempo a cantar à nossa maneira.

L.V. – E também iam conhecendo várias cantigas de diversas regiões do Alentejo, e iam trocando conhecimentos.

José – Pois, pois, exactamente.

L.V. – Quer dizer que havia essa necessidade de, estando fora, viver algo de Portugal.

José – Quer dizer, estávamos em França, mas sentíamos o amor, quer dizer, aquele carinho de onde nós nascemos. Que ainda hoje sinto a mesma alegria. Há trinta anos que cheguei de França e mantenho a mesma alegria e o mesmo desejo de estar em Portugal.

L.V. – E como é hoje em dia os cantares alentejanos lá em França? Sabe?

José – É mais grupos folclóricos, do Norte. Mesmo os nossos filhos. Ninguém puxa para cantar à alentejana. É tudo folclórico, tudo coisas que a gente não aprecea, pois não aprecea.

L.V. - Então, se calhar, o papel mais importante está nos mais velhos, que deviam puxar pelos mais novos, é isso?

José – Exactamente. Mas a gente por acaso no grupo, ainda puxa por eles, “È pá, vem para o grupo com a gente”, “Ah, não quero, não quero”, e a gente...

L.V. – Porque será?

José – Será vergonha ou... pronto, sempre tem que se perder um pouquinho de tempo nos ensaios...

L.V. – E hoje, eu sei que já não faz parte do grupo, mas só cantavam quando se juntavam nos ensaios, ou quando vai aos cafés continua a acontecer o mesmo que acontecia na juventude?

José – Não, agora é diferente. Isso acontece ao fim de semana, vá, com um copinho, lá sempre um que puxa, e em começandem a cantar, todos me chamam, porque cantar todos mais ou menos sabem cantar, mas o problema de todos os grupos é o alto.

L.V. – Mas ainda há essa vontade e essa tradição de quando se juntam cantarem...

José – Ainda ontem cantámos, e eu aí revivi o cante. Senti aquela saudade de cantar. Tanto que tava a cantar e da saudade que sentia do cante, corria-me as lágrimas, sim senhora. Consigo sentir aquilo que desejo, aquilo que sinto, no prazer de cantar.

L.V. – É algo que nos transpõe, que faz parte de nós.

José – Sim senhora. E é uma das coisas que gostava e gosto, mas pronto, tenho este inconveniente de que já falei, e pronto.

L.V. – Tem mais alguma coisa para me contar sobre o cantar alentejano? Alguns episódios de quando era mais novo?

José – Episódio era... tínhamos aquelas tradições da altura do Natal, de cantar ao menino.

L.V. – Recorda-se de algumas dessas cantigas?

José – Recordo.

“ Que darem,
Os olhos do menino,
Esta noite de...
De Natal.

Camisinha de bertenha,
Botanitos de cristal,
Ai li, ai li, ai lê,
Menino nascido em Belém.”

L.V. – E essas cantigas cantavam-se na noite de Natal? Como é que era?

José – Era em casa, de roda do fogo, comendo daquilo que a gente nessa altura arranjava de melhor, pois. Era a noite de Natal, que sinto hoje grandes penas, sinto muita pena de duas pessoas que me abalaram, que nunca posso esquecer na vida. Que era o meu sogro e o meu cunhado, que levávamos as noites cantando, varias coisas que a gente cantava, noites enteiras. Uma vez fomos para a feira da Salvada, uma feira grande! Eu mais o meu sogro começámos a cantar lá no primeiro dia, só voltámos no último (risos). Foi é uma coisa que eu não aprendi, que era cantar a despique, o meu sogro e o meu cunhado cantavam tão bem que deixavam, muitas das vezes, pessoas a chorar. E eram cantigas de improviso! Naquele tempo era assim, ia-se para as aceifas de carros de parrelha, de bestas, ia-se para lá cantando, vinha-se para cá cantando. A gente na aceifa,

todos usávamos uma foice, mas a gente em andando com a foice da namorada na mão, parece que a tinha fechada na mão. Ela andava com a foice da gente, toda satisfeita, porque andava com a minha foice, coisas da vida e da juventude, nesse tempo.

Rosário, 73 anos de idade, nasceu no Monte Barbas de Gaio, Beja. Sempre teve residência fixa na salvada e serviu em diversas herdades na região de Beja. Pertenceu ao Grupo Coral Feminino da Salvada, “Vozes do Alentejo”.

Rosário – Tenho vivido uma vida inteira na Salvada. Mas o meu pai era moiral de porcos e a gente ficámos pequeninas sem mãe, e pronto, para onde o meu pai ia, íamos a gente. Íamos com ele. E depois casei, o meu marido era moiral de ovelhas e fiz a mesma vida. E então andava por essas herdades, pelas herdades, e depois... Tem sido assim, tem sido assim até agora, desde que fomos reformados.

L.V. – E depois estabeleceram-se.

Rosário – Pois, porque o meu marido depois teve um acidente muito grande e depois deixou de trabalhar, e eu regresssei à minha casa. Mas sempre com esta casa, sempre.

L.V. – Eu gostava que me falasse de quando era mais nova, mesmo quando era solteira, como é que era o cante alentejano?

Rosário – O cante alentejano foi muito bonito, era muito bonito. Que a gente memo com faltas, memo com faltas... que a gente passámos muito, tá a ouvir?

L.V. – Pois, porque naquela altura não era fácil...

Rosário – Não era. Isto era geral, pois, pois... Umas mais do que outras. E então a gente memo com aquela miséria íamos para o campo cantando no caminho. Andava tudo a pé, andava tudo a pé. Ia tudo junto. Aquelas rinchadas de moças. Juntávamos-se aquela rapaziada nova, íamos tudo cantando. Chegamos lá dávamos em cantar, juntávamos-se assim a rapaziada mais nova, e aquelas pessoas mais de idade,

fazíamos aquela rinchada assim grande, porque naquela altura havia ranchos muito grandes, ranchos de dezassete e dezoito pessoas e mais, ta ouvindo? E depois juntávamos-se assim para se cantar, mas tudo trabalhando!

L.V. – E enquanto trabalhava, cantava.

Rosário – Sim senhora, sim senhora, era muito bonito.

L.V. – Eram pessoas novas e mais velhas, entravam todos no cante?

Rosário – Não. As pessoas velhas não. As pessoas velhas... Quer dizer que a gente éramos à parte, tá ouvindo? Porque as pessoas velhas não cantavam, algumas não cantavam, porque eram viúvas, outras eram... pois. Agora aquela rapaziada nova, aquilo é que era uma festa, era uma festa filha. Tanto na aceifa, como na monda, era uma festa.

L.V. – E esses grupos eram só de raparigas, ou também haviam homens a cantar?

Rosário – Havia aqueles mocinhos aprendizes. Aqueles mocinhos, mas era por exemplo, uma mãe que tinha um filho, tá ouvindo? E então não tinha onde o empregar e pedia ao patrão para o patrão o meter e andava com a gente. Moços assim de doze/treze anos, doze/treze anos... Pois era muito bonito, esse tempo era muito bonito.

L.V. – E que temas é que cantavam?

Rosário – Oh! Muitas coisas, muitas coisas (risos). Aquelas modas antigas, que são agora antigas, pois. No nosso tempo eram modas modernas, pois. Era por exemplo, “Ó Rita arredonda a saia...”, ou por exemplo... muitas modas assim...

L.V. – Alegres, não era?

Rosário – Sim, mais alegres, sim senhor. E depois vinha-se ao carnaval, na altura do carnaval, levamos a roupa da nossa casa, para destrajarmos, e no tempo das amêndoas, ganhávamos as amêndoas. Era... Como é que se chamava? Era o “Contrato”, fazíamos contrato.

L.V. – Contrato. Isso é o quê? Fazer contrato.

Rosário – Por exemplo, o contrato era assim. Era o pacotinho de amêndoas, “Olha vamos fazer contrato, vamos fazer contrato”, juntávamos assim os dedos, assim (entrelaçar os dedos mindinhos), e “Vamos fazer contrato”. Eu por exemplo, fazia todas as possíveis para me esconder, para vocemecê não me encontrar, agora se eu a fosse encontrar a si, eu ganhava o contrato, se você me fosse encontrar a mim, ganhava você.

L.V. – E ficava-se com as amêndoas? (risos)

Rosário – Pois (risos), e ficava-se com as amêndoas, era assim. Era muito bonito, era muito bonito, porque era assim, era no tempo das amêndoas. E a gente andávamos mondanando, e os trigos já muito grandes, e fazia-se aquelas grandes orvalheiras, e a gente íamos para o campo, cedo, cedo, cedo, para se escondermos, “Olha, fulana passa por aqui, para ir para o trabalho, passa por aqui, e a gente vamos-se esconder”, e então era assim, escondíamos-se e oudepois víamos-as vir, e conforme elas iam passando, nos levantávamos-se e “Contrato!” (risos). Era muito engraçado, era muito engraçado.

L.V. – E cantavam sobre que temas? Assim, sobre o campo? Sobre o amor? Quais eram os temas que mais

cantavam? Recorda-se de alguma cantiga?

Rosário – Talvez! (risos) Era por exemplo, “Ó rama, ó que linda rama...”, “Ò Maria Zefa, não vás tanta vez à tua horta”, quer que eu cante?

“Ó prima Zefa não vás,
Tanta vez à tua horta,
Se eu te apanho lá um dia,
A brincadeira está torta.

A brincadeira está torta,
Brincadeira torta está,
Outra vez à tua horta,
Ó Maria Zefa não vás.”

Estas são muito antigas (risos).

L.V. – Para além das cantigas novas que faziam, havia aquelas mais antigas, que já os pais e os avós cantavam, não é?

Rosário – Pois, exactamente. Agora são mais modernas. Estas modas agora são mais modernas. Por exemplo, aquela do... como é que se chama? Eu sei tantas...

“Ó rama oh que linda rama,
Ó rama da oliveira,
E o meu par é o mais lindo,
Que anda aqui da roda inteira.

Que anda aqui da roda inteira,
Aqui em qualquer lugar,
Ó rama oh que linda rama,
Ó rama do olival.”

(risos)

L.V. – Esta é mais conhecida.

Rosário – Pois esta já é mais conhecida.

L.V. – Disse que na altura havia muita dificuldade...

Rosário – Eu vou cantar aquela que uma senhora cantava lá no grupo coral das mulheres.

“Eu nasci no Alentejo,
Á beira do Guadiana,
Tenho orgulho quando vejo - Estrelinha
do Norte,
Minha aldeia alentejana.”

L.V. – Esta é a “Estrelinha” que vocês cantavam no grupo. Mas nós já falamos dessa parte. (risos) Portanto, são temas alusivos ao Alentejo, às hortas, aos raminhos, às oliveiras. Mas, falou-me à pouco que na altura também havia muita dificuldade, passavam-se muitas dificuldades. Não se cantava nada sobre essas dificuldades?

Rosário – Ah! Sim! Cantava-se aquelas modas que não se podia cantar (sussurro). Por exemplo, aquela moda assim, como é que é...

“Se a morte fosse interesseira,
Ai de nós o que seria,
O rico comprava a vida,
E o pobre é que padecia.”

L.V. – Pois estas se calhar eram cantadas em grupos mais restritos, mais pequeninos, não?

Rosário – Sim, sim, sim, sim... Porque havia muitas coisas que a gente não podia cantar.

L.V. – Mas cantavam muitas cantigas dessas, ou cantavam mais as cantigas mais alegres?

Rosário – Eram mais alegres, sim, sim...

L.V. – Serviam se calhar para esquecer essas dificuldades...

Rosário – Exactamente, exactamente! Sim senhor, sim senhor. Para trabalhar, eram mais alegres, sim senhor...

L.V. – E juntavam-se os grupos de raparigas, para ir para o trabalho, para a monda, cantavam na monda e onde é que cantavam mais, onde é que se juntavam mais para cantar?

Rosário – Por exemplo, além, na casa do povo, no baile da casa do povo, na esplanada da casa do povo, no lado de fora. Faziam-se bailes muito bonitos, a gente com os nossos vestidos de chita, havia pares muito bonitos. A minha irmã foi das ganhantes aqui na Salvada, com vestidinhos baratos de chita, feitos por nós. A minha mana Teresinha foi ganhante aqui na Salvada um ano.

L.V. – E cantavam nesses bailes?

Rosário – Às vezes também se cantava, às vezes com flauta, e era com o micro.

L.V. – E essas festas eram aos fins-de-semana, ao fim da tarde, quando é que eram?

Rosário – Era só, por exemplo... O nosso divertimento era, sabe qual era? Era a fonte. A gente para ver os namorados, tá ouvindo? Eu, por exemplo, não tínhamos mãe, éramos cinco raparigas e o meu pai não queria deixar sair a gente. E então tínhamos uma vizinha, e então a gente vínhamos do trabalho, lá vestíamos outra fatiota, ou às vezes a mesma, vestíamos para ir à fonte, para vermos os nossos namorados. Mas não se falava, filha! Víamos só, só os víamos! Sim senhor! E às vezes o meu pai não deixava ir a gente, e eu por exemplo, dizia à minha vizinha, “Peça lá ó meu pai para eu ir consigo”, e ela pedia, “Primo António, eu vou à frente, deixa lá a Palmira vir comigo”, lá pegava na minha cortinha, lá ia buscar água, era assim.

L.V. – Já me contaram, haviam muitas cantigas que eram dirigidas aos namorados. A namorada cantava e ele respondia, e assim às vezes conseguiam falar, cantando.

Rosário – Exactamente, cantando. Há uma cantiga que diz.

“Uma linda borboleta,
Sobre as minhas mãos pousou,
Deu-me saudades tuas,
A borboleta avoou.”

L.V. – E voou a saudade (risos).

Rosário – (risos) E outra assim.

“O papel com que te eu escrevo,
Sai-me da palma da mão,
A tinta sai-me dos olhos,
A pena do coração.”

(risos) E assim se ia falando. Por exemplo, na aceifa iam-nos homens atarem e para ceifarem, e às vezes ajuntávamos-se namorados lá na aceifa, tá ouvindo? E depois cantámos, cantámos uns aos outros, era assim. As mulheres mondavam, mas não com os homens. Por exemplo, no memo patrão trabalhavam um rancho de homens e um rancho de mulheres, mas nunca se juntavam. E na aceifa juntavam-se, porque os homens iam atar o que as mulheres iam aceifando, iam atrás.

L.V. – E assim já conseguiam cantar e fazer esses jogos de cantigas, e assim também era permitido namorar (risos).

Rosário – Sim, sim... Era muito bonito, era.

L.V. – E cantou sempre? Mesmo depois de casar?

Rosário – Cantei sempre, sempre, sempre, cantei sempre, gosto muito de cantar.

L.V. – E depois de se reformar entrou para um grupo de cantares alentejanos.

Rosário – Exactamente.

L.V. – Já tinha feito parte de algum grupo de cantares alentejanos antes?

Rosário – Não, não, não. Foi a única vez, sim senhor.

L.V. – E porque é que entrou para o grupo?

Rosário – Porque sempre gostei de cantar. Foi pena ter acabado, é verdade, foi pena ter acabado, que era uma distração para a gente, tá ouvindo, e era bonito, era muito bonito.

L.V. – Porque assim não deixavam de cantar?

Rosário – Pois, pois atão, nunca se deixava de cantar. Memo aqui em casa eu tou sempre cantando, tou sempre cantando, devagarinho, tou sempre cantando, que eu gosto muito de cantar.

L.V. – E assim sempre se vão recordando...

Rosário – Sempre se vão recordando e certas coisas esquecemos-se, naquele momento, tá ouvindo. Isso nasce com a gente, nasce. Há uma coisa qualquer que faz a gente, não sei... pronto. Está na alma. O grupo foi porque a gente gostava de cantar, aquelas pessoas gostavam de cantar. E havia aí muitas pessoas, tá ouvindo, que gostavam de ter entrado também com a gente, mas com vergonha, com vergonha, não entraram. Cá há aí muita gente das minhas idades que gostavam muito de cantar, é sim senhor.

L.V. – E os temas eram mais ou menos semelhantes aos temas que cantavam quando eram nova?

Rosário – Sim, sim. Era estas modas que estão correndo agora e algumas já mais antigas.

L.V. – E há temas que são modificados, não é? Cantigas mais antigas que as pessoas modificam.

Rosário – Pois, metem outros versos, pois é, é verdade. Mas eu já para isso assim, eu já não sou capaz, porque eu às vezes, às vezes uma pessoa... mas engana-se, engana-se. E em sendo aquelas que a gente cantávamos quando éramos moça, nunca esquece.

L.V. – Aqui está, são as tais lembranças da juventude. E cantar faz recordar e viver esses tempos.

Rosário – Pois é, pois é. É isso. Era um tempo muito bonito. É como eu lhe digo, a gente passávamos uma coisa do piorzinho, mas sempre alegres, sempre alegres. Eu nunca me há-de esquecer que a gente éramos cinco, mas a minha Mariana já não fez mocidade comigo, porque era mais novinha, éramos quatro. Andamos sempre trabalhando juntas, essas quatro andamos sempre trabalhando juntas, e havia uma figueira na casa do meu pai, e a gente tínhamos aquela figueira devedida, “Esta pernada é para ti, esta pernada é para mim”, tá ouvindo, para estendermos a roupa, para a roupa enxugar. Porque vínhamos do trabalho, lá muito longe, fugindo, ver se chegamos a casa para lavarmos a roupa e para estendermos a roupa na nossa pernada, tá ouvindo, para de manhã estar enxuta. De manhã levantámos-se para passarmos a ferro, mas às vezes, parte das vezes, a cacimba tinha-lhe caído em cima e tava húmida, tínhamos que a vestir húmida! É como eu lhe digo filha, não era fácil. E não era só na minha casa, era geral, era geral, sim senhor.

L.V. – Falou na sua irmã que era mais nova, e que por isso já não foi para o campo com vocês. Provavelmente o contacto com o cante alentejano já não foi tão intenso. Os jovens hoje em dia, esses então já não têm quase contacto nenhum. O que é que acha do futuro do cante alentejano?

Rosário – O cante alentejano é do mais bonito. Antão mas... não há quem o cante. Então você não vê que esses grupos, os grupos que para aí andam é tudo gente de idade. Não há aquela juventude que faça um grupo com jeito. Pois. Por isso nunca é nada.

L.V. – Qualquer dia acabará.

Rosário – Tem jeitos de acabar, sim senhor. Em morrendo estes velhotes que aí andam (risos) acaba-se.

L.V. – Até porque poucos são os jovens que entram para os grupos.

Rosário – Pois, são poucos. Você há-de ver aqui na Salvada, que eles vêm aqui, vá, uns oito ou nove grupos e para aí um ou dois é que traz uma rapaziada nova, moços novos, mais é tudo velhos.

L.V. – Porque é que acha que os jovens não aderem tanto à música alentejana?

Rosário – Oh filha, não sei! Porque não querem (risos).

L.V. – Não querem porque? Será vergonha?

Rosário – Não sei! Não querem, pois atão, não querem, querem lá saber. Eles gostam de outras músicas, mais parvas. E a nossa tradição vai acabando, vai acabando. Chega a pontos que acaba, chega a pontos que acaba, sim senhor. Acaba. Isto, as pessoas, está tudo sem vontade, tá ouvindo. E não há quem as puxe, é uma coisa à vontade. E é assim. O destraimento deles são as vendas, e pronto...

L.V. – Quer dizer mais alguma coisa sobre o cante alentejano?

Rosário – Coisas da minha juventude. Não me lembra de mais nada, não me lembra.

L.V. – E actualmente, o sítio onde canta é em casa?

Rosário – Sim, sim, sim. Já tenho cantado na casa do chá.

L.V. – Mas como é hoje? Quando era jovem juntavam-se e cantavam, ou quando estavam a trabalhar, ou a caminho do trabalho, ou em

casa, se calhar, em casa também cantava, aos serões, como é que era?

Rosário – Exactamente. Sim senhora, e como eu lhe digo, ficámos sem mãe. E o meu pai habituou a gente, “Esta noite pões tu a mesa, e amanhã à noite põe esta, e depois na outra noite esta”, tínhamos as coisas todas devididas e oudepois em acabando a arrumação daquela casa, tá ouvindo, a gente punha-se de roda do lume a fazer as nossas habilidades. Umaz faziam renda, outras faziam bordados, outras faziam malhas, conforme. E oudepois o meu pai, também sabia cantar muito bem, e dava em assobiar, e a gente íamos atrás do assobio do meu pai e às paginas tantas, era cantar! Isto era todas as noites, todas as noites, todas as noites... cantar. Era muito bonito.

L.V. – Pois, na altura não havia rádio, televisão...

Rosário – Pois atão, não havia rádio, não havia nada. E é modo a televisão também que agora certas coisas agora não há, tá ouvindo? Porque a gente vamos ai à noite na rua, não se vê uma viva alma, não se vê uma pessoa. Mode as televisões, é sim senhor.

L.V. – E quando se juntam hoje, por exemplo, quando vai à casa de chá, quando um grupo de senhoras se junta, ainda há aquela vontade de cantar, ou isso já não acontece, como acontecia antes?

Rosário – Não. Não quer dizer que não haja essa vontade de cantar, mas por exemplo, uma pessoa sozinha não se vai pôr agora a cantar no meio de tanta gente, só por exemplo, numa altura, “Moças, vamos lá aqui cantar uma moda”, nessa altura está bem. Porque gostamos. Faz parte da gente. Pois é...

Vasco, 42 anos, nasceu em Beja e sempre viveu na Salvada. Faz parte do Grupo Coral Masculino da Salvada, “Grupo Coral Casa do Povo da Salvada”.

L.V. – Vasco, sei que faz parte de um grupo masculino de cantares alentejanos. Como é que se chama?

Vasco – Grupo Coral da Casa do Povo da Salvada. Entrei em Dezembro de 2008.

L.V. – Hum, hum. E já fez parte de algum grupo antes, ou foi a primeira vez que entrou num grupo coral?

Vasco – Nunca tinha feito parte de um grupo coral, foi a primeira vez.

L.V. – Mesmo quando era pequeno, nas escolas, nunca tinha cantado?

Vasco – Não, nunca tinha cantado. Nunca tinha pensado que um dia poderia acontecer isto (risos).

L.V. – E o que é que o levou a entrar no grupo, e o que é que o levou a começar a cantar?

Vasco – O que me levou a entrar no grupo, é que sou defensor do desenvolvimento local, e acho que os grupos corais fazem um bom papel de divulgação das freguesias, principalmente no meio rural. Portanto, qualquer freguesia que tenha um grupo coral, consegue levar o nome dessa freguesia aos mais diversos pontos do país. Portanto, sou um dos defensores dos grupos corais. Entrei para o grupo coral, porque fui em Julho de 2008 à semana cultural da Baixa da Banheira, onde têm um grande encontro de grupos corais, e eu faço questão sempre de ir a esses grupos corais, mesmo sem fazer parte do grupo. Entretanto foi-me dito que o grupo estava muito fraquinho a nível de pessoas, e uma das coisas que

me fez entrar foi, se eu sou um defensor disto porque é que não me junto a estas pessoas que fazem, em prol da comunidade e sem ganharem nada, a divulgação do cante alentejano e da freguesia? E foi isso que me fez entrar no grupo. Foi a necessidade, de eles terem falta de pessoas, e que... eu como defensor tenho que obrigatoriamente dar o meu contributo, e o meu contributo é estar presente.

L.V. – E a nível pessoal?

Vasco – Ui! A nível pessoal é mais complicado, porque eu reconheço que não sou um grande cantor. Faço aquilo que eles me pedem para fazer, ensaio as modas que eles me dizem para ensaiar, e participo numa coisa que eles chamam os baixos, que tou assim um bocadinho ainda... chamam os baixos, que ao fim ao cabo é o acompanhamento, é o ficar do lado de trás e vamos metendo as vozes nos outros que realmente são os grandes cantores. E vamos tentando harmonizar, fazer a harmonia da voz e vamos aprendendo algumas coisas, como por exemplo, encher o peito, como é que se deve depois colocar a voz, são coisas que depois têm uma aprendizagem.

L.V. – Mesmo as próprias cantigas, vai aprendendo.

Vasco – Sim, as próprias cantigas. Já sei algumas, não sei todas (risos). Mas... o grupo da Salvada tem um repertório mais ou menos de dez/doze cantigas, eu pelo menos algumas já sei, é... agora não é fácil.

L.V. – Mas elas vão variando, não é?

Vasco – Vão variando sim. Algumas que são sempre cantadas, porque são aquelas que falam da freguesia, que falam do Alentejo... Todas elas falam do Alentejo, mas há

algumas que são mais expressivas e essas são sempre cantadas.

L.V. – São sempre cantadas. Sabe alguma?

Vasco – Ha... Deixa ver se me lembra. Acho que foi uma das primeiras que eles me ensinaram, que se chama “Malmequer”, acho que é “Malmequer” que se chama. Então acho que diz... Eles começam um verso que é... Agora... Fazer o acompanhamento é mais fácil, agora sozinho... é um bocado complicado. Deixa ver se eu me lembro dos versos...

“Fui um dia para te ver,
Fui a passear ao campo,
Encontrei o teu retrato,
Na folha de um lírio branco.”

Este é um dos versos. Depois acho que o refrão é...

“Malmequer criado no campo.
De lírios da mocidade,
Se esperas.....”

Já não consigo articular isto, peço desculpa. Isto é muito mais fácil porque tens o ponto e depois tens o refrão e a gente acompanha isto tudo. É mais fácil do que estar sozinho.

L.V. – A nível familiar, recorda-se dos seus pais, avós, a cantarem, havia algumas referências?

Vasco – Sim. O meu pai fazia parte deste grupo coral, e o meu pai faleceu em Maio de 2005... salvo erro. Bem, se calhar, também é uma das afinidades que me leva a estar... A minha mãe cantava bem, a minha mãe era daquelas mulheres que cantava enquanto se fazia as bainhas, os bordados, e ela cantava. Lembro-me sempre de uma coisa que a minha mãe cantava que era, “Vai-te embora António, deixa a rapariga”.

“Vai-te embora António,
Deixa a rapariga,
Que ela não tem mãe,
Nem pai que a castiga.”

E depois continuava. Portanto, esta cantava a minha mãe.

L.V. – Portanto, lá em casa sempre foi... quer do lado do pai, quer do lado da mãe...

Vasco – Sim, sempre de uma forma muito discreta, mas sim. O meu pai fez parte do grupo coral durante alguns anos, ainda.

L.V. – Falou à pouco que também entrou para o grupo porque os grupos cada vez estão a ficar mais fracos. As pessoas vão envelhecendo, vão saindo, outras vão falecendo, e não há jovens que entrem. O que é que acha que será do futuro do cante alentejano?

Vasco – É verdade. Olha eu tenho conhecimento de que em Serpa se está fazendo um excelente trabalho ao nível de educação do cante alentejano. Portanto, eu tenho dois amigos, que tocam a viola campaniça, estão a fazer um projecto escolar muito interessante, e eu acho que pode ser por aí. Chegando mais cedo aos miúdos, indo ao local onde eles estão, não esperar que as pessoas venham ter connosco, incentivando e indo aos sítios. Eu tenho um senhor no grupo que tem oitenta anos, é um dos senhores que faz o alto, e depois o mais novo tem quarenta e um. Portanto, está aqui uma discrepância grande, porque não tens ninguém com trinta anos, não tens ninguém com dezoito, nem dezassete, portanto é muito complicado.

L.V. – E esse grupo de Serpa, esse grupo de trabalho, portanto, eles vão às escolas, vão ensinar pequenos grupos...

Vasco – Sim. Eles vão e depois incentivam os miúdos a cantar à alentejana. Este meu amigo que faz parte do grupo “Os alentejanos”, eles têm aquele timbre ainda mais seco, mais tradicional, e vão levando isso à escola, e vão

incentivando isso nos miúdos, eu penso que é um bom começo, para salvaguardar... Baleizão, Baleizão, já tem um grupo juvenil, portanto, penso que seja por aqui. A gente não diz que vamos salva-los todos, ou que vão todos cantar à alentejana, mas daqueles dez ou doze, que iniciam agora, se ficarem quatro ou cinco já é uma mais valia.

L.V. – E assim não se perderia esta tradição.

Vasco – E assim não se perde. Isto faz parte da memória colectiva do povo, e então há coisas que não se podem perder, e o cante alentejano, felizmente, há muitos grupos corais alentejanos, mesmo os que estão sediados na orla de Lisboa, como no Seixal e na Baixa da Banheira, Barreiro, há muitos grupos corais, felizmente.

L.V. – Mesmo fora do Alentejo.

Vasco – Mesmo fora do Alentejo.

L.V. – Às vezes até se vê mais jovens a cantarem à alentejana fora do Alentejo, do que propriamente cá no Alentejo.

Vasco – Nem mais. Se a Lígia reparar normalmente os grupos corais que estão fora do Alentejo, conseguem transmitir melhor as raízes do que nós próprios aqui.

L.V. – Porque é que será que os nossos jovens não aderem tanto?

Vasco – Eu sempre ouvi dizer uma coisa que é, “onde tu estás, não gostas de estar”, portanto, se calhar, sintes-te melhor a cantar à alentejana no Barreiro, de que te sintes melhor a cantar à alentejana na Salvada.

L.V. – Se calhar, lá é a saudade que se está a matar, e cá pensam que é “foleiro” e que “Ah! Tenho vergonha”.

Vasco – Sim, sim, nem mais. Eu quando vou à festa cultural da Baixa da Banheira, noto sempre uma coisa que é, a participação vai decrescendo de ano para ano, porquê? Porque não se vai conseguindo agarrar as raízes. Portanto, inicialmente quem ia ver os grupos corais alentejanos eram os alentejanos que iam saindo daqui, depois ainda conseguiram transmitir alguma coisa aos filhos, mas os netos agora já não vão. Portanto, Baixa da Banheira, nesta altura, as ruas estavam cheias de pessoas, neste momento não. Porque não vamos conseguindo passar a vontade que existia nos alentejanos em manter as tradições.

L.V. – Mas este é um trabalho, ai está... que tem que partir dos mais velhos.

Vasco – Sim, sim.

L.V. – Tem uma filha? Mais ou menos das idades de catorze/quinze anos?

Vasco – Já tem dezassete.

L.V. – O que é que faz em relação a isso? Tenta transmitir a tradição?

Vasco – Eu tento... portanto. A Catarina vai comigo a algumas iniciativas, mas é muito difícil tirá-los do Messenger, da internet, do... Eles hoje em dia quase não têm vida social, a vida social deles é: vão para a escola, não falam nada com os amigos de escola, e vêm para casa e com os amigos que tiveram uma hora ou duas antes e tão horas no Messenger, não há contacto visual, nem discutir um problema, discutir um assunto.

L.V. – Mesmo a nível musical, há outros gostos, outras preferências na idade deles...

Vasco – Sim! Embora a Inês seja muito abrangente, porque a Catarina vai à festa do avante desde pequenina. E já tem um grande rolo de conhecimentos a nível de música. Ela tanto consegue ouvir um grupo coral, como consegue ouvir Metálica, por exemplo. Daí

ela não diverge muito, mas consegue, e há malta que nem consegue ouvir um coral.

L.V. – Mas nestas idades os colegas são muito importantes. Se uma adolescente, ou um adolescente, gosta de cantares alentejanos, os colegas são capazes de apontar o dedo.

Vasco – Sim, as pessoas, às vezes, vêm-nos como retrógrados em relação às coisas. Vêm-nos no outro lado, “Eh! Se tá velho!”, quer dizer, a ideia não pode passar por aí. A ideia tem de passar por nós querermos manter uma tradição, nós queremos... é uma actividade que se faz, em torno de uma comunidade e de uma associação e isso é que é importante, e o que eu queria alertar as pessoas é para isso mesmo, é que olhem para nós, eu tenho quarenta e dois anos e não me sinto nenhum cota, não é? Mas não olhem para mim como se tivesse noventa, não é? Por contar à alentejana, não!

L.V. – Há mesmo jovens que fazem parte dos grupos e que os colegas da sua idade os tratam por “os velhos”!

Vasco – Infelizmente a comunidade não nos trata da forma como nos devia tratar, e estes jovens que estão a fazer um trabalho espectacular, de certeza, são vistos como pessoas que não têm cultura... quando é ao contrário, eles é que têm cultura. Eles sim, é que estão muito à frente dos outros. Os outros é que deviam ter noção que eles não são velhos, eles estão a lutar por uma coisa que é manter uma tradição.

L.V. – Contaram-me que trabalha com um grupo de jovens. É cá em Beja?

Vasco – Na Salvada.

L.V. – É na Salvada!? E que tenta ir à procura das cantigas mais velhas, mais

antigas, e tenta trabalhar com eles. Cantar à alentejana, também faz parte dessas actividades?

Vasco – À alentejana não. Por acaso não faz parte dessas actividades. As actividades que nós temos na associação são mesmo mais direccionadas para os jovens. Mas também fazemos uma parte que é diferente, que é a parte mais virada para a sensibilização. Temos um acampamento que se chama “0% álcool”, onde durante o fim-de-semana eles fazem a abstinência do álcool. Nós sabemos que hoje em dia todos os jovens consomem, com treze/catorze anos, e meti a partir dos quinze para quê? Para meter alguma responsabilização neles. Só vai quem quer, ninguém é obrigado. Só para ver como correm as coisas, no primeiro acampamento tínhamos cinquenta inscritos, quando perceberam que “0% de álcool” era mesmo 0% de álcool, fomos quinze. Portanto, na associação trabalhamos mais a vertente mesmo direccionada para eles. Sensibilização ambiental, toxicodependências, igualdade de oportunidades, portanto, tudo isto... Mas a Lígia lançou aí uma boa ideia, quem sabe se a parte coral não podia fazer ali alguma coisa.

L.V. – Também têm uma vertente teatral, não é?

Vasco – Sim temos a vertente teatral, para tentar fazer algumas coisas. Já experimentámos fazer, não correu lá muito bem. Fiz uma coisa que se chamava “À beira do rio morar”, que era uma parte da educação ambiental, correu mais ou menos, mas não se pode chegar a todo o lado e ser super. Os jovens escasseiam, escasseiam no grupo coral, escasseiam nas actividades que nós fazemos. Se não for uma dance party, para encher, não querem saber. Fazemos uma coisa que é o “Café dos improvisos”, para dar alguma visibilidade e criatividade, quem quiser dizer poesia, quem quiser cantar, quem quiser fazer um sketch de teatro, portanto toda esta vertente.

L.V. – Já não é fácil puxar os jovens para estas actividades, mas já que se puxam alguns, puxar para o cante alentejano, se calhar, não seria uma má ideia.

Vasco – Não, não seria. Até é uma coisa que poderemos pensar. Eu tenho uma fotografia muito curiosa, de uma semana cultural da Salvada, do grupo coral de Albernoa, e achei quatro imagens curiosas no grupo. Dentro do grupo havia quatro jovens, de dezoito anos, de óculos escuros, a cantar à alentejana. Então tirei a fotografia, tenho lá a fotografia, continuo a ter contacto com um deles, isto tudo para dizer que não faz mal estarmos inseridos nos grupos corais, não faz mal a gente ter um brinco, porque sinte-se bem com o brinco, não faz mal nós termos óculos escuros e estarmos vestidos de grupo coral e cantarmos. Não faz mal! Agora as pessoas têm é que entender que aquilo que os outros nos vão transmitindo, nós também temos que transmitir de alguma forma. E a forma que nós temos de transmitir, e a Lígia disse e disse muito bem, é começarmos a trabalhar. Nós não trabalhamos, nós ficamos à espera que as pessoas batam à porta do grupo coral, “Olhem, quero cantar”, não pode ser.

L.V. – Durante as minhas entrevistas, alguém disse algo do género, “Os mais velhos têm que puxar pelos mais novos, porque eles não se mexem”.

Vasco – É um bocado verdade, é um bocado verdade. Eu hoje tenho quarenta e dois anos, e fui presidente da associação de jovens até há bem pouco tempo, mas todas as situações rodam em torno do cota, quer dizer, eu é que estímulo, eu é que procuro, eu é que incentivo... Ainda ontem fui ter com o atelier de capoeira, porque achei que o atelier de capoeira está fazendo pouco, quer dizer... Nós temos que dar

oportunidade para eles terem estas coisas. E se calhar é um bom recto. Fiquei com isto na cabeça, que a Lígia me disse, somos nós que temos que fazer, “Gostavas de cantar, queres vir ao grupo coral?”, “Queres ir ensaiar um dia?”...

L.V. – “Vem experimentar, vem ver como é, sem compromisso...”

Vasco – “Vem ver”, não... “Não te preocupes, não vás logo com a ideia de que vais ficar”. Não sei, eu entrei nisto quase que por brincadeira e agora estou a ver que tenho que continuar... e vamos à procura de mais jovens para irem, mais jovens como eu, mas eu quero mais novos, não é? (risos) Agora conseguimos um de trinta anos, o que já é muito bom (risos).

L.V. – Pois é. Os jovens de dezoito/vinte anos, já os amigos não têm tanta influência nas nossas escolhas, e acho que é a partir daí que se deve começar a puxar. Porque os jovens com catorze/quinze anos, a gente sabe que é complicado, a partir dos dezassete/dezoito anos já começam a sofrer menos influência do grupo de colegas e começa a ser mais fácil.

Vasco – E já começam a ter uma personalidade mais forte. Os grupos são lixados pá, os grupos são lixados. Porque, ou são todos estereotipados, como eu digo, e usam todos um olho azul e o outro amarelo e está tudo bem, ou então se o outro mete um olho preto, “estás fora”. Infelizmente é assim. Mas eu acho que tem que se romper estes preconceitos e temos que ver os grupos corais como mais valias, porque normalmente são vistos como uma coisa à parte. Se tu reparares numa coisa, e eu digo isto em ar de brincadeira, os grupos corais ouvem-se uns aos outros, portanto, está um grupo em cima do palco e estão os outros cá em baixo. E normalmente o público é feito, ou com acompanhantes, ou com outros grupos corais. Quer dizer, devia-se combater isto um bocado. As pessoas só vão ver os grupos corais e às tantas não sabem o que é que o

grupo coral está a cantar, a forma de estar a cantar, simplesmente estão ali. Muitas vezes são os acompanhantes que dão alma aos grupos corais. “Ah! Cantaram bem”, e muitas vezes até cantámos mal, não é? (risos) Uma pessoa sente que a prestação até não foi a melhor, podia ter sido melhor, mas a simpatia das pessoas depois leva a isso... Quando vamos ao exterior nota-se mais afluência, porque as pessoas têm saudades, têm... é uma aproximação, ou conhecem alguém do grupo e vão lá cumprimentar. Na Baixa da Banheira acontece muito isso, quando chega a Salvada, por exemplo, é uma coisa impressionante. Há muita gente da Salvada na Baixa da Banheira, já não vão é os netos e os filhos, que já não querem saber.

L.V. – Não sei se me quer contar alguma situação engraçada, alguma recordação que tenha dos cantares alentejanos.

Vasco – (silêncio) Eu sou muito novinho nisto. Peripécias acontecem sempre. Acho muito engraçado, por exemplo, o senhor que está à minha frente depois diz-me, “Já te vais ouvindo...”, isto para dizer o quê? Normalmente a malta chega lá toda acanhadinha... (risos), “Não me digam nada, vou só aqui acompanhando...”, e ele voltou-se para mim e disse, “Já te vais ouvindo...”, e já te vais ouvindo é sinal de que já vais projectando a voz e já vamos indo... Mas uma das coisas que eu mais prezo nestas histórias do grupo coral é a forma carinhosa como nos tratam. Portanto, os mais velhos, a gente trata-os com carinho, com amizade e eles fazem o mesmo connosco. E então quando a gente faltamos ao ensaio vêm logo com o dedo acusador, “Não foste ao ensaio...”, “Vê lá, não podes faltar, a gente precisa de ti”, mas de uma forma educada e carinhosa, e a gente sente que

as pessoas gostam de nós, e nos grupos corais acontece muito isso. É óbvio que haverá alguma quezília, ou isso, que é normal, mas geralmente não, são todos muito unidos, prezam o sentido comunitário, estão sempre disponíveis para ir, porque é uma forma deles também saírem do dia-a-dia, quebram a monotonia, conhecem pessoas novas, contactam com outras pessoas, é muito importante e criam-se muitas amizades. Isto, o grupo coral é quase como o futebol, só que a competição aqui é menos, mas por exemplo, no futebol o gajo que te deu a maior canelada, depois lá fora é o maior amigo, porque os que passam ao lado não se conhecem, mas se tiveres uma quezília é com esse que vais falar. E aqui acontece um bocado disso. Enquanto uns esperam pelos outros para cantarem em palco, por exemplo, faz-se um desfile, estão logo em contacto, depois vão desfilar, depois uns estão no palco, os outros estão cá em baixo, vai havendo sempre troca de ideias, e conhecimentos, e...

L.V. – Existe essa troca de cantigas, por exemplo, entre os grupos?

Vasco – Existe, sim existe. E depois há uma coisa muito interessante que é a mesma cantiga cantada, por exemplo, por dez grupos é toda diferente, porque as formas de cantar são diferentes. O próprio tom de voz é diferente, essa é que é a característica do cantar, de região para região. Os do Alto Alentejo cantam diferente dos do Baixo Alentejo, os de Serpa cantam diferente dos da Salvada. Serpa, sim senhora, é uma referência do cante alentejano ao nível nacional, do cante alentejano, sem dúvida nenhuma, eles conseguem fazer coisas maravilhosas com as vozes.

L.V. – Eu acho que com este trabalho, para além de estudar a identidade social alentejana, no que toca aos cantares alentejanos, acho que é um bom trabalho que também se pode desenvolver, que é aproximar os jovens dos mais velhos e isso pode acontecer através do cante. Porque nós temos pessoas que estão em casas de repouso, que passam ali o seu dia, se

calhar, a olhar para a televisão, sem muitas actividades para fazer, quando podiam estar a trocar conhecimento entre eles, a divertirem-se a cantar e aproximava-se também um pouco os jovens disso, levando os jovens a essas casas de repouso ou fazendo com que essas pessoas se deslocassem, fazendo visitas às escolas. Acho que era uma forma engraçada de quebrar a monotonia, por parte dos mais velhos, e em relação aos mais novos começar a mostrar-lhes o que nós temos de bom e de bonito e começar a incentiva-los um pouco.

Vasco – Você repare numa coisa que é, não há evento quase nenhum, cultural, falo de evento cultural, que não tenha cantares alentejanos. Tu vais a uma semana cultural, seja ela onde for, tem sempre cantares alentejanos. Em Lisboa fazem-se encontros de grupos corais, na orla de Lisboa fazem-se encontros de grupos corais, são dos... Enquanto que o Toni Carreira faz vinte espectáculos por ano, há grupos corais que fazem o dobro ou o triplo.

L.V. – Mas eu acho que a actividade deles não deve estar tão centrada nas festas, e na actuação num palco, não é? Acho que há outros pontos onde eles podiam ir e que se podiam explorar, que é o caso das escolas, das casas de repouso, dos lares, onde se podiam fazer trabalhos engraçados.

Vasco – O que a Lígia está a dizer, eu acho que é fundamental para o desenvolvimento do canto alentejano. Porque nós ficamos fechados no ensaio e no palco, e não fazemos mais nada.

L.V. – Até porque indo a esses lares e casas de repouso, há pessoas já de uma certa idade que conhecem cantigas que ninguém sabe, ninguém conhece, porque era o pai e o avô que cantavam, e ninguém as sabe!

Vasco – Pois, e podia-se ir buscar esse conhecimento que existe. Alguém dizia, e não sei agora o nome, “Quando se perde um idoso, perde-se uma biblioteca viva”, portanto havia alguém que dizia isto e com muita razão. Nós não sabemos aproveitar isso, nós não vamos à procura desses conhecimentos.

L.V. – Eu acho engraçado, sem ter graça nenhuma, quando aparece no telejornal as notícias de que vão iniciar cursos de internet, por exemplo, para os idosos que se encontram nas casas de repouso, para estarem ocupados e para se entreterem. Penso que não sejam actividades que lhes possa trazer alegria e utilidade para o seu futuro, muitos deles ficarão, com certeza, olhando para o monitor sem acharem muito interesse e sem encontrarem muita lógica para tudo aquilo. Não haverá outras coisas que façam muito mais lógica, mais sentido, como é o recordar da sua juventude? Como é o caso de fazer actividades com o cante, e quem diz cante alentejano, diz outras actividades tradicionais!

Vasco – Não sei se já reparou, neste momento está a haver uma forte ligação ao mundo rural e ao desenvolvimento do mundo rural, enquanto cariz de desenvolvimento através de projectos de desenvolvimento sustentável e por aí fora. Há uma série de coisas, de tradições antigas, mesmo recuperar algumas tradições que já não se faz e que se perderam completamente com o tempo, por exemplo a Salvada, já não tem sapateiro, perdeu-se completamente o sapateiro. Na Salvada já não existe sapateiro, já não existe abegões, já não existe as pessoas que sabiam trabalhar com as parselhas de machos, e vai-se perdendo uma série de coisas, que os mais novos nunca vão saber como é que é, quando se podia fazer uma preservação, portanto isto da identidade social...

L.V. – Não deveria ser difícil gostar e começar a cantar à alentejana, pois se formos ver é um cante alegre.

Vasco – Sim, é um cante alegre, solto, diverte-te, cantas coisas bonitas. Era o

sentimento que eles tinham quando eram jovens, há coisas que tu percebes, que eram cantigas que eles faziam às raparigas.

L.V. – Mas atenção, onde estão as pessoas de quarenta anos?

Vasco – Não estão.

L.V. – Não estão. Porque nós temos pessoas de cinquenta, vá o que já é bom, para cima, e estamos à procura dos jovens. E as pessoas que têm quarenta e trinta anos?

Vasco – Nós, no nosso grupo, temos um de quarenta e um, quarenta e dois, quarenta e sete e depois é tudo dos cinquenta para cima, mas a maioria é tudo dos sessenta e tais.

L.V. – E de toda a camada dos mais jovens, são os que tiveram mais contacto com o cantar alentejano, mais do que as pessoas da minha geração e da geração que me segue.

Vasco – Portanto, quem deveria lá estar eram, os filhos daqueles de sessenta e setenta anos, e já alguns netos. Aí sim, faria sentido. Porque só temos lá aqueles, quando aqueles morrerem acabou. Eu estou vendo que, por exemplo, na Salvada vai ser muito complicado passar a tradição, não digo num efeito imediato, mas a curto prazo, sim, vai ser muito complicado, se não fizermos nada para os estimularmos e para eles aparecerem, manter o grupo coral. Os jovens não vêem que temos que ser nós a andar para a frente e têm que ver os grupos corais como isso mesmo, uma mais valia no meio onde estão. Imaginem o que seria uma comunidade sem grupo de desporto, grupo cultural, sem grupo coral? O que seria dos jovens e o que seria daqueles velhotes sem nada disto, o que é que eles fariam dias inteiros? Têm que ver

isto como uma actividade, uma mais valia para eles. Por isso é que o que a Lígia disse é verdade, os centros de apoio ao idoso, os lares, deviam ter actividades direccionadas, não temos actividades específicas, temos pessoas que levam ali o dia, como estava a dizer, a olhar para a televisão, quando olham, ou a olhar para o chão a maior parte do tempo, e não se faz actividade nenhuma direccionada, também para recolher aquela informação que eles têm.

L.V. – Mas penso que tem que se começar por algum lado, se houver alguma cidade, aldeia, onde esses grupos aconteçam, as outras começam a ver e também formam os seus grupos, também fazem estas actividades.

Vasco – Nós falámos no caso de Serpa, no caso de Baleizão, que têm um grupo juvenil, já são situações que têm tendência a serem cabuladas, no bom sentido, não é? Tem que se desmistificar um bocado isto, não somos uns velhos que ali estamos acabados!

L.V. – Os jovens também acabarão por gostar, porque as roupas, os ensaios, as saídas, porque não há criança que não goste. Porque há uma excursão, as crianças adoram ir. Portanto, se há uma saída à aldeia do lado elas também haveriam de gostar. E depois de haver um grupo de jovens, passa a haver dois, três e passa a ser também um encontro de jovens.

Vasco – Olha é uma boa ideia. Tenho a semana da juventude em Outubro, é uma boa ideia arranjar um grupo de jovens, descobri-los aí em qualquer lado, não sei onde eles estão! (risos) Mas leva-los a cantar à alentejana, e organizar o grupo e cantar uma cantiga com eles, por exemplo, é uma boa ideia.

L.V. – Começar a cantar, no caso dos jovens, acho que também tem muito a ver com a personalidade de cada um. Porque dá-se demasiada importância ao que os outros pensam e dizem. E ao estar a puxa-los para estas coisas não estamos só a ensinar a nossa

tradição, estamos a ensiná-los também a serem pessoas melhores.

Vasco – Sim, sim! Tem muito a ver, tem muito a ver com o que tu dizes, porque há uma preocupação em influenciar o outro a tomar a decisão. Deixem-no tomar a decisão. Eu tomei a decisão de ir e agora já nada me move de lá estar, nada! Pode-se fazer mais algumas coisas? Pode-se. E esta conversa, se calhar, leva a algumas ideias que se podem transformar através do grupo coral, para não se só aquilo, mais abrangente, mais influências, sim é possível, é possível, fazer mais e melhor. Os grupos corais através do cante alentejano podiam fazer n coisas, e não se faz nada, é o cante e o espectáculo, e há aqui um enorme vazio, que é o que a Lúcia estava a dizer.

L.V. – Pode-se aproveitar para diferentes situações e em várias direcções diferentes. Mas estes trabalhos têm que ser agora, senão torna-se tarde demais, estes trabalhos estão a tornar-se urgentes, para não se perder as tradições, de cantigas, danças... Senão quando quiserem “acordar para a esta realidade”, da nossa tradição, já não há nada, já não há quem a passe...

Vasco – Já não há, é o eu estava a dizer também, das profissões. Caso contrário perde-se a memória colectiva do povo. É muito por aí.

L.V. – Tem mais alguma coisa que queira acrescentar?

Vasco – Tenho. Posso deixar uma mensagem final? Eu acho que há uma classe em Portugal, que são os animadores socioculturais, que têm um papel fundamental nisto tudo. Eu acho que são eles enquanto animadores da sociedade, que têm de encontrar os caminhos para preservar este tipo de

coisas. O canto alentejano, sempre! É a minha palavra. É que se incentive a cantar à alentejana, e que se procurem oportunidades para ao mais jovens aprenderem, porque muitas vezes eles também não aprendem porque ninguém os ensina. A minha mensagem é esta.

L.V. – D^a Ilda, na primeira entrevista que nós fizemos disse-me que tem muitos versos e muitas modas feitas por si. Gostava que me falasse de algumas dessas modas e se possível que me lesse algumas dessas modas.

Maria – Eu começo aqui por dizer aqui dois versos escritos por mim. “O Alentejo”, já se sabe que moro cá, sou alentejana.

“Nos campos do Alentejo,
Cantigas se vão cantando,
O pastor de prado em prado,
O seu rebanho guardando.

Nos verdejantes raminhos,
Salteando a cantar,
Para ver os passarinhos,
È tão bom cedo acordar.”

L.V. – Portanto, estes foram versos feitos por si, não é?

Maria – Estes são versos feitos por mim, escritos por mim. Gosto muito de fazer versos, e ... vêm-me as palavras ao sentido e eu gosto de as escrever.

“Quem te viu e quem te vê,
Beja cidade velhinha,
No nosso Baixo Alentejo,
De todas és a rainha.”

Acho... que está bem.

L.V. – Porque é sobre o nosso Baixo Alentejo, sobre a nossa cidade.

Maria – Porque eu conheço a cidade e sei que há uns anos, muitos, muitos anos atrás, já há quarenta e bicos anos, foi quando eu vim para a Salvada. Vim na camioneta da carreira, que hoje é o autocarro, naquele tempo era camioneta da carreira que se chamava. E então, vinha a cavalo, e ia nela e vinha, conforme hoje ainda se vai, pois, e oudepois comecei a andar de carro e

pronto, deixei de coiso... Hoje pára na gare, na parte nova da cidade, e naquele tempo era na velha, era no centro da cidade mesmo, alem pertinho do castelo. E então era assim. Lembro-me destas coisas todas e depois vêm-me ao sentido estas palavras e faço... E lembra-me quando era mais nova e pronto. Sou, sou um bocadinho romântica, reconheço que sou.

L.V. – Antes de continuarmos, gostava que me explicasse o que é que significa ser romântica.

Maria – É sentir aquilo que canta, ou que está dizendo, por exemplo, aquilo que escreve e depois vai ler, muitas das vezes eu escrevo e depois vou ler e correm-me as lágrimas, porquê? Porque sou romântica. Acho que é o que quer dizer. Porque sinto cá dentro de mim. Porque quando escrevo, é assim um bocadinho assim para... para o triste, vá, vamos lá... sou mais... voltada assim para esse lado, acho eu! Não sou... apesar de ser uma pessoa alegre, de cantar e coiso... mas gosto de sentir, e quando ouço outra pessoa a cantar, gosto de sentir o que ela canta. Gosto de sentir.

L.V. – E quando canta cantares alentejanos qual é o sentimento que eles lhe transmitem? O que é que passa cá para fora?

Maria – Nos cantes alentejanos, vá, vamos lá... Para as outras pessoas ouvirem gosto de fazer o melhor que eu puder a cantar, para as pessoas ouvirem, e pronto, gosto de transmitir às pessoas aquilo que estou sentindo, que sinto que estou cantando e estou sentindo cá dentro. Umas com mais alegria, outras com mais tristeza. Tristeza, mas não porque eu teje triste! Eu naquele momento não estou triste! Eu é que sinto cá dentro de mim. Como eu já disse, atrasadamente, e hoje repito novamente, gosto muito de cantar as modas alentejanas, mas se me perguntarem assim, vá... se a menina me perguntar assim, “mas de todos os cantes qual é o que gosta mais?”, eu já respondi, da outra vez.

L.V. – O fado.

Maria – É o fado. Porquê? Porque sou romântica, porque gosto de cantar. Apesar de não ser fadista. Mas gosto quando canto um bocadinho de fado, fechar os meus olhos e estou sentindo aquilo que estou cantando.

L.V. – E referiu que quando canta música alentejana, é mais alegre.

Maria – Pois. O fado é mais para mim. As modas alentejanas, é mais para fora. Mais para o Alentejo, para as pessoas que estão ouvindo, que estão vendo. E o fado é mais para mim. Mesmo que eu esteja ouvindo um fadista, ou uma fadista, eu estou sentindo, fecho os meus olhos e estou sentindo, eu! Estou sentindo aquela emoção.

L.V. – E isso vai buscar o lado mais romântico da D^a Ilda. Os cantares alentejanos vão buscar, se calhar, o lado mais alegre.

Maria – Pois, mais romântico, mais romântico. O lado mais alegre porque foi o que eu comecei a ouvir primeiro quando era pequena. Com quatro anos já me lembra de ouvir o meu pai cantar. Ou canto da chaminé sentado, encostava-se assim à parede, sentado, e o lume a arder ali e a gente todos pequeninos, cinco irmãos, éramos cinco irmãos, estava tudo ali sentado, o meu pai de um lado e a minha mãe do outro. E a gente ali sentados de boquinha aberta, os mais velhos já a cantarem, pois. E até que eu oudepois comecei cantando também, comecei, e era assim, passávamos os nossos serões, porque era assim. E então daí fica aquela vontade... e oudepois no campo, na monda, na aceifa, na apanha da azeitona, na apanha da uva na vindima, apanha da bolota, tudo.

L.V. – Nos momentos mais alegres.

Maria – Nos momentos mais alegres, nos campos, as raparigas novas, tudo, pronto. Era assim os namoricos, lá no campo, no trabalho, e era assim, uma alegria para a gente. Tempo que já passou e não volta, que é pena, mas então...

L.V. – E essas cantigas ajudam a recordar esse tempo que já passou.

Maria – Pois, é que ajudam. E agora com a idade que tenho, com setenta anos já feitos, já, quer dizer, recordo essas coisas todas. Cá está, sinto cá dentro. Já passei isso tudo. Mas depois das coisas passadas é que a gente sente bem aquilo que passou. Quando nós estamos passando as coisas, hé... ééé..., é tudo uma coisa muito... parece que é tudo muito simples. Mas não é, não é simples assim como a gente pensa, pois. Agora quanto mais anos forem passando, mais eu vou sentindo o que é... mas é assim, o que é preciso é eu ir passando neles (risos) e pronto, é a vida.

L.V. – Tem outra cantiga para me mostrar, não é?

Maria – “Eu sou a nobre ensobreira,
Sou das árvores principais,
Diz-me lá ó oliveira,
Qual de nós vale mais.”

Esta é uma cantiga popular. Há uma moda também muito bonita que a gente cantava, e eu fiz este verso para a moda. Quer dizer... O estilo, a música, acho que é assim, a gente chama-lhe assim, o estilo, vá. Há quem cante com várias palavras, outras, e a gente para não cantar igual fizemos outros versos. É assim, eu vou dizer. Fiz assim, estes versos.

“Esta moda bem cantada,
Cantada como ela é,
Até faz bailar as velhas,
Ao canto da chaminé.

Ao canto da chaminé,
Ao pé da nossa lareira,
Cantada como ela é,
Cantada desta maneira.”

É a moda da “Estrelinha do Norte”, mas quando nós estamos cantando, se eu agora a cantasse, já tinha que meter “Estrelinha do norte” entremeio. Por exemplo, se quiser que eu cante eu canto um bocadinho.

“E esta moda bem cantada,
Cantada como ela é,
E até faz bailar as velhas - Estrelinha
do norte,
E ao canto da chaminé.

E ao canto da chaminé,
E ao pé da sua lareira,
Cantada como ela é - Estrelinha do
norte,
Cantada desta maneira.”

L.V. – E já mete a “Estrelinha” no meio.

Maria – Pois. É que dita não pode. Mas o nome da moda é “A estrelinha”, que era só nossa, era só do nosso grupo, porque nos versos eu meti “Estrelinha do norte”. Porque há quem cante o estilo, não falando na “Estrelinha do norte”, falando noutros temas. Está aqui outra muito bonita, mas estas não foram escritas por mim, não. Esta não foi, esta moda é já mais conhecida, mas também é bonita.

“Nasce o sol no Alentejo,
Água clara na fonte,
Nasce em mim a saudade,
Da ladeira do teu monte.

Da ladeira do teu monte,
Meu amor quando te vejo,
Nasce água clara na fonte,
Nasce o sol no Alentejo.”

Também é bonita, esta moda também é muito bonita.

L.V. – Tem aí a moda do “Cuco”.

Maria – Esta foi escrita por mim. Esta, é um pássaro que há no Alentejo, que só naquela altura do ano, pois... mais ou menos assim no, vá, vamos lá, ou sair assim, á entrada do Verão.

L.V. – Ao sair da Primavera.

Maria – Ao sair da Primavera, é que ele canta. Vê-se assim nos ribeiros, aonde há muitas silvas, porque a gente vê-lo, pouca gente o vê, a gente quase nunca vemos o cuco. Mas ouvimos-o cantar. O cantar dele é “cuco... cuco”, vai cantando. E então eu fiz esta moda assim...

“Olha o cuco da ribeira,
Canta e eu não o vejo,
Passa as manhãs a cantar,
No verdejante Alentejo.

Nos campos do Alentejo,
O cuco alegre a cantar,
Para as raparigas solteiras,
Que ainda querem casar.

Nos campos a trabalhar,
Às vezes de noite e de dia,
Ouvia vozes a cantarem,
Era sempre uma alegria.”

A respeito do cuco, eu vou explicar. Porque a gente no campo, o cuco canta, e a gente pergunta “Cuco da ribeira, quantos anos sou solteira?” e ele canta “cuco... cuco”. Umás vezes, um exemplo, para mim eu perguntava e ele cantava duas vezes, para uma das minhas companheiras cantava três ou quatro, e a gente riamos e dizíamos “Olha, eu só estou dois anos, tu estas três, tu estas quatro...” e era assim. Ele estava calado, a gente perguntava-lhe e ele cantava. Para umas cantava três vezes, para outras cantava quatro, era assim, e assim passávamos os nossos dias alegres. Porque tinha que haver alguma coisa que alegrasse a gente, porque debaixo de água, às vezes de inverno, chovendo, chovendo, e a gente mondando e trabalhando. Dias um pouco amargos que havia para a gente, mas pronto. E a gente com estas coisas

íamos... E vêm-me estas coisas ao sentido, o cuco.

L.V. – Era uma brincadeira que vocês tinham quando eram novas e passou-a para o verso.

Maria – Para os versos, fiz os versos, é assim. Ali... Também tenho aqui um verso feito à Salvada, também bonito. Tenho mais! Eu tenho muitos, se fosse ver do que tenho escrito, é... pois. Este também é bonito, este verso.

“Tu recebes, ó Salvada,
Toda a gente com carinho,
Á tua mensa sagrada,
Dás-lhe pão, carne e vinho.”

Porque quando chega uma visita à nossa casa, cá no Alentejo é assim, daqui para fora não sei! Mas no Alentejo é assim, a gente tem uma visita, o que é que a gente vai por logo na mensa, é logo, o pão, carne e vinho. São as três coisas principais de uma mensa quando a gente recebe uma visita. O queijo, antigamente não era tanto, agora já, já quase toda a gente tem queijinho em casa, e tal, e é assim. E a gente, pronto. E eu como cá é assim, então fiz esta cantiga. Apesar de ter mais cantigas, não é? Por exemplo, esta também é minha. Tenho aqui esta que também é minha. “Ás quatro da madrugada”. Por exemplo, há um grupo, há mais grupos que cantam, mas é a moda do grupo de Portel.

L.V. – “Ás quatro da madrugada o passarinho cantou”, não é?

Maria – Pois “... à porta da sua amada chorou”, pronto. Mas eu como tive num grupo de mulheres e queríamos cantar “Ás quatro da madrugada”, mas também não queríamos igual! E como não queria igual modifiquei e fiz a moda à minha maneira, para se a gente um dia se juntasse com o grupo, com

outro grupo que cantasse, mesmo que a gente cantasse “Ás quatro da madrugada”, mas a musica sendo outra, para não ser já a mesma. Vamos lá ver agora se me eu lembra o estilo da de Portel, porque custa um bocadinho assim, a gente vir tudo assim ao sentido, não é verdade?

“E às quatro da madrugada,
Estava dormindo acordei,
Na minha cama deitada,
Ouvi cantar e chorei.”

Agora é o alto. O alto é que canta sozinho.

“E ouvi cantar e chorei, (alto)
Vim passear ao jardim,
Era a voz de um passarinho,
Que cantava para mim.

Que cantava para mim, (alto)
Com a voz desentuada,
Eu ouvi um passarinho,
Ás quatro da madrugada.”

Cantava a gente esta moda para não ser igual, as palavras, para a música não ser igual.

L.V. – Depois do alto cantava o grupo novamente.

Maria – Pois, e aqui onde se muda de voz é quando o alto pega e canta sozinho. Tem que repetir as palavras sozinho e depois canta o grupo, é assim.

L.V. – A D^a Ilda tem outra cantiga do “Passarinho”, não é?

Maria – Tenho aqui, é uma cantiga do “Passarinho”. Por exemplo antes de cantar aí, antes de cantar essa música das “Quatro da madrugada”. Está aqui, a cantiga. Quer ver?

“Eu ouvi um passarinho,
De madrugada a cantar,
Cantava muito baixinho,
Para os filhos não acordar.”

E depois é que começa a moda, e fiz a cantiga para a moda. (silêncio) Esta também é minha, esta moda também a fiz para a gente a cantar no grupo. Gostava de me lembrar agora do estilo da moda. É a da “Cotovia”, mas eu canto mais logo, para ver se me lembra do estilo.

“E já lá vem nos altos mares,
Puxando fogo às caldeiras,
E os homens que vão à guerra,
São heróis a vida inteira.

São heróis a vinda inteira,
Nossa nação vão salvar,
E puxando fogo às caldeiras,
Já lá vêm nos altos mares.”

Esta era quando nós víamos chegar, nos barcos, antigamente, era assim, as coisas eram assim.

L.V. – Este é muito bonito. Este também foi feito pela D^a Ilda.

Maria – Este fui eu. Isto era quando eles vinham chegando, porque antigamente, quando era moça, iam para essas guerras. Por exemplo, tive tios que foram para a guerra de França, já não conheci isso, quando eu nasci os meus tios já tinham falecido. Mas estava a minha mãe que nos contava, a minha avó, porque eram irmãs dela. Faleceram lá dois, dois irmãos e um cunhado, na guerra de França. E depois contavam, e eu agora vou buscar isso tudo. Vou buscar as palavras que a minha avó dizia e as coisas que contava e depois escrevo.

L.V. – Não só aquilo que viveu, como também aquilo que os seus pais e avós viveram e que lhe contavam.

Maria – O que os meus passavam e o que os meus viveram. Gosto de deixar estas coisas escritas, pode ser que os meus netos um dia gostem de ler, talvez

quando eu já não exista, não esteja já cá. Ali... Por exemplo, quando eu era rapariga comecei a trabalhar com nove anos no campo, tinha nove anos, já trabalhava, entre meio da minha irmã mais velha e da minha mãe. De um lado a minha irmã mais velha e a minha mãe do outro. Que era mais esse dinheirinho que entrava ao fim da semana. Era o delas com o meu. Daqui uma escolhia uma erva, dali escolhia outra. A primeira coisa que fiz foi na monda. E oudepois eu não conhecia bem o trigo do balanco e em escolhendo um pé de trigo a minha mãe dava-me logo uma bofetada. “Vá que é para aprenderes” (risos). Não conhecia, o balanco era parecido ao trigo e eu não conhecia ainda bem. E então era assim que a gente... olha íamos indo. E oudepois cantávamos estas modas, às mulheres mais velhas, cantavam, lembro-me, era rapariga, comecei logo a cantar, gostava de cantar, comecei logo a cantar. A minha mãe com as outras senhoras faziam aqueles grandes cantes, aqueles grandes ranchos de mulheres, ranchos grandes, de trinta e tal, quarenta mulheres, ao lado umas das outras, tudo trabalhando. E o manageiro atrás da gente, o manageiro, e oudepois ainda vinha o feitor a cavalo no cavalo, para ver bem o serviço, se estava bem feito ou não, às vezes ainda aparecia o patrão no jipe para ver ainda mais bem se estava tudo bem completo (risos). Não fugia ninguém do trabalho, porque os guardas eram muito... agora anda tudo à vontade (risos), mas naquele tempo não. Eu gosto muito desta moda.

“Ao passar da ribeirinha,
Pus o pé molhei a meia,
Não casei na minha terra,
Fui casar em terra alheia.”

Por aquaso até me aconteceu isso, não é? Foi assim. E era assim, estas modas.

“Lindos ramos verdes escuros,
Ó sala dos passarinhos,
Andam vivendo ao ar puro,
Pousados nesses raminhos.”

É antiga, é uma moda também do tempo dos meus pais, esta moda. (silêncio) Há modas muito bonitas. “O pastor alentejano” também é uma moda muito bonita, “O pastor alentejano”. “Há lobos sem ser na serra”, também é muito bonita. “Cabelo entrançado à luz do vapor”.

L.V. – Esta também é uma moda mais antiga?

Maria – Esta moda não é antiga, esta moda já tem umas palavras que já são de agora, pois. Cabelo entrançado por causa das tranças do outro tempo, por acaso eu até à idade de catorze anos usei sempre tranças no meu cabelo. Não o cortava, fazia-se tranças e depois ligavam-se umas às outras e fazia-se argolas na cabeça com as tranças, fazíamos assim, oudepois é que cortei o cabelo e fiz uma permanente, é assim. Se esta moda foi cantada no outro tempo eu não me lembro de a ter ouvido, não me lembra, mas isto a gente tem que por as palavras assim.

“Cabelo entrançado,
À luz do vapor,
Sentada com ele ao lado,
O meu amor.”

E daqui segue para a frente, pois, estas palavras também são minhas, “Cabelo entrançado”, porque vou buscar a minha juventude, quando era nova, do meu cabelo entrançado. Vou buscar estas coisas, pois... Há uma muito linda, “Nas margens da ribeirinha”, esta era a moda preferida do meu pai. Era esta, era a que ele cantava mais. Hoje ninguém canta esta moda, ninguém, ninguém, não há grupo nenhum alentejano que cante esta moda, ninguém, mas não a sabem, não a cantam porque não sabem.

“Nas margens da ribeirinha,
Foi o milhano pousar,
Levava a pêra no bico,

Que eu bem lha vi apanhar.

Eu bem lha vi apanhar,
Já estava madurinha,
Foi o milhano pousar,
Nas margens da ribeirinha.”

Quando se começa esta moda canta-se uma cantiga de quatro linhas só, e só oudepois é que se canta a moda. Por exemplo, há aqui uma outra também muito bonita, também do tempo do meu pai, esta também é do tempo dele, esta também não é minha, esta.

“Maria da rocha,
Do alto rochedo,
Quem namora a rocha,
Namora-a sem medo.”

Esta moda foi feita a uma moça que os pais moravam numa rocha. E fizeram uma casa na rocha. Era uma casa, tinha uma porta e entrava-se para lá como se entrasse para uma casa, era a cozinha e um quarto, eram duas casas. Tudo em pedra, mensa, tudo em pedra, lá dentro da casa. Era debaixo de um cabeço. Era a rocha e ele foi indo, foi indo, foi indo escavando e fez. Então fizeram-lhe a moda “Maria da rocha, do alto rochedo”. Estas modas é que eram bonitas.

L.V. – Há duas modas muito bonitas, que a D^a Ilda também...

Maria – “Alentejo quando canta,
Treme a terra de alegria,
Cantam todos os passarinhos,
Ao romper a luz do dia.”

Esta moda é minha. Ninguém a canta, esta moda ninguém a canta. Já está aqui uma que é “Ó terra morena”, esta já não posso dizer que é minha, porque esta moda já cantávamos nós e cantou dois grupos de homens, já ouvi cantar os dois grupos de homens a mesma moda.

L.V. – E como é que é essa moda?

Maria – Posso canta-la para ficar mais bem, porque estas coisas é assim.

“E uma moça da cidade,
Chamou-me provinciana,
Eu até tenho vaidade,
De ter nascido alentejana.

Ó meu lindo Alentejo,
Do céu a brilhar,
Ó terra morena,
Tu não tenhas pena de não veres o mar.”

Há uma moda que eu gosto muito e que cantava muito quando era rapariga mais nova, porque era uma moda que ouvia ao meu pai, e aos meus avós. Esta moda também é bonita.

“Ó erva-cidreira,
Que estás no alpendre,
Quanto mais se rega,
Mais a silva pende.

Mais a silva pende,
Mais a erva cheira,
Estás no alpendre,
Ó erva-cidreira.”

Uma moda tão antiga, tão antiga, que grupo nenhum a canta. Não a cantam porque não a conhecem. Uma moda tão bonita, é uma moda muito bonita, esta. Há modas muito bonitas, há coisas muito bonitas.

L.V. – Esta é sobre a cidade de Beja. Esta também foi a D^a Ilda que fez?

Maria – Pois, esta é minha também.

“Adeus cidade de Beja,
Tudo quanto tens é belo,
Tens umas lindas piscinas,
Não esquecendo o castelo.”

Pois... Esta também é minha. Esta é cantiga, estas são todas cantigas.

“Salvada terra querida,
Mãe da nossa criação,
Sempre fostes produtiva,
Em azeite, terra e pão.”

Pois, está claro. Eu fiz a cantiga. Apesar de não ser a minha terra, porque não é, não é a minha terra. Mas se eu for ver, tenho mais anos daqui do que tenho doutros lados. Porque faz quarenta e dois anos que vivo na salvada. Tenho setenta anos. E como o grupo que cantava era todo da salvada, eu achei que devia ser assim, que devia pôr assim.

L.V. – Esta é a da “Cotovia” que a D^a Ilda deixou para cantar mais tarde.

Maria – A “Cotovia” também ninguém canta. Esta cantiga também é bonita.

“De manhã ao levantar,
Ainda o sol não nascia,
Já eu ouvia cantar,
Uma linda cotovia.”

Esta também é muito bonita. Esta cantiga é minha também.

L.V. – “Canta, canta, cotovia...”

Maria – Pois, oudepois começa a moda.

“Canta, canta, cotovia,
Passarinho que eu envejo,
Que eu ouço todos os dias,
Cantando com alegria,
No nosso lindo Alentejo.”

E depois segue, porque depois dobra-se.

L.V. – Depois segue o alto.

Maria – Depois segue o alto e depois dobra-se à mesma, e vem acabar. E depois é o alto.

“Que eu ouço todos os dias,
Passarinho que eu envejo,
Cantando com alegria,
No nosso lindo Alentejo.”

L.V. – Deixámos para o fim...

Maria – Uma que eu escrevi à minha vida, quando me casei, que abalei da minha aldeia. Eu sou de Reguengos de Monsaraz, que é uma vila, mas eu fui criada na aldeia das Perolivas, que é uma aldeia, que fica logo ali pertinho de Reguengos de Monsaraz, mas... Até por sinal eu nasci na aldeia das Perolivas, a verdade é assim. Mas nós nascemos aqui na aldeia mas vamos ser baptizados e pertencemos a um concelho, e então dizemos que a nossa terra é Reguengos de Monsaraz. Mas foi aí que eu nasci, e eu... pronto, lembrei-me de fazer isto da minha vida. “Fiz adeus à minha aldeia”.

“Um dia para me casar,
Fiz adeus à minha aldeia,
E ninguém pode fugir,
Ao destino que a rodeia.

No dia do meu noivado,
Da mocidade de despedi,
Estava o seu enevoadado,
Fazia sol e chovia.

Pelo destino marcado,
Só na Salvada fiquei,
Para a minha vida fazer,
Da minha aldeia abalei.

Mas não a posso esquecer,
A minha aldeia querida,
Foi lá que fui nascer,
Faz parte da minha vida.

Fui feliz e enfeliz,
Só eu sei o que passei,
Mas o destino assim quis,
Da minha aldeia abalei.

Os meus filhos aqui criei,
Na aldeia da Salvada,
Com os meus sessenta e quatro anos,
E a minha vida passada.

Na vida de uma pessoa,

Há horas lindas e feias,
Um dia para me casar,
Fiz adeus à minha aldeia.”

L.V. – Essa moda fez quando tinha sessenta e quatro anos.

Maria – Pois, tá claro, fiz quando tinha sessenta e quatro anos.

L.V. – Diz que os versos são bonitos, que os cantares alentejanos são bonitos. Eu gostava de saber se me consegue explicar essa beleza, a beleza dos versos, a beleza daquilo que eles falam. Porque é que eles são bonitos?

Maria – Eu acho que são bonitos porque falam naquilo que há. Por exemplo, falam nos raminhos, os raminhos são os raminhos das árvores, sobre as oliveiras, os chaparros, do sobreiro, por exemplo. Por exemplo, eu tenho uma moda agora feita por mim à pouco tempo, também bonita. Há um monte aqui perto da Salvada, um monte chamado Monte do Outeiro.

L.V. – Monte do Outeiro. De que falou na primeira entrevista. Mas falou só, não me mostrou os versos.

Maria – Eu fiz também assim, porque fui buscar várias coisas. Porque pensei, hei-de fazer uns versos, porque fui criada num monte, até uma certa idade, estive sempre num monte, que hoje já não existe. E eu pensei assim, porque se aquele monte tivesse de pé, era àquele monte que eu me deregia a escrever, a fazer os meus versos, no monte onde fui criada, no meio das vinhas, das figueiras, das pereiras, fazia assim, das oliveiras, do olival. Mas como o monte já não existe, só existe lá a terra, as pedras, as oliveiras, e o monte já o derrubaram, então eu lembrei-me, andei à procura dos montes que eu conheço e aonde fui buscar o Monte do Outeiro, que é logo aqui perto da Salvada, entre a Salvada e a Cabeça Gorda. E eu pensei, tenho que fazer os versos ao Monte do Outeiro, tenho que fazer uns versos a um monte e então fiz. Aonde meti mais coisas. É

assim. É onde vai falar “Às quatro da madrugada” também, nestes versos que eu fiz.

“Lá no Monte do Outeiro,
Às quatro da madrugada,
Canta o galo no poleiro,
E a cotovia na estrada.

A cotovia na estrada,
À beirinha do sobreiro,
Às quatro da madrugada,
Canta o galo no poleiro.

Canta o galo no poleiro,
Fica a galinha zangada,
Lá no Monte do Outeiro,
Às quatro da madrugada.”

Afinal fala numas poucas de coisas, fala no monte, fala no poleiro, do galo e da galinha, e fala do sobreiro, e fala na cotovia, porque é onde ela canta, é na estrada, à beira da árvore. Como é no Alentejo, à beirinha do sobreiro, a gente tem que ir buscar as palavras que vão versar no verso, porque se não vão versar já não presta.

L.V. – Se eu percebi, as cantigas alentejanas são bonitas porque falam sobre aquilo que nos rodeia.

Maria – Falam tudo sobre o Alentejo.

L.V. – È isso que tem de bonito, falam sobre a nossa realidade.

Maria – Pois, falam sobre tudo aquilo que nós temos. E que as pessoas deviam conservar sempre para não se estragar. Porque é muito bonito. Eu hoje, com a idade que tenho, é que sei dar valor às coisas.

L.V. – E por falar em conservar. Na sua opinião o que pensa que será do futuro dos cantares alentejanos.

Maria – O que eu penso do futuro dos cantares alentejanos...È que se os mais velhos não forem puxando pelos mais novos, para os irem ensinando e para eles se encegurem nos cantos, formarem grupos de cante. Pois. E eu não gostava de morrer sem ver isso. Porque os mais velhos vão... Hoje sai um, amanhã sai outro e os grupos de vinte pessoas... O grupo da Salvada está reduzido a doze, treze, catorze, e porque já têm entrado homens já de vinte e tal anos. Mais de resto... e se não for assim por daqui a uns anos não se ouve o cante alentejano, não se ouve! O que é pena.

L. V. – Acha que essa iniciativa deve vir por parte dos mais velhos. Mas será que os mais novos não fazem muita resistência?

Maria – Os mais velhos puxarem os mais novos. Os mais novos não puxam para isso. Eu estou aqui numa aldeia e vejo o que se passa nesta e nos outros lados deve ser igual. É pena porque os mais novos não puxam para cantar, assim, “vamos lá formar um grupo de cante”, por exemplo, de moços, dos seus dezoito, dezanove, vinte anos, formarem um grupo, arranjam uma pessoa já de idade para os ensaiar, ensinar as modas e fazer deles uns bons cantores. Não, não pensam. Pensam é noutras coisas, não se interessam.

L.V. – Nota-se que os jovens possam ter vergonha.

Maria – Pois, talvez, talvez. Aqui há uns anos atrás, antes do nosso grupo se formar, tudo mulheres das minhas idades, havia um grupo de raparigas novas, solteiras, todas novas. As moças juraram que nunca mais cantavam aqui e deixaram de cantar, porque as pessoas riam-se e faziam pouco delas, e hoje saia uma e amanhã saia outra, e oudepois arranjam namorados e eles ralhavam e não queriam, e foi assim. Mas é pena, se eles cantassem e formassem grupos de cante não faziam tantas coisas más que fazem e tristes que a gente vê, que é pena porque esses caminhos é que é que as pessoas deviam tomar, mas não os tomam,

tomam é caminhos de drogas e coisas dessas que não levam a lado nenhum.

L.V. – Mas disse que há jovens de vinte, trinta anos, que estão a entrar para o grupo masculino. São muitos, esses jovens, ou são poucos.

Maria – Já são homens casados, de vinte e tal anos, mas já casados.

L.V. – Já tem outra maturidade e outra mentalidade, não é?

Maria – Pois, agora rapazes assim novos não. Mas era bonito, era bonito que houvesse um grupo de pessoas mais idosas e houvesse um grupo de jovens. Até podia ser misto, rapazes e raparigas. No meu grupo éramos só mulheres.

L.V. – Onde havia duas raparigas jovens.

Maria – Pois, duas raparigas jovens. Crianças, que eram crianças. E uma ainda mais pequenina, que era a que tinha a bandeira, que a avó cantava lá. Era até muito engraçadas, proparamo-las de chapéu e lenço na cabeça e tudo, como no tempo antigo, proparamos as meninas como a gente usou no nosso tempo. E a nossa farda era deferente, era saia e não tínhamos chapéu.

L.V. – A sorte do futuro do cante alentejano poderá ser ainda haverem alguns jovens que vão entrando nos grupos.

Maria – Pois, por exemplo, os concursos na televisão de crianças a cantar. Eu dou muito valor, porquê? Porque está puxando pelas crianças, para cantar, porque os jovens tão pequeninos estão com uma cegueira naquilo. Porque enquanto estão pensando nisso e em casa estão estudando as músicas, não pensam nas maldades e em fazer maldades e em se

meterem em coisas que não devem. Eu dou muito valor, porque vejo o que isso é, que é alegria, e que as pessoas deviam fazer.

L.V. – E a maior parte dessas músicas, são músicas portuguesas, e dos outros tempos.

Maria – De outros tempos, a maior parte, quase todas. Tudo músicas, que não são as de agora. Crianças, com sete anos, oito anos, até aos quinze anos, ou o que é, eu dou muito valor a estas coisas. Aquelas fadistas pequenas.

L.V. – Já houve vergonha de cantar de cantar o fado, por parte dos jovens.

Maria – Pois e agora não, já estão a pegar.

L.V. – Pode ser que um dia com os cantares alentejanos aconteça o mesmo.

Maria – Mas o que faz isto são estes programas que cativam as pessoas, que cativam, que chamam as pessoas. Se não se começar a fazer... a juntar moços, grupos de jovens e a fazer umas festinhas, que é o que cá não há, mas devia haver. Umhas festinhas para o ajuntamento dos jovens, para formarem um grupo. Em se formando numa aldeia um grupo de jovens, na outra aldeia logo a seguir faz logo outro, e era assim. E era assim que o cante alentejano não morria. Mas... pode ser... é muito difícil, sabe? Nós cantávamos mais o cante alentejano porque havia assim mais trabalho do campo, hoje não, é tudo estudantes, e os estudantes não fazem tanto essas coisas, porque têm outras... fumarem o tabaco, drogas, e outras músicas que a gente sabe, e noitadas, e nós não. Trabalhinho, ao nascer do sol já lá estávamos e punha-se o sol, “Sr. manageiro dê um pouco de sol à gente”, pedíamos um bocadinho do sol ao Sr. manageiro. Era para ele mandar soltar a gente, soltadas! Faz de conta que... eu não digo, mas... faz de conta que éramos animais. Soltar as pessoas, assim é que se usava naquele tempo, a palavra. Quando o manageiro dizia é que nós soltávamos os sachos, que é uma coisa que há para cavar,

para a gente escolher a erva. E a resposta dele era, “Fiquem com ele todo”, era a resposta que ele nos dava. A vida naquele tempo era muito amarga, mas éramos muito felizes, acho eu, eu acho, ao meu ver, que nós não poderíamos falar, não poderíamos queixar-se de nada, porque, era uma prisão. Sem estarmos presos, éramos presos à solta. Naquele tempo éramos presos porque não podíamos falar. Mas andávamos soltos, não estávamos presos nas cadeias. Mas não podíamos falar, porque aquele que falasse... e era assim. Mas éramos felizes. Abalávamos de manhã, por exemplo, com uma pinguinha de café e umas sopinhas de pão migadas e íamos para o trabalho, todos contentes, com uma taleguinha debaixo do braço, com um bocadinho de toucinho e umas azeitoninhas e eu um bocadinho de queijo, pequenino! E pão. Trabalhei sempre com o meu pai nas aceifas com ele como manageiro, o meu pai era manageiro dos trabalhos, era ele que mandava pegar ao trabalho, almoçar, largar à noite, mas trabalhava sempre a par dos outros. Tenho muitas saudades da minha mocidade. Às vezes estou deitada e os versos vêm-me ao sentido, e muitas das vezes puxo uns papéis que tenho ali na minha banquinha e escrevo. Às vezes um verso em meio, as outras palavras virão, num outro dia, para eu lá pôr, para escrever o resto do verso! Ainda não perdi as esperanças, ainda tenho as minhas esperanças que ainda canto.

L.V. – Voltar a juntar o grupo.

Maria – Pois, se fosse capaz disso, mas gente mais nova, gente mais nova. Gente mais nova, as tais moças que formaram o grupo e que depois largaram o grupo porque arranjam namorados e os namorados não queriam. Essas moças hoje são moças de trinta e tal anos já, e todas cantam bem, eu ouvias, todas cantam

muitíssimo bem. Ainda não perdi as esperanças de um dia, um dia, quando tiver mais vontade, de as convidar, se elas quiserem, para formar um grupo, ainda canto com elas.

L.V. – E assim seriam passadas para os mais novos essas modas antigas que ninguém conhece e continuaria a tradição.

Maria – Pois, como nós cantámos uma vez no grupo uma moda que ninguém conhecia e ficaram todos... pois, gostaram muito porque ainda nunca as tinham ouvido, as nossas modas, pois.

“Nos campos do Alentejo,
Aprendi a trabalhar,
Mondando, aceifando o trigo,
Para me poder sustentar.”

Esta moda também é muito bonita, muito linda, também ficou tudo de boca aberta, porque, pois... Eu tenho várias coisas escritas, por exemplo, os versos que fiz ao cabreiro, a um moleiro também, um moleiro do Guadiana. O meu avô, por exemplo, semeava para ele e oudepois ia lá levava o trigo e oudepois estava lá dois ou três dias, conforme, com o moleiro e oudepois vinha com a farinha, e quando a farinha acabava levava novamente sacos de trigo, pois... e eu fiz. A moda do moleiro é esta.

Era uma noite de Inverno,
O céu parecia um inferno,
Os astros andavam em guerra,
A ribeira mal sustinha,
A grande cheia que vinha,
Pelas vertentes da serra.

Indo a ribeira a subir,
O moleiro quis fugir,
Com seu filhinho nos braços,
Mas a ponte ressequida,
Já velhinha e carcomida,
Caiu feita em pedaços.

Lutando contra a corrente,
Corajoso e resistente,

Saiu fora da enxurrada,
Vagueando já perdido,
Gritava pelo filho querido,
Era já de madrugada.

O moleiro todo molhado,
Ansioso, desesperado,
Desceu uma barreira,
Ouvindo um gemido baixinho,
Era mesmo o seu filhinho,
Dentro de uma junqueira.

O moleiro coitadinho,
Agora vive sozinho,
Com o azar que Deus lhe deu,
Pois a noite malvada,
Não lhe deixou escapar nada,
Até seu filho morreu.

Lista de Temas Abordados nas Entrevistas aos Participantes Mais Velhos

- Gosto Pessoal pelo Cante Alentejano
- Gosto Colectivo pelo Cante Alentejano
- Onde, Quando e Com Quem Cantavam Quando Novos
- Cantar para Esquecer as Dificuldades e para Trazer Alegria
- Brincadeiras, Formas de Passar o Tempo e Tradições
- Cantar para Namorar
- Referências Familiares
- Formas de Vestir
- Outros Estilos de Música
- Sentimentos Despertados ao Cantar
- Cantigas Desconhecidas
- Fazer e Modificar Cantigas
- Diferentes Regiões, Diferentes Estilos
- Temas de Cantigas Alentejanas
- Criação dos Grupos Corais
- Motivo Porque Faz Parte de um Grupo Coral
- Cantar, uma Forma de Recordar o Passado...
- Deixar de Cantar
- Cantar nos Dias de Hoje
- Locais Onde os Grupos Actuam
- O que Pensa do Futuro do Cante Alentejano
- O que Pensa da Atitude dos Mais Jovens
- A Atitude das Outras Pessoas
- Os Jovens nos Grupos Corais Alentejanos
- O Futuro do Cante Alentejano, uma Visão Mais Optimista

Lista de Temas Abordados nas Entrevistas aos Participantes Mais Jovens

- Gosto Pessoal pelo Cante Alentejano
- O que Pensam dos Cantares Alentejanos e os Sentimentos que estes Transmitem
- Diferentes Regiões, Diferentes Estilos
- Temas de Cantigas Alentejanas
- Referências Familiares
- Motivo Porque Entrou para o Grupo Coral
- Como Gosta ou Gostou de Estar no Grupo Coral
- Deixar de Cantar
- Por Onde Andam os Grupos Corais? De Onde São e Onde Actuam
- O que Pensa do Futuro do Cante Alentejano
- O que Pensa da Atitude dos Mais Jovens
- A Atitude das Outras Pessoas em Relação aos que Cantam
- Como se Reage à Atitude das Outras Pessoas
- Os Jovens nos Grupos Corais Alentejanos
- Transmitir a Tradição do Cante Alentejano
- O Futuro do Cante Alentejano, uma Visão Mais Optimista
- Uma Mensagem, uma Esperança...

Definição das Categorias

Gosto pelo Cante Alentejano	Esta categoria fala sobre o gosto pessoal que cada um tem pelo cante alentejano, mas também sobre o gosto colectivo que um povo, um grupo, tem por este cante.
Cantar...	São abordados os momentos, os locais e com quem cantavam quando eram novos. Passando depois pela forma como o cante alentejano é encarado hoje no dia-a-dia dos alentejanos. É ainda abordada a vontade de nunca deixar de cantar à alentejana.
Cantigas Alentejanas	Esta categoria fala sobre as cantigas alentejanas, sobre os temas que são abordados nas cantigas, sobre as cantigas que são feitas e modificadas pelos alentejanos, e sobre as cantigas mais antigas, que devido ao facto de não terem sido ensinadas, não são conhecidas pela maior parte das pessoas que canta à alentejana. Mas esta categoria não fala apenas das modas alentejanas, fala também de outros estilos de música, fala sobre o cante a despique e sobre o fado, estilos igualmente apreciados pelos alentejanos.
Grupos Corais	É referido nesta categoria como foram criados os grupos corais alentejanos dos quais os participantes fazem, ou fizeram parte, assim como os motivos que os levaram a fazer parte destes grupos, e o quanto gostaram de ter entrado para os grupos. É contado também quais os locais de origem dos grupos corais alentejanos, assim como os locais onde estes costumam actuar.

<p>Objectivo de Cantar...</p>	<p>Cantar à alentejana era muito mais do que a simples vontade de cantar. Cantar fazia parte de uma forma de vida e estava presente em várias ocasiões, passando a fazer parte delas. Cantar servia para esquecer as dificuldades e para trazer alegria nestes momentos mais difíceis. Cantar era uma forma de passar o tempo, de se brincar e de se viver as tradições com os demais que nos rodeiam. Cantar servia também, há uns anos atrás, como uma forma discreta de se falar com os namorados e hoje serve como uma forma de recordar todos os momentos desse tempo.</p>
<p>Sentimentos</p>	<p>Nas entrevistas os informantes chave revelaram as suas opiniões e avaliações acerca do cante alentejano e revelaram ainda os sentimentos que esta música lhes transmite.</p>
<p>Vestuário</p>	<p>A forma de vestir é um artefacto que indica a forma de ser e de estar de um povo. No contexto do cante alentejano, a forma de se vestir pode, também, indicar aquilo que se pretende transmitir para os que estão a ouvir cantar.</p>
<p>Uma Tradição que se Passa...</p>	<p>Cantar à alentejana é um gosto que se pode passar de pais para filhos. Os informantes chave deste trabalho dão alguns relatos de memórias, onde mostram ter referências familiares de situações de cante. Estes participantes mostram também o trabalho que têm feito na tentativa de transmitir a tradição do cante alentejano aos mais novos.</p>
<p>O Futuro do Cante</p>	<p>Nesta categoria estão agrupadas as opiniões acerca do futuro do cante alentejano. São, para além disso, confessadas as perspectivas mais optimistas acerca do futuro do cante e são deixadas algumas mensagens para as restantes pessoas que mantêm alguma resistência em relação ao cante.</p>

A Atitude dos Outros e dos Jovens	<p>Os temas desta categoria falam sobre a atitude dos jovens e das restantes pessoas em relação ao cante alentejano. Falam sobre a atitude de despreocupação que se tem verificado por parte dos jovens em manter a tradição da música alentejana, e falam sobre a atitude que as restantes pessoas têm em relação àqueles que cantam música coral alentejana, e as reacções a essas atitudes. Fala-se ainda dos poucos jovens que fazem parte dos grupos corais alentejanos.</p>
--	---

Quadros Temáticos do Grupo das Pessoas Mais Jovens

Acerca de ...	Gosto Pessoal pelo Cante Alentejano
Filipa relata que...	<p>“(...) eu gostava. Como gosto de cantar, pronto.”</p> <p>“É giro. (...) Contam coisas e eu acho interessante, é bonito.”</p> <p>“Gostei quando ouvi (...)”</p> <p>“(...) é bonita de se ouvir.”</p>
Vasco relata que...	-----

Acerca de ...	O que Pensam dos Cantares Alentejanos e os Sentimentos que estes Transmitem
Filipa relata que...	<p>“(...) é uma tradição e é bonito (...)”</p> <p>“É giro. (...) as letras que eu ouvia e que apanhava , são letras que têm muitas histórias. Contam coisas e eu acho interessante, é bonito.”</p> <p>“Gostei quando ouvi, porque era uma música assim diferente, era muito calma. Mas depois a gente ouve e aprendemos a gostar. A música fala sobre muitas coisas de há já muito tempo. Faz pensar as coisas que se viveram aqui no Alentejo. Falam sobre o trabalho, os pássaros...”</p> <p>“Não é uma música que uma pessoa vá adorar, adorar...! Mas ouvir, é bonita, é bonita de se ouvir. Mostra muitas emoções principalmente. É basicamente a história das pessoas antes, quase todas as músicas.”</p>
Vasco relata que...	<p>“(...) são todos muito unidos, prezam o sentido comunitário, estão sempre disponíveis para ir, porque é uma forma deles também saírem do dia-a-dia, quebram a monotonia, conhecem pessoas novas, contactam com outras pessoas, é muito importante e criam-se muitas amizades.”</p> <p>“(...) é um cante alegre, solto, diverte-te, cantas coisas bonitas. Era o sentimento que eles tinham quando eram jovens, há coisas que tu percebes, que eram cantigas que eles faziam às raparigas.”</p>

Acerca de ...	Diferentes Regiões, Diferentes Estilos
Filipa relata que...	-----

Vasco relata que...	<p>“(...) em Serpa (...) grupo “Os alentejanos”, eles têm aquele timbre ainda mais seco, mais tradicional (...)”</p> <p>“(...) a mesma cantiga cantada, por exemplo, por dez grupos é toda diferente, porque as formas de cantar são diferentes. O próprio tom de voz é diferente, essa é que é a característica do cantar, de região para região. Os do Alto Alentejo cantam diferente dos do Baixo Alentejo, os de Serpa cantam diferente dos da Salvada.”</p>
--------------------------------	--

Acerca de ...	Temas de Cantigas Alentejanas
Filipa relata que...	<p>“(...) são letras que têm muitas histórias.”</p> <p>“A música fala sobre muitas coisas de há já muito tempo. (...) Falam sobre o trabalho, os pássaros...”</p>
Vasco relata que...	<p>“(...) falam da freguesia, que falam do Alentejo... Todas elas falam do Alentejo (...)”</p>

Acerca de ...	Referências Familiares
Filipa relata que...	<p>“Não.” [quando se pergunta se tem família no Alentejo]</p> <p>“Não.” [quando se pergunta se já tinha ouvido cantares alentejanos antes de vir para o Alentejo]</p>
Vasco relata que...	<p>“O meu pai fazia parte deste grupo coral (...). A minha mãe cantava bem, a minha mãe era daquelas mulheres que cantava enquanto se fazia as bainhas, os bordados, e ela cantava. Lembro-me sempre de uma coisa que a minha mãe cantava que era, “Vai-te embora António, deixa a rapariga”.”</p> <p>“O meu pai fez parte do grupo coral durante alguns anos, ainda.”</p>

Acerca de ...	Motivo Porque Entrou para o Grupo Coral
Filipa relata que...	<p>“(...) ouvia elas a cantarem. Achava que cantavam bem e um dia perguntei à senhora Maria se eu podia entrar e a senhora disse-me que podia.”</p> <p>“(...) ouvia o grupo coral da Cabeça Gorda, de vez em quando, aqui, em festas. E como sabia que havia o grupo coral feminino, decidi entrar.”</p>

	<p>“(...) e também se não forem jovens a entrar nisto... como é uma tradição e é bonito, depois acaba. E pronto, cai no esquecimento.”</p>
<p>Vasco relata que...</p>	<p>“O que me levou a entrar no grupo, é que sou defensor do desenvolvimento local, e acho que os grupos corais fazem um bom papel de divulgação das freguesias, principalmente no meio rural.”</p> <p>“Entretanto foi-me dito que o grupo estava muito fraquinho a nível de pessoas, e uma das coisas que me fez entrar foi, se eu sou um defensor disto porque é que não me junto a estas pessoas que fazem, em prol da comunidade e sem ganharem nada, a divulgação do cante alentejano e da freguesia? E foi isso que me fez entrar no grupo. Foi a necessidade, de eles terem falta de pessoas, e que... eu como defensor tenho que obrigatoriamente dar o meu contributo, e o meu contributo é estar presente.”</p> <p>“O meu pai fazia parte deste grupo coral (...). Bem, se calhar, também é uma das afinidades que me leva a estar...”</p>

Acerca de ...	Como Gosta ou Gostou de Estar no Grupo Coral
<p>Filipa relata que...</p>	<p>“Gostei de estar lá, foi pouco tempo, mas gostei. Foram todas muito amorosas comigo, acolheram-me bem (...)”</p> <p>“(...) era super engraçado (...). Conversávamos um bocadinho, todas, e depois o senhor chegava e a gente punhamos-se todas em ordem e cantava. E depois umas enganavam-se e ficavam lá a rir-se e a falar, mas era, mas foi muito giro, os dois meses.”</p> <p>“Tive muito medo de gritar e de desafinar (risos). Mas depois as senhoras diziam para eu baixar um tom, para cantar mais ou menos com elas. (...) Já se ouvia eu (risos). Mas tinha imenso medo de desafinar.”</p>
<p>Vasco relata que...</p>	<p>“Acho muito engraçado, por exemplo, o senhor que está à minha frente depois diz-me, “Já te vais ouvindo...”, isto para dizer o quê? Normalmente a malta chega lá toda acanhadinha... (risos), “Não me digam nada, vou só aqui acompanhando...”, e ele voltou-se para mim e disse, “Já te vais ouvindo...” (...)”</p> <p>“Mas uma das coisas que eu mais prezo nestas histórias do grupo coral é a forma carinhosa como nos tratam. Portanto, os mais velhos, a gente trata-os com carinho, com amizade e eles fazem o mesmo connosco. E então quando a gente faltamos ao ensaio vêm logo com o dedo acusador, “Não foste ao ensaio...”, “Vê lá, não podes faltar, a gente precisa de ti”, mas de uma forma educada e carinhosa, e a gente sente que as pessoas gostam de nós, e nos grupos corais acontece muito isso.”</p>

Acerca de ...	Deixar de Cantar
Filipa relata que...	“(...) se formassem um grupo, hoje ou amanhã, eu ia entrar outra vez porque eu gosto.”
Vasco relata que...	“Eu tomei a decisão de ir e agora já nada me move de lá estar, nada!”

Acerca de ...	Por Onde Andam os Grupos Corais? De Onde São e Onde Actuam
Filipa relata que...	-----
Vasco relata que...	<p>“(...) em Julho de 2008 à semana cultural da Baixa da Banheira, onde têm um grande encontro de grupos corais (...)”</p> <p>“(...) os que estão sediados na orla de Lisboa, como no Seixal e na Baixa da Banheira, Barreiro, há muitos grupos corais (...)”</p> <p>“Serpa, sim senhora, é uma referência do cante alentejano ao nível nacional, do cante alentejano, sem dúvida nenhuma, eles conseguem fazer coisas maravilhosas com as vozes.”</p> <p>“(...) não há invento quase nenhum, cultural, falo de evento cultural, que não tenha cantares alentejanos. Tu vais a uma semana cultural, seja ela onde for, tem sempre cantares alentejanos. Em Lisboa fazem-se encontros de grupos corais, na orla de Lisboa fazem-se encontros de grupos corais (...)”</p>

Acerca de ...	O que Pensa do Futuro do Cante Alentejano
Filipa relata que...	<p>“(...) se não forem jovens a entrar nisto... como é uma tradição e é bonita, depois acaba. E pronto, cai no esquecimento.”</p> <p>“Como os jovens não estão (...) a aderir muito a isto e as pessoas se vão tornando mais idosas (...) Isto mais tarde ou mais cedo vai acabar, porque os jovens agora já não ligam nada. E as pessoas também não estão aqui para sempre.”</p>
Vasco relata que...	<p>“(...) normalmente os grupos corais que estão fora do Alentejo, conseguem transmitir melhor as raízes do que nós próprios aqui.”</p> <p>“(...) a participação vai decrescendo de ano para ano, porquê? Porque não se vai conseguindo agarrar as raízes. Portanto, inicialmente quem ia ver os</p>

	<p>grupos corais alentejanos eram os alentejanos que iam saindo daqui, depois ainda conseguiram transmitir alguma coisa aos filhos, mas os netos agora já não vão. (...) não vamos conseguindo passar a vontade que existia nos alentejanos em manter as tradições.”</p> <p>“Quando vamos ao exterior nota-se mais afluência, porque as pessoas têm saudades (...)”</p> <p>“Há uma série de coisas, de tradições antigas (...) que se perderam completamente com o tempo (...) vai-se perdendo uma série de coisas, que os mais novos nunca vão saber como é que é, quando se podia fazer uma preservação, portanto isto da identidade social...”</p> <p>“(...) só temos lá aqueles, quando aqueles morrerem acabou. Eu estou vendo que, por exemplo, na Salvada vai ser muito complicado passar a tradição, não digo num efeito imediato, mas a curto prazo, sim, vai ser muito complicado, se não fizermos nada para os estimularmos e para eles aparecerem, manter o grupo coral.”</p> <p>“(...) perde-se a memória colectiva do povo.”</p>
--	--

Acerca de ...	O que Pensa da Atitude dos Mais Jovens
<p>Filipa relata que...</p>	<p>“(...) a gente agora é diferente. Já não ligam muito a este tipo de coisas (...)”</p> <p>“Eles estão diferentes, pronto, acham que são bonitas, mas pronto, desinteressam-se.”</p> <p>“(...) os jovens não estão... não estão a aderir muito a isto (...) os jovens agora já não ligam nada”</p>
<p>Vasco relata que...</p>	<p>“(...) “onde tu estás, não gostas de estar”, portanto, se calhar, sintes-te melhor a cantar à alentejana no Barreiro, de que te sintes melhor a cantar à alentejana na Salvada.”</p> <p>“Eles hoje em dia quase não têm vida social (...) e tão horas no Messenger (...)”</p> <p>“(...) há malta que nem consegue ouvir um coral.”</p> <p>“Os jovens escasseiam, escasseiam no grupo coral, escasseiam nas actividades que nós fazemos.”</p> <p>“(...) já não vão é os netos e os filhos, que já não querem saber.”</p> <p>“Os jovens não vêem que temos que ser nós a andar para a frente e têm que ver os grupos corais como isso mesmo, uma mais valia no meio onde estão.”</p>

Acerca de ...	A Atitude das Outras Pessoas em Relação aos que Cantam
Filipa relata que...	<p>“Diziam que era velha... e gozavam comigo (...)”</p> <p>“Eles sabiam que eu cantava, e depois não diziam mais nada, foi só aquele tempo, depois era o hábito.”</p> <p>“(…) depois não gozaram mais.”</p>
Vasco relata que...	<p>“(…) as pessoas, às vezes, vêm-nos como retrógrados em relação às coisas. Vêm-nos no outro lado, “Eh! Se tá velho!” (...)”</p> <p>“Infelizmente a comunidade não nos trata da forma como nos devia tratar, e estes jovens que estão a fazer um trabalho espectacular, de certeza, são vistos como pessoas que não têm cultura... quando é ao contrário, eles é que têm cultura. Eles sim, é que estão muito à frente dos outros.”</p>

Acerca de ...	Como se Reage à Atitude das Outras Pessoas
Filipa relata que...	“(…) mas eu também não me importava. Eu também na altura não tinha muitos amigos, como era nova aqui, pronto...”
Vasco relata que...	-----

Acerca de ...	Os Jovens nos Grupos Corais Alentejanos
Filipa relata que...	“Houve um amigo meu, que disse que gostava de entrar, mas depois... era o único. Ele canta lá com a mãe, num grupo de outra aldeia.”
Vasco relata que...	<p>“Eu tenho um senhor no grupo que tem oitenta anos (...) e depois o mais novo tem quarenta e um. Portanto, está aqui uma discrepância grande, porque não tens ninguém com trinta anos, não tens ninguém com dezoito, nem dezassete, portanto é muito complicado.”</p> <p>“ Eu tenho uma fotografia muito curiosa, de uma semana cultural da Salvada, do grupo coral de Albernôa, e achei quatro imagens curiosas no grupo. Dentro do grupo havia quatro jovens, de dezoito anos, de óculos escuros, a cantar à alentejana.”</p> <p>“Agora conseguimos um de trinta anos, o que já é muito bom (risos).”</p> <p>“(…) no nosso grupo, temos um de quarenta e um, quarenta e dois, quarenta</p>

	e sete e depois é tudo dos cinquenta para cima, mas a maioria é tudo dos sessenta e tais. (...) quem deveria lá estar eram, os filhos daqueles de sessenta e setenta anos, e já alguns netos.”
--	--

Acerca de ...	Transmitir a Tradição do Cante Alentejano
Filipa relata que...	-----
Vasco relata que...	“ Eu tento... portanto. A Catarina vai comigo a algumas iniciativas, mas é muito difícil tirá-los do Messenger, da internet (...)”

Acerca de ...	O Futuro do Cante Alentejano, uma Visão Mais Optimista
Filipa relata que...	-----
Vasco relata que...	<p>“(...) eu tenho conhecimento de que em Serpa se está fazendo um excelente trabalho ao nível de educação do cante alentejano. (...) estão a fazer um projecto escolar muito interessante, e eu acho que pode ser por ai. Chegando mais cedo aos miúdos, indo ao local onde eles estão (...) incentivando e indo aos sítios.”</p> <p>“Eles vão e depois incentivam os miúdos a cantar à alentejana. (...) e vão levando isso à escola, e vão incentivando isso nos miúdos, eu penso que é um bom começo, para salvaguardar... Baleizão, Baleizão, já tem um grupo juvenil, portanto, penso que seja por aqui. A gente não diz que vamos salva-los todos, ou que vão todos cantar à alentejana, mas daqueles dez ou doze, que iniciam agora, se ficarem quatro ou cinco já é uma mais valia.”</p> <p>“Isto faz parte da memória colectiva do povo, e então há coisas que não se podem perder (...)”</p> <p>“A ideia tem de passar por nós queremos manter uma tradição (...) é uma actividade que se faz, em torno de uma comunidade e de uma associação e isso é que é importante (...)”</p> <p>“Os outros é que deviam ter noção que eles não são velhos, eles estão a lutar por uma coisa que é manter uma tradição.”</p> <p>“(...) não faz mal estarmos inseridos nos grupos corais, não faz mal a gente ter um brinco, porque sinte-se bem com o brinco, não faz mal nós termos óculos escuros e estarmos vestidos de grupo coral e cantarmos. Não faz mal!”</p> <p>“Agora as pessoas têm é que entender que aquilo que os outros nos vão transmitindo, nós também temos que transmitir de alguma forma. E a forma</p>

	<p>que nós temos de transmitir (...) é começarmos a trabalhar.”</p> <p>“(...) somos nós que temos que fazer, “Gostavas de cantar, queres vir ao grupo coral?”, “Queres ir ensaiar um dia?” (...) e vamos à procura de mais jovens para irem, mais jovens como eu, mas eu quero mais novos, não é?”</p> <p>“Mas eu acho que tem que se romper estes preconceitos e temos que ver os grupos corais como mais valias, porque normalmente são vistos como uma coisa à parte.”</p> <p>“Imaginem o que seria uma comunidade sem grupo de desporto, grupo cultural, sem grupo coral? O que seria dos jovens e o que seria daqueles velhotes sem nada disto, o que é que eles fariam dias inteiros? Têm que ver isto como uma actividade, uma mais valia para eles.”</p> <p>“Tem que se desmistificar um bocado isto, não somos uns velhos que ali estamos acabados!”</p>
--	---

Acerca de ...	Uma Mensagem, uma Esperança...
<p>Filipa relata que...</p>	<p>“E as pessoas mais jovens... que tenham vozes... mesmo que não tenham as melhores vozes do mundo! Eu também não tenho! Mas se forem aprender a trabalhar a voz, mais à frente... mais para a frente têm... conseguem!”</p>
<p>Vasco relata que...</p>	<p>“(...) e o que eu queria alertar as pessoas é (...) que olhem para nós, eu tenho quarenta e dois anos e não me sinto nenhum cota, não é? Mas não olhem para mim como se tivesse noventa, não é? Por contar à alentejana, não!”</p> <p>“Eu acho que há uma classe em Portugal, que são os animadores socioculturais, que têm um papel fundamental nisto tudo. Eu acho que são eles enquanto animadores da sociedade, que têm de encontrar os caminhos para preservar este tipo de coisas.”</p> <p>“O canto alentejano, sempre! É a minha palavra. É que se incentive a cantar à alentejana, e que se procurem oportunidades para os mais jovens aprenderem, porque muitas vezes eles também não aprendem porque ninguém os ensina.”</p>

Quadros Temáticos do Grupo das Pessoas Mais Velhas

Acerca de	Gosto Pessoal pelo Cante Alentejano
Maria relata que...	<p>“(...) gostei sempre muito de cantar (...)”</p> <p>“Continuei sempre a cantar, porque gostei sempre muito de cantar. E gosto, gosto muito de fazer cantigas e gosto muito de cantar.”</p> <p>“E gosto muito de cantar, mesmo... de luto que estou, mas ainda canto.”</p> <p>“(...) sou uma pessoa com um espírito muito alegre, e... com os meu desgostos, mas gosto muito de cantar (...)”</p> <p>“O gosto pelo cante. O gosto por cante.”</p> <p>“Mas, quem tem gosto pelo cante, porque eu sempre tive o gosto pelo cante, sempre (...) gosto muito do cante alentejano.”</p> <p>“Sou alentejana, gosto do cante alentejano.”</p> <p>“Gosto muito dos cantares alentejanos. (...) E gosto muito de ouvir um grupo, tanto faz de senhoras como de homens, cantarem, gosto muito.”</p> <p>“Os cantares alentejanos são muito bonitos e há muitos grupos corais bonitos, (...) e pronto, é muito bonito (...) são todos bonitos.”</p> <p>“(...) era rapariga, comecei logo a cantar, gostava de cantar, comecei logo a cantar.”</p>
Rosário relata que...	<p>“O cante alentejano foi muito bonito, era muito bonito.”</p> <p>“Cantei sempre, sempre, sempre, cantei sempre, gosto muito de cantar.”</p> <p>“Porque sempre gostei de cantar.”</p> <p>“(...) tou sempre cantando, devagarinho, tou sempre cantando, que eu gosto muito de cantar.”</p>
José relata que...	<p>“Que sempre gostei muito, muito, muito de cantar.”</p> <p>“E é uma das coisas que gostava e gosto (...)”</p>

Acerca de ...	Gosto Colectivo pelo Cante Alentejano
<p>Maria relata que...</p>	<p>“(...) tinha ermãs e cantávamos (...). Não tínhamos mais nada e cantávamos ao serão aquelas modas que a gente sabia.”</p> <p>“E porque gostávamos muito.”</p> <p>“Eu, éramos quatro ermãs na minha casa e a gente cantávamos, o meu pai ajudava a gente a cantar, cantava muito bem, e a gente cantava.”</p> <p>“Em chegando ao trabalho era logo, começava uma a cantar e as outras ajudavam logo (...) em ranchos de trinta mulheres e quarenta.”</p> <p>“E a gente ali sentados de boquinha aberta, os mais velhos já a cantarem, pois.”</p> <p>“(...) a minha mãe com as outras mulheres faziam aqueles grandes cantes (...).”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“Juntávamos-se aquela rapaziada nova cantando.”</p> <p>“(...) a gente gostava de cantar, aquelas pessoas gostavam de cantar.”</p> <p>“(...) o meu pai também sabia cantar muito bem, e dava em assobiar, e a gente íamos atrás do assobio do meu pai e às paginas tantas era cantar!”</p> <p>“Porque gostamos. Faz parte da gente.”</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“(...) as nossas modas, aquilo que a gente sabia, um bocadinho melhor, um bocadinho mais mal, mas pronto, davam todos um jeito no cante (...).”</p> <p>“A gente tava no palco, em que na frente, elas estavam a ver a gente, todas contentes (...) todas cheias de alegria, como nós estávamos, e a gente tavamos à vontade.”</p> <p>“Acompanhávamos-se uns aos outros, ajudávamos-se uns aos outros naquilo que fosse preciso.”</p> <p>“A gente em se juntando, como éramos muito amigos de cantarmos, daí a nada estávamos a cantar.”</p> <p>“(...) lá sempre um que puxa, e em começandem a cantar, todos me chamam (...).”</p> <p>“(...) o meu sogro e o meu cunhado, que levávamos as noites cantando (...) noites inteiras. Uma vez fomos para a feira (...) começámos a cantar lá no primeiro dia, só voltámos no último.”</p>

Acerca de ...	Onde, Quando e Com Quem Cantavam Quando Novos
<p>Maria relata que...</p>	<p>“(...) cantava em casa e com as minhas irmãs (...) e cantávamos à noite, ao serão.”</p> <p>“(...) com onze anos no campo, e aí comecei com as minhas amigas e cantávamos na monda, na aceifa, na azeitona, na apanha da uva, e cantávamos. Quando vínhamos de volta no caminho (...) vínhamos sempre fazendo aqueles ranchos de moças cantando (...)”</p> <p>“Depois casei-me, mas continuei sempre a cantar, na minha casa, nos dias que ia trabalhar no campo (...)”</p> <p>“(...) tínhamos uma hora para almoçar e a gente (...) fazíamos brincas, fazíamos teatros, e sempre cantando! (...)”</p> <p>“Á noite, não havia um rádio, não havia uma televisão, a gente não tinha nada, passávamos os serões como? Cantando!”</p> <p>“Em chegando ao trabalho era logo (...) e esta cantava uma cantiga, e depois a outra lá da outra ponta do trabalho... (...) Chegámos a andar em ranchos de trinta mulheres e quarenta...”</p> <p>“Grupos de mulheres e homens.”</p> <p>“(...) os homens também cantavam. Quando fazíamos as aceifas (...) à noite, sentava-se tudo, fazia-se um circulo e cantavam as mulheres juntamente com os homens (...)”</p> <p>“Íamos a um baile (...) E tudo ali cantava um serão inteiro (...)”</p> <p>“Nos momentos mais alegres, nos campos (...)”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“Íamos para o campo cantando no caminho. (...) Ia tudo junto. Aquelas rinchadas de moças.”</p> <p>“(...) as pessoas velhas não cantavam, algumas não cantavam, porque eram viúvas (...)”</p> <p>“Tanto na aceifa, como na monda, era uma festa.”</p> <p>“(...) na casa do povo, no baile da casa do povo, na esplanada da casa do povo, no lado de fora. Faziam-se bailes (...) Às vezes também se cantava (...)”</p> <p>“(...) a gente punha-se de roda do lume a fazer as nossas habilidades (...) às paginas tantas era cantar! Isto era todas as noites, todas as noites, todas as noites... cantar.”</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“(...) juntávamos-se a beber um copinho e depois cantávamos.”</p>

	<p>“Juntávamos-se nas tabernas, ou nas sociedades (...)”</p> <p>“(...) a gente a cantar, dançávamos. Ao almoço, era no jantar.”</p> <p>(...) lá na praça (...) juntávamos-se além, catorze ou quinze (...)”</p> <p>“Raparigas a cantarem com a gente, a gente a cantar com elas.”</p> <p>“Em várias casas (...) para abater a terra, para fazer o chão, dançávamos lá em cima.”</p> <p>“Era praticamente diário.”</p> <p>“(...) em casa levava o tempo cantando.”</p> <p>“Quando fui para a França (...) haviam muitas pessoas cá do Alentejo e ajuntávamos-se lá e cantávamos. Na minha casa em França (...) e lá se passavam os Natais, as Páscoas, lá passávamos esse tempo a cantar à nossa maneira.”</p> <p>“(...) ia-se para as aceifas de carros de parrelha, de bestas, ia-se para lá cantando, vinha-se para cá cantando.”</p>
--	---

Acerca de ...	Cantar para Esquecer as Dificuldades e para Trazer Alegria
Maria relata que...	<p>“Era uma forma de passarmos o dia do nascer do sol ao pôr, melhor. Não se sentia tanto... as dores que nós tínhamos no corpo. E os dias passavam-se, as horas passavam-se mais depressa.”</p> <p>“Para passarmos os dias melhores! (...) E para passar os dias melhores.”</p> <p>“E respondia a outra e depois cantava a outra e depois respondia a outra, e o dia passava assim. E chovendo água em cima do nosso corpo, muitas das vezes, e sem uma embrulha, e assim passávamos o nosso tempo.”</p> <p>“A gente para esquecer, muitas das vezes, muitas das vezes... para a gente esquecer o que se sentia em casa, o que a gente via sentir em casa, os nossos pais e... (...) e a gente faz de conta que era um desporto. (...) o nosso desporto era esse, olha, cantava, esquecia-se (...)”</p> <p>“Porque tinha que haver alguma coisa que alegrasse a gente, porque debaixo de água, às vezes de inverno, chovendo, chovendo, e a gente mondando e trabalhando. Dias um pouco amargos que havia para a gente, mas pronto.”</p>
Rosário relata que...	<p>“Que a gente memo com faltas, memo com faltas... que a gente passámos muito (...)”</p> <p>“Isto era geral, pois, pois... Umás mais do que outras. E então a gente memo com aquela miséria íamos para o campo cantando no caminho.”</p>

	<p>“(...) a gente passávamos uma coisa do piorzinho, mas sempre alegres, sempre alegres.”</p> <p>“É como eu lhe digo filha, não era fácil. E não era só na minha casa, era geral, era geral, sim senhor.”</p>
José relata que...	<p>“Eram tempos difíceis sim senhor. Verdadeiramente eram difíceis. Mas com muito mais alegria com que não existe hoje. (...) toda a gente vive melhor, mas não há aquele amor e aquele carinho que existia, como existia antigamente. No tempo de miséria, esta é a realidade.”</p>

Acerca de ...	Brincadeiras, Formas de Passar o Tempo e Tradições
Maria relata que...	<p>“Não tínhamos mais nada e cantávamos ao serão aquelas modas (...)”</p> <p>“(...) davam o almoço, tínhamos uma hora para almoçar (...). Mas mesmo dentro dessa hora (...) fazíamos brincas, fazíamos teatros (...) havia sempre duas ou três para cantarem a moda e as outras todas batiam as palmas (...)”</p> <p>“Pulávamos à Inteira, jogávamos ao Rucha Milhano, e fazíamos essas brincadeiras assim.”</p> <p>“Era o nosso divertimento. Era o trabalho e era o cante. E assim passávamos.”</p> <p>“À noite, não havia um rádio, não havia uma televisão (...) passávamos os serões (...) cantando!”</p> <p>“Em chegando ao trabalho era logo, começava uma a cantar e as outras ajudavam logo. (...) e o dia passava assim.”</p> <p>“Fazíamos meia à noite, ao serão, fazíamos as meias que nós usávamos nas nossas pernas no trabalho, com cinco agulhas, fazíamos as meias para a gente usar.”</p> <p>“(...) acabava-se de comer e davam-se ali meia dúzia de pulos e jogava-se e brincava-se. Jogávamos às joguetas (...) eram seis cascalinhos e andava sempre um no ar (...). Jogávamos à calha, também (...)”</p> <p>“Quando fazíamos as aceifas (...) que não vínhamos a casa (...) à noite sentava-se tudo, fazia-se um círculo e cantavam (...)”</p> <p>“Íamos aos bailes e fazíamos uma roda, enfiávamos os braços uns nos outros e fazíamos uma roda (...) bailhávamos assim (...)”</p> <p>“Pelo carnaval (...) vestíamos-se à cigana. À cigana é fato comprido até ao chão (...) fazíamos versos, assim à cigana, e procurávamos aqueles estilos sempre dos ciganos e cantávamos assim mais ou menos como eles cantam, fazíamos aqueles “aaaa...” e com a pandereta e assim fazíamos aquelas brincadeiras que naquele tempo se usavam.”</p>

	<p>“(...) no campo, o cuco canta, e a gente pergunta “Cuco da ribeira, quantos anos sou solteira?” e ele canta “cuco... cuco”. (...) para mim eu perguntava e ele cantava duas vezes, para uma das minhas companheiras cantava três ou quatro vezes, e a gente riamos e dizíamos “Olha, eu só estou dois anos, tu estás três, tu estás quatro...” (...). Ele estava calado, a gente perguntava-lhe e ele cantava.”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“E depois vinha-se ao carnaval, na altura do carnaval, levamos a roupa da nossa casa, para destrajarmos (...)”</p> <p>“(...) e no tempo das amêndoas, ganhávamos as amêndoas. (...) Era o “Contrato”, fazíamos contrato. (...) o contrato era assim. Era o pacotinho de amêndoas, “Olha vamos fazer contrato, vamos fazer contrato”, juntávamos assim os dedos, assim (entrelaçar os dedos mindinhos), e “Vamos fazer contrato”. Eu por exemplo, fazia todas as possíveis para me esconder, para vocemecê não me encontrar, agora se eu a fosse encontrar a si, eu ganhava o contrato, se você me fosse encontrar a mim, ganhava você. (...) e a gente íamos para o campo, cedo, cedo, cedo, para se escondermos, “Olha, fulana passa por aqui, para ir para o trabalho, passa por aqui, e a gente vamos-se esconder”, e então era assim, escondíamos-se e ou depois víamos-as vir, e conforme elas iam passando, nos levantávamos-se e “Contrato!”</p> <p>“O nosso divertimento era (...) a fonte. A gente para ver os namorados (...) então a gente vínhamos do trabalho, lá vestíamos outra fatiota, ou às vezes a mesma, vestíamos para ir à fonte, para vermos os nossos namorados. Mas não se falava (...). Víamos só, só os víamos!”</p> <p>“(...) a gente punha-se de roda do lume a fazer as nossas habilidades. Umaz faziam renda, outras faziam bordados, outras faziam malhas (...)”</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“Oh... juntávamos-se nas tabernas, ou nas sociedades e depois, uns copinhos dá para a gente se divertir um pouco.”</p> <p>“(...) a cantar, dançávamos. Ao almoço, era no jantar.”</p> <p>“Dançávamos no campo. Nos pequenos intervalos que tínhamos, pronto, acabávamos de comer e cantávamos e divertíamos-se!”</p> <p>“Íamos para os bailes, em que dançávamos toda a noite, a cante, ou ao toque de flauta (...) juntávamos-se e divertíamos-se assim, nesse tempo. Era isso e era a concertina (...)”</p> <p>“(...) tínhamos aquelas tradições da altura do Natal, de cantar ao menino. (...) Era em casa, de roda do fogo, comendo do que a gente nessa altura arranjava de melhor, pois. Era a noite de Natal (...)”</p>

Acerca de ...	Cantar para Namorar
<p>Maria relata que...</p>	<p>“(...) cantava o verso, por exemplo, ao namorado. O namorado até respondia, se lá estava na presença. E era assim que levávamos... e às vezes havia namoros feitos por cantigas e outros que se desmanchavam nas ditas cantigas, que se cantavam.”</p> <p>“(...) e era assim que a gente falava com os nossos namorados porque não podíamos falar de outra maneira, que os nossos pais não deixavam.”</p> <p>“Era assim os namoricos, lá no campo, no trabalho (...)”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“E assim se ia falando. Por exemplo, na aceifa iam-nos homens atarem e para ceifarem, e às vezes ajuntávamos-se namorados lá na aceifa (...). E depois cantamos, cantamos uns aos outros, era assim.”</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“O namoro antigamente era assim. (...) Ia-se à quinta e ao domingo para o namoro, se era na aldeia (...) falávamos à porta. (...) Tinha que ser assim um bocado às escondidas dos pais e das mães.”</p> <p>“(...) no campo, a gente ia à frente ceifando e elas vinham atrás e vínhamos conversando e era assim.”</p>

Acerca de ...	Referências Familiares
<p>Maria relata que...</p>	<p>“(...) éramos quatro irmãs na minha casa e a gente cantávamos, o meu pai ajudava a gente a cantar, cantava muito bem, e a gente cantava.”</p> <p>“O meu pai, eu saí ao meu pai, porque o meu pai cantava a despique noites inteiras, noites inteiras, com outro senhor.”</p> <p>“(...) eu aprendi essas modas porque as ouvia ao meu pai, essas modas, que já o meu pai as ouvia ao pai dele (...)”</p> <p>“E o meu pai sabia a moda e eu aprendi a moda (...)”</p> <p>“(...) foi o que eu comecei a ouvir primeiro quando era pequena. Com quatro anos já me lembra de ouvir o meu pai cantar. (...) Ou canto da chaminé (...) o meu pai de um lado e a minha mãe do outro.”</p> <p>“(...) estava a minha mãe que nos contava, a minha avó (...) contavam, e eu agora vou buscar isso tudo. Vou buscar as palavras que a minha avó dizia e as coisas que contava e depois escrevo.”</p> <p>“(...) lembro-me, era rapariga (...). A minha mãe com as outras mulheres faziam aqueles grandes cantes (...)”</p> <p>“È antiga, é uma moda também do tempo dos meus pais (...)”</p>

	<p>“(...) esta era a moda preferida do meu pai. Era esta, era a que ele cantava mais.”</p> <p>“(...) era uma moda que ouvia ao meu pai, e aos meus avós.”</p>
Rosário relata que...	“(...) o meu pai, também sabia cantar muito bem, e dava em assobiar, e a gente íamos atrás do assobio do meu pai (...)”
José relata que...	“(...) duas pessoas (...) que nunca posso esquecer na vida. Que era o meu sogro e o meu cunhado (...) o meu sogro e o meu cunhado cantavam tão bem que deixavam, muitas das vezes, pessoas a chorar.”

Acerca de ...	Formas de Vestir
Maria relata que...	<p>“Usávamos o nosso trajo. O nosso trajo era assim: era a saia; era a blusinha, uma blusa abotoada à frente, toda justinha; era o avental redondinho com o folhinho ao redor, com duas algibeiras; um lenço bonito, estampado, na cabeça; e um chapéu e um ramo de flores no chapéu.”</p> <p>“Tudo colorido. E as blusas todas floridas.”</p> <p>“Formei um grupo. (...) os lenços ao pescoço floridos, com as flores do campo, amarelas, encarnadas, cor-de-rosa, folhas verdes, o lenço azul escuro, saia azul escura, blusas brancas. (...) E nas mãos a espiga e a papoila.”</p> <p>“(...) por causa das tranças do outro tempo (...) fazia-se tranças e depois ligavam-se umas às outras e fazia-se argolas no cabelo com as tranças (...)”</p> <p>““(...) proparamo-las de chapéu e lenço na cabeça e tudo, como no tempo antigo, proparamos as meninas como a gente usou no nosso tempo. E a nossa farda era deferente, era saia e não tínhamos chapéu.”</p>
Rosário relata que...	“(...) a gente com os nossos vestidos de chita (...) com vestidinhos baratos de chita, feitos por nós.”
José relata que...	-----

Acerca de ...	Outros Estilos de Música
Maria relata que...	<p>“Apesar de eu ser uma amiga do fado.”</p> <p>“(...) é o despique. (...) Cantar a despique (...) eu cantava e ela respondia e</p>

	<p>depois respondia-lhe eu outra vez.”</p> <p>“Mas tenho mágoa de não ter nascido fadista. Não sei cantar fado, não é? Mas canto (...) sinto o que ouço cantar (...) o fado, para mim... porque, chega-me mais cá... choca-me mais, dentro, o fado.”</p> <p>“(...) gosto muito de cantar as modas alentejanas mas se me perguntarem (...) “mas de todos os cantes qual é o que gosta mais?” (...) É o fado. (...) Porque sou romântica. (...) O fado é mais para mim.”</p>
Rosário relata que...	-----
José relata que...	“Foi é uma coisa que eu não aprendi, que era cantar a despique (...). E eram cantigas de improviso!”

Acerca de ...	Sentimentos Despertados ao Cantar
Maria relata que...	<p>“(...) para mim era uma alegria (...) eram as cantigas...”</p> <p>“Sinto o que canto. Tanto que sinto o que canto que chego a cantar, a estar a cantar e a chorar ao mesmo tempo. Porque estou sentindo o que estou cantando.”</p> <p>“(...) o fado chega-me mesmo ao coração, ao passo que o cante alentejano para mim tem muito valor, tanto tem que canto, mas já é uma coisa que me dá mais alegria. O cante alentejano para mim é uma coisa de mais alegria, mais alegre. O fado, não, o fado é uma coisa, para mim, uma coisa mais decente (...)”</p> <p>“É sentir aquilo que canta, ou que está dizendo, por exemplo, aquilo que escreve e depois vai ler, muitas das vezes eu escrevo e depois vou ler e correm-me as lágrimas (...). Porque sou romântica. (...) Porque quando escrevo, é assim um bocadinho para... para o triste (...) quando ouço outra pessoa a cantar, gosto de sentir o que ela canta. Gosto de sentir.”</p> <p>“(...) gosto de transmitir às pessoas aquilo que estou sentindo, que sinto que estou cantando e estou sentindo cá dentro. Umas com mais alegria, outras com mais tristeza.”</p> <p>“O fado é mais para mim. As modas alentejanas, é mais para fora. Mais para o Alentejo, para as pessoas que estão ouvindo, que estão vendo.”</p> <p>“(...) ouvindo um fadista (...) eu estou sentindo, fecho os meus olhos e estou sentindo (...) aquela emoção.”</p> <p>“O lado mais alegre porque foi o que eu comecei a ouvir primeiro quando era pequena.” [fala em relação ao cante alentejano]</p>

Rosário relata que...	<p>“Isso nasce com a gente, nasce. Há uma coisa qualquer que faz a gente, não sei... pronto. Está na alma.”</p> <p>“Faz parte da gente.”</p>
José relata que...	<p>“Sentia aquele prazer em cantar.”</p> <p>“Não tenho aquela alegria [devido à doença da esposa] e quando a gente não tem uma certa alegria não sente muito bem aquilo que está a fazer. Porque a gente para tar a cantar tem que tar bem fixado naquilo que vai cantar e não pode pensar noutras coisas qualquer. (...) a voz não sai com aquela alegria que a gente precisamos de ter para cantar.”</p> <p>“Eram modas (...) alegres, pois (...)”</p> <p>“Ainda ontem cantámos, e eu aí revivi o cante. Senti aquela saudade de cantar. Tanto que tava a cantar e da saudade que sentia do cante, corria-me as lágrimas, sim senhora. Consigo sentir aquilo que desejo, aquilo que sinto, no prazer de cantar.”</p> <p>“(…) cantavam tão bem que deixavam, muitas das vezes, pessoas a chorar.”</p>

Acerca de ...	Cantigas Desconhecidas
Maria relata que...	<p>“E cantávamos modas muito bonitas, que ninguém as canta em Portugal, porque... há modas que ninguém as canta porque não as sabem, nós aprendemos, eu aprendi essas modas porque as ouvia ao meu pai (...)”</p> <p>““Nas margens da ribeirinha” (...). Hoje ninguém canta esta moda, ninguém, ninguém, não há grupo nenhum alentejano que cante esta moda, ninguém mas não a sabem, não cantam porque não sabem.”</p> <p>“Uma moda tão, tão antiga, que grupo nenhum a canta. Não a cantam porque não a conhecem.”</p>
Rosário relata que...	-----
José relata que...	-----

Acerca de ...	Fazer e Modificar Cantigas
Maria relata que...	<p>“(…) gosto muito de fazer cantigas (...)”</p> <p>“Faço as minha próprias cantigas, e algumas modas que nós cantámos</p>

	<p>foram feitas por mim. Ainda hoje tenho escrito ... estou ainda escrevendo com a idade que tenho...”</p> <p>“Vêm-me ao sentido aquelas coisas e eu gosto. Algumas escrevo, tenho escritas e outras ficam-me no sentido gravadas.”</p> <p>“E fazíamos versos umas às outras.”</p> <p>“Fazíamos cantigas ali na hora. Àquilo que nós andávamos a fazer.”</p> <p>“Tenho muitos escritos, muitos, muitos, muitos, e modas, muitas modas escritas.”</p> <p>“Também cantávamos, também chegámos a cantar [no grupo coral feminino]. Por exemplo, “Eu adoro o Alentejo”, também é minha essa moda (...)”</p> <p>“Eu começo aqui por dizer dois versos escritos por mim.”</p> <p>“Estes são versos feitos por mim, escritos por mim. Gosto muito de fazer versos, e... vêm-me as palavras ao sentido e eu gosto de as escrever.”</p> <p>“(...) e eu fiz este verso para a moda. (...) Há quem cante com várias palavras, outras, e a gente para não cantar igual fizemos outros versos.”</p> <p>“Esta foi escrita por mim. Esta, é um pássaro que há no Alentejo (...) O cantar dele é “cuco... cuco” (...) e então eu fiz esta moda (...) E vêm-me estas coisas ao sentido, o cuco.”</p> <p>“Também tenho aqui um verso feito à Salvada, também bonito. Tenho mais! Eu tenho muitos, se fosse ver do que tenho escrito, até...”</p> <p>“Tenho aqui esta que também é minha. “Ás quatro da madrugada”. Por exemplo, há um grupo, há mais grupos que cantam, mas é a moda do grupo de Portel. (...) Mas eu como tive num grupo de mulheres e queríamos cantar “Ás quatro da madrugada”, mas também não queríamos igual! E como não queria igual modifiquei e fiz a moda à minha maneira, para se a gente um dia se juntasse com o grupo, com outro grupo que cantasse, mesmo que a gente cantasse “Ás quatro da madrugada”, mas a música sendo outra, para não ser já a mesma. (...) Cantava a gente esta moda para não ser igual, as palavras, para a música não ser igual.”</p> <p>“(...) e fiz a cantiga para a moda.”</p> <p>“Esta também é minha, esta moda também a fiz para a gente a cantar no grupo.”</p> <p>“Este fui eu. (...) Vou buscar as palavras que a minha avó dizia e as coisas que contava e depois escrevo.”</p> <p>“Gosto de deixar estas coisas escritas, pode ser que os meus netos um dia gostem de ler (...)”</p> <p>“(...) estas palavras também são minhas, “Cabelo entrançado”, porque vou buscar a minha juventude, quando era nova, do meu cabelo entrançado.</p>
--	---

	<p>Vou buscar estas coisas.”</p> <p>“Esta moda é minha. Ninguém a canta (...)”</p> <p>“(...) esta é minha também. (...) Eu fiz a cantiga. (...) como o grupo que cantava era todo da Salvada, eu achei que devia ser assim, que devia pôr assim.”</p> <p>“A “Cotovia” também ninguém canta. (...) Esta cantiga é minha também.”</p> <p>“Uma que eu escrevi à minha vida. (...) lembrei-me de fazer isto da minha vida. “Fiz adeus à minha aldeia”.”</p> <p>“(...) eu tenho uma moda agora feita por mim à pouco tempo (...) aonde fui buscar o Monte do Outeiro (...) fala numas poucas de coisas, fala no monte, no poleiro, do galo e da galinha (...) a gente tem que ir buscar as palavras que vão versar no verso, porque senão vão versar já não presta.”</p> <p>“Às vezes estou deitada e os versos vêm-me ao sentido, e muitas das vezes puxo uns papeis que tenho ali na minha banquinha e escrevo. Às vezes um verso em meio, as outras palavras virão, num outro dia, para eu lá pôr, para escrever o resto do verso!”</p> <p>“Eu tenho várias coisas escritas, por exemplo, os versos que fiz ao cabreiro, a um moleiro também, um moleiro do Guadiana.”</p>
Rosário relata que...	“(...) metem outros versos, pois é, é verdade. Mas eu para isso assim, eu já não sou capaz, porque eu às vezes, às vezes uma pessoa... mas engana-se, engana-se.”
José relata que...	-----

Acerca de ...	Diferentes Regiões, Diferentes Estilos
Maria relata que...	“(...) há muitos grupos corais que vão às outras aldeias cantar (...) aqui na Salvada, vêm muitos grupos corais, de muitos lados. Uns cantam de uma maneira, outros cantam de outra, outros cantam...”
Rosário relata que...	-----
José relata que...	-----

Acerca de ...	Temas de Cantigas Alentejanas
<p>Maria relata que...</p>	<p>“Modas alentejanas.”</p> <p>“Ao Alentejo, ao Alentejo, ao Alentejo... sempre ao Alentejo. Ao trabalho, à azeitona, à azeitona miudinha, e era assim, à sombra da oliveira.”</p> <p>“As modas do grupo coral que eu formei, era tudo modas antigas, que chama a gente hoje, modas mais antigas (...)”</p> <p>“Eu acho que são bonitos porque fala naquilo que há. Por exemplo, falam nos raminhos, os raminhos são os raminhos das árvores, sobre as oliveiras, os chaparros, do sobreiro, por exemplo.”</p> <p>“(...) falam sobre o Alentejo.”</p> <p>“(...) falam sobre tudo aquilo que nós temos.”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“Oh! Muitas coisas, muitas coisas (risos). Aquelas modas antigas, que são agora antigas, pois. No nosso tempo eram modas modernas, pois. Era, por exemplo, “Ó Rita arredonda a saia...”</p> <p>“Era por exemplo, “Ó rama, ó que linda rama...” , “Ó Maria Zefa, não vás tanta vez à tua horta” (...)”</p> <p>“Cantava-se aquelas modas que não se podia cantar (sussurro). (...) Porque havia muitas coisas que a gente não podia cantar.”</p> <p>“Para trabalhar eram mais alegres (...)”</p> <p>“Era estas modas que estão correndo agora e algumas já mais antigas.” [temas que cantavam no grupo coral feminino]</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“Falavam nas raparigas, falava-se no trabalho (...) e a tudo o que existia nesse tempo.”</p> <p>“(...) a gente cantávamos vários temas, agora neste momento cantamos “Toda a vida fui pastor, toda a vida guardei gado”, é tudo alentejano.” [temas cantados no grupo coral masculino]</p>

Acerca de ...	Criação dos Grupos Corais
<p>Maria relata que...</p>	<p>“(...) aqui na Salvada havia um grupo coral de homens e eu pensei em formar um grupo de senhoras, de mulheres, e assim foi... formámos um grupo. Começámos a cantar, nos anos de uma senhora, por brincadeira, começámos a cantar e eu pensei, “vou formar um grupo”, e formámos o grupo (...)”</p>

	“(...) veio-me isto ao sentido, pensei, ouvi as senhoras cantarem, ouvi as senhoras cantarem e gostei das vozes delas e então pensei, eu vou ver se consigo formar um grupo na Salvada, feminino. (...) cantávamos e eu ouvia cantar esta, ouvia cantar aquela, e então demos-se em juntar aquelas que eu via que... (...) E então foi assim que o grupo começou (...) E tivemos o nosso baptizo (...)”
Rosário relata que...	“O grupo foi porque a gente gostava de cantar (...)”
José relata que...	<p>“E o grupo foi anunciado, uma noite lá na praça, que vieram uns cantarem alentejano, em que a gente juntávamos-se além, catorze ou quinze, e começámos a brincar, a cantar... vá, as nossas modas, aquilo que a gente sabia, um bocadinho melhor, um bocadinho mais mal, mas pronto, davam todos um jeito no cante, e como davam todos um jeito no cante, surgiu armarmos, fazermos um grupo.”</p> <p>“Deve ter dezasseis anos.”</p>

Acerca de ...	Motivo Porque Faz Parte de um Grupo Coral
Maria relata que...	<p>“Porque foi assim, havia grupos nas outras aldeias e na Salvada só havia o grupo masculino, feminino não havia nenhum e eu... (...) pensei, eu vou ver se consigo formar um grupo (...)” [motivo porque formou um grupo coral feminino]</p> <p>“O gosto pelo cante. O gosto por cante. Porque hoje há muitas coisas para as senhoras irem aqui, para irem ali. Apesar de aqui na Salvada de não haver.”</p>
Rosário relata que...	“Porque sempre gostei de cantar. (...) era uma distração para a gente (...)”
José relata que...	“Sentia aquele prazer em cantar. Que sempre gostei muito, muito, muito de cantar.”

Acerca de ...	Cantar, uma Forma de Recordar o Passado...
Maria relata que...	<p>“E então era assim. Lembro-me destas coisas e depois vêm-me ao sentido estas palavras e faço... E lembra-me quando era mais nova e pronto.”</p> <p>“Tempo que já passou e não volta, mas então... (...) Pois, é que ajudam. E agora com a idade que tenho, com setenta anos já feitos, já, quer dizer, recordo essas coisas todas.”</p>

Rosário relata que...	<p>“Sempre se vão recordando e certas coisas esquecemos-se (...)”</p> <p>“E em sendo aquelas que a gente cantamos quando éramos moça, nunca esquece.”</p>
José relata que...	<p>“Ainda ontem cantámos, e eu aí revivi o cante. Senti aquela saudade (...)”</p>

Acerca de ...	Deixar de Cantar
Maria relata que...	<p>“(...) ainda não perdi as esperanças de ainda cantar (...) ainda formava novamente o grupo (...) ainda gostava de formar o grupo.”</p> <p>“Tive muita pena, tive muita pena do grupo acabar (...)”</p> <p>“Pode ser que ainda, um dia, eu, mesmo com a idade... mas canto até ser mesmo velhinha. Canto, eu, até mesmo velhinha.”</p> <p>“Ainda não perdi as esperanças, ainda tenho as minhas esperanças que ainda canto.”</p>
Rosário relata que...	<p>“Foi pena ter acabado, é verdade, foi pena ter acabado, que era uma distração para a gente (...)”</p>
José relata que...	<p>“Tive no grupo até há dois anos, mais ou menos. Porque pronto, a senhora adoeceu (...) e é por isso que não me dá aquela alegria, aquele gosto de cantar (...)”</p> <p>“(...) tudo isso me abalou, praticamente era tudo aquilo que eu mais gostava, até tudo isso praticamente perdi.”</p> <p>“Ainda ontem cantámos (...) Senti aquela saudade de cantar.”</p>

Acerca de ...	Cantar nos Dias de Hoje
Maria relata que...	<p>“Nunca deixei de cantar (...) na minha casa ainda canto (...)”</p> <p>“Íamos ao chá, púnhamos-se lá às mesas, cantávamos (...)”</p>
Rosário relata que...	<p>“Memo aqui em casa eu tou sempre cantando (...)”</p> <p>“Já tenho cantado na casa do chá.”</p> <p>“(...) uma pessoa sozinha não se vai pôr agora a cantar no meio de tanta</p>

	gente, só por exemplo, numa altura, “Moças, vamos lá aqui cantar uma moda”, nessa altura está bem.”
José relata que...	“(…) agora é diferente. Isso acontece ao fim de semana, vá, com um copinho, lá sempre um que puxa, e em começarem a cantar, todos me chamam (…)”

Acerca de ...	Locais Onde os Grupos Actuam
Maria relata que...	“(…) cantar em vários sítios, por exemplo, na aldeia das Neves, em Beringel, aqui nas Festas da Nossa Senhora da Conceição, e cantávamos em vários sítios... Na Voz da Planície, em Beja, fomos lá várias vezes cantar.”
Rosário relata que...	“(…) aqui na Salvada, que eles vêm aqui (…)”
José relata que...	“(…) lá na praça, que vieram uns cantarem alentejano (…)” “(…) quando a gente tinha as saídas (...). A gente tava no palco (…)”

Acerca de ...	O que Pensa do Futuro do Cante Alentejano
Maria relata que...	“O que eu penso do futuro do cante alentejano... È que se os mais velhos não forem puxando pelos mais novos, para os irem ensinando e para eles se encegurem nos cantos, formarem grupos de cante. Pois. E eu não gostava de morrer sem ver isso. Porque os mais velhos vão... Hoje sai um, amanhã sai outro e os grupos de vinte pessoas... (...) e se não for assim por daqui a uns anos não se ouve o cante alentejano, não se ouve! O que é pena.”
Rosário relata que...	“O cante alentejano é do mais bonito. Antão mas... não há quem o cante. Então você não vê que esses grupos, os grupos que para ai andam é tudo gente de idade. Não há aquela juventude que faça um grupo com jeito. Por isso nunca é nada.” “Tem jeitos de acabar, sim senhor. Em morrendo estes velhotes que aí andam (risos) acaba-se.” “E a nossa tradição vai acabando, vai acabando. Chega ao ponto que acaba, chega a pontos que acaba, sim senhor.”
José relata que...	“Pois, pois, eu... eu... é o que toda a gente diz, que isto um dia o cante

	alentejano desiste. Acabará por se acabar a tradição. É uma tradição, vamos lá a ver, destas pessoas mais antigas, vá. Porque como eu com a idade que tenho, e mais quinze ou vinte, ou coisa assim, ou cinquenta/quarenta anos e daí para trás. Há quem desista de entrar, não há quem queira entrar. Isto é preciso uma força de vontade muito grande, se a gente não tiver força de vontade não vale a pena.”
--	--

Acerca de ...	O que Pensa da Atitude dos Mais Jovens
<p>Maria relata que...</p>	<p>“Os mais novos não puxam para isso. Eu estou aqui numa aldeia e vejo o que se passa nesta e nos outros lados deve ser igual. É pena porque os mais novos não puxam para cantar, assim, “vamos lá formar um grupo de cante”, por exemplo, de moços, dos seus dezoito, dezanove, vinte anos, formarem um grupo, arranjam uma pessoa já de idade para os ensaiar, ensinar as modas e fazer deles uns bons cantores. Não, não pensam. Pensam é noutras coisas, não se interessam.”</p> <p>“Mas é pena, se eles cantassem e formassem grupos de cante não faziam tantas coisas más que fazem e tristes que a gente vê, que é pena porque esses caminhos é que as pessoas deviam tomar, mas não os tomam, tomam é caminhos de drogas e coisas dessas que não levam a lado nenhum.”</p> <p>“Porque enquanto estão pensando nisso e em casa estão estudando as músicas, não pensam nas maldades e em fazer maldades e em se meterem em coisas que não devem.”</p> <p>“Nós cantávamos mais o cante alentejano porque havia assim mais trabalho do campo, hoje não, é tudo estudantes, e os estudantes não fazem tanto essas coisas, porque têm outras... fumarem o tabaco, drogas, e outras músicas que a gente sabe, e noitadas, e nós não.”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>“Porque não querem (risos).”</p> <p>“Não sei! Não querem, pois atão, não querem, querem lá saber. Eles gostam de outras músicas, mais parvas.”</p> <p>“Isto, as pessoas, está tudo sem vontade, tá ouvindo. E não há quem as puxe, é uma coisa à vontade. E é assim. O destraimento deles são as vendas, e pronto...”</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“Dos jovens, é muito diferente do que era antigamente. Os jovens hoje praticamente não vão a um bailhe, elas o mesmo, toda a gente tem carro, a verdade é assim, vão passar o tempo às discotecas e... pronto, em querendo ir é à vontade. Hoje é muito mais livre do que era antigamente.”</p> <p>“Aí é que está muito difícil, muito difícil, que esta juventude não... pronto, não querem, ou não sabem, ou não têm um certo interesse pelo cante. É por isso que há vários grupos aqui na nossa região que têm acabado. Onde havia um aqui na Câmara de Beja, havia um aqui nos Bombeiros, e em</p>

	<p>vários lados, haviam grupos e têm ido acabando por falta de pessoal novo para ajudar, pois.”</p> <p>“Não ligam tanto que... pronto, é uma questão deles não... não... Eles ouvem mas não se interessam. O que interessa são essas modas que, pronto, aquelas coisas que a gente desconhece, aquelas músicas novas que a gente desconhece.”</p> <p>“É mais grupos folclóricos, do Norte. Mesmo os nossos filhos. Ninguém puxa para cantar à alentejana. É tudo folclórico, tudo coisas que a gente não apreça, pois não apreça.” [refere-se às preferências dos jovens na França]</p> <p>“Será vergonha ou... pronto, sempre tem que se perder um pouquinho de tempo nos ensaios...”</p>
--	--

Acerca de ...	A Atitude das Outras Pessoas
Maria relata que...	“(...) há uns anos atrás, antes do nosso grupo (...) havia um grupo de raparigas novas, solteiras (...) As moças juraram nunca mais cantarem aqui e deixaram de cantar, porque as pessoas riam-se e faziam pouco delas (...) e oudepois arranjam namorados e eles ralhavam e não queriam (...)”
Rosário relata que...	-----
José relata que...	-----

Acerca de ...	Os Jovens nos Grupos Corais Alentejanos
Maria relata que...	<p>“O grupo da Salvada está reduzido a doze, treze, catorze, e porque já têm entrado homens já de vinte e tal anos. Mas de resto...”</p> <p>“(...) duas raparigas jovens. Crianças, que eram crianças. E uma ainda mais pequenina, que era a que tinha a bandeira, que a avó cantava lá.” [duas jovens que pertenceram ao grupo coral feminino da Salvada]</p>
Rosário relata que...	“Você há-de ver aqui na Salvada, que eles vêm aqui, vá, uns oito ou nove grupos e para aí um ou dois é que traz uma rapaziada nova, moços novos, mais é tudo velho.”
José relata que...	“Aí é que está muito difícil, muito difícil, que esta juventude não...” [resposta à pergunta, “E no grupo masculino da Salvada, há jovens que vão entrando para o grupo?”]

Acerca de ...	O Futuro do Cante Alentejano, uma Visão Mais Optimista
<p>Maria relata que...</p>	<p>“Mas era bonito, era bonito que houvesse um grupo de pessoas mais idosas e houvesse um grupo de jovens. Até podia ser misto, rapazes e raparigas.”</p> <p>“(…) os concursos na televisão de crianças a cantar. Eu dou muito valor, porque? Porque está puxando pelas crianças, para cantar, porque os jovens tão pequeninos estão com uma cegueira naquilo. (...) Eu dou muito valor, porque vejo o que isso é, que é alegria, e que as pessoas deviam fazer.”</p> <p>“(…) estes programas que cativam as pessoas, que cativam. Se não se começar a fazer... a ajuntar moços, grupos de jovens e a fazer umas festinhas, que é o que cá não há, mas devia haver. Umas festinhas para o ajuntamento dos jovens, para formarem um grupo. Em se formando numa aldeia logo a seguir faz logo outro, e era assim. E era assim que o cante alentejano não morria.”</p> <p>“(…) ainda tenho as minhas esperanças que ainda canto. (...) se fosse capaz disso, mas gente mais nova, gente mais nova. Gente mais nova, as tais moças que formaram o grupo e que depois largaram o grupo (...). Essas moças hoje são moças de trinta e tal anos já, e todas cantam bem, eu ouvias, todas cantam muitíssimo bem. Ainda não perdi as esperanças de um dia, um dia, quando tiver mais vontade, de as convidar, se elas quiserem, para formar um grupo, ainda canto com elas.”</p>
<p>Rosário relata que...</p>	<p>-----</p>
<p>José relata que...</p>	<p>“Mas a gente por acaso no grupo, ainda puxa por eles, “É pá, vem para o grupo com a gente”, “Ah, não quero, não quero”, e a gente...”</p>

Glossário

Aceifa – Ceifa, Colheita

Agregalam – Arregalam, Enchem

Aguens – Águias

Aprecea – Aprecia

Aquaso – Acaso

Antão – Então

Apariceu – Apareceu

Bailhar – Bailar, Dançar

Balanco – Erva que nasce junto das cearas

Bertenha – Tecido de Bretanha

Buber – Beber

Cortinha – Recipiente para transportar água

Convindar – Convidar

Deregido – Dirigido

Desentuada – Desentulhada, Límpida, Desobstruída

Destraição/ Destraimento – Distracção

Devedida – Dividida

Devertidas – Divertidas

Devertimento – Divertimento

Diveda – Dívida

Dezia – Dizia

Edade – Idade

Egual – Igual

Emproviso – Improviso

Encegueirarem – Ficar a gostar

Enconveniente – Inconveniente

Enfeliz – Infeliz

Enteiras – Inteiras

Entençaõ – Intençaõ

Ensobreira – Árvore que dá sombra

Envejo – Invejo

Ermãs – Irmãs

Flaita – Flauta, Instrumento de música

Ganhante – Vencedora

Hoije – Hoje

Inteira –

Lenguiça – Linguiça

Mensa – Mesa

Milhano – Ave, também conhecida por Milhafre ou Bilhano

Mode – Por causa de...

Moiral – Pastor

Orvalheiras – Orvalho, Humidade que surge quando nasce o dia

Oudepois – Depois

Pandereta – Pandeireta, Instrumento musical de percussão usado em músicas tradicionais

Pruparadas – Arranjadas. Preparadas, Ajeitadas

Quaje – Quase

Rinchada – Ranchos, Grupos de pessoas

Rucha Milhano – Brincadeira onde uma pessoa se faz passar por um pássaro e tenta proteger as suas crias de um predador

Taleguinha – Saco pequeno de fazenda usado para levar as refeições para o trabalho

Teje – Esteja

Vocemecê – Você